



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

THALYTA NASCIMENTO NUNES

IDENTIDADE CULTURAL E CONSTRUÇÃO DO FEMININO EM *CLARA DOS*
ANJOS

FORTALEZA

2021

THALYTA NASCIMENTO NUNES

IDENTIDADE CULTURAL E CONSTRUÇÃO DO FEMININO EM *CLARA DOS ANJOS*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Literatura Comparada.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Ferreira Rodrigues Pereira.

FORTALEZA
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- N929i Nunes, Thalyta Nascimento.
Identidade cultural e construção do feminino em Clara dos Anjos / Thalyta Nascimento Nunes. – 2021.
103 f.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza, 2021.
Orientação: Prof. Dr. Márcio Ferreira Rodrigues Pereira.
1. Lima Barreto. 2. Clara dos Anjos. 3. Identidade. 4. Feminino. I. Título.

CDD 400

THALYTA NASCIMENTO NUNES

IDENTIDADE CULTURAL E CONSTRUÇÃO DO FEMININO EM *CLARA DOS ANJOS*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Literatura Comparada.

Aprovada em: 28/01/2021

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Márcio Ferreira Rodrigues Pereira (Orientador)
Universidade Federal do Ceará

Prof^a. Dr^a. Sarah Roberta de Oliveira Carneiro
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Orlando Luiz de Araújo
Universidade Federal do Ceará

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, pela dedicação e por sempre acreditar e apoiar a realização de meus projetos.

Ao meu namorado, pela compreensão durante minhas ausências e pelo apoio incondicional.

Aos professores e aos colegas da Pós-Graduação, que, através das discussões durante as disciplinas e eventos acadêmicos, compartilharam saberes que contribuíram para a construção deste trabalho.

À Carla Castro e Janyele Gadelha, pela troca de ideias e companheirismo nesse percurso do mestrado.

Ao meu orientador, prof. Márcio Pereira, por dividir seu conhecimento e possibilitar que eu tivesse mais clareza no desenvolvimento do trabalho.

Ao prof. Yuri Brunello, pelo acompanhamento da pesquisa, pelos conhecimentos partilhados e pelas sugestões de leitura.

À prof^a Irenísia, pelas importantes contribuições na qualificação da dissertação.

À coordenação e à secretaria do PPGLetras, pelo suporte durante o andamento do curso.

Aos membros da banca examinadora, prof^a Sarah Carneiro e prof. Orlando Araújo, pela leitura atenta e pelas contribuições durante a defesa.

Ao Daniel Pereira (em memória), pelas palavras de incentivo e pela amizade.

À Seduc, junto à qual obtive o afastamento para realizar os estudos de mestrado.

A Deus, companheiro de jornadas.

RESUMO

Este trabalho tem como foco examinar a forma como a identidade cultural e o feminino são representados na obra *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto. Para isso, procurou-se entender o contexto da *Belle Époque*, marcado por desigualdades sociais, e como a obra de Lima Barreto se articula nesse contexto, através de sua literatura militante. Além disso, se fez necessário observar os mecanismos de construção da identidade. Durante o período histórico em que se passa o enredo, verificou-se o estabelecimento de modelos específicos que atuavam como reguladores das manifestações culturais e das relações entre os gêneros e dos processos de identificação em geral. Padrões esses que atestam a presença de uma identidade marcada pelas desigualdades sociais, que se tornam nítidas por meio do contraste entre classes sociais, da discriminação às pessoas negras e das mulheres. Nesse contexto, Lima Barreto ao abordar a cultura do subúrbio, possibilita demonstrar a diversidade de suas manifestações culturais e a postura discriminatória do poder governamental que abandona as áreas mais pobres e de sua população. Da mesma forma, ao se examinar os perfis femininos da obra, são possibilitadas reflexões sobre a situação de dominação à qual a mulher era (e ainda é) submetida. Diante dessas observações, constata-se a crítica do escritor ao modelo imposto para a identidade nacional e para o comportamento feminino e torna patente as relações de poder ali atuantes, as quais originam uma realidade de discriminação e opressão dos grupos chamados minoritários. Para fundamentar a análise, foram utilizados os trabalhos de Schwarcz (2017), sobre a vida e trajetória profissional de Lima Barreto, Hall (2000, 2003, 2011) e Silva (2000), sobre identidade, Beauvoir(1967, 1970) e Butler(2013) sobre as ideias feministas e Costa (1999), sobre o contexto da *Belle Époque*.

Palavras-chave: Lima Barreto. Clara dos Anjos. Identidade. Feminino.

ABSTRACT

This work focuses on examining how cultural and female identities are represented in the book *Clara dos Anjos*, by Lima Barreto. For that, we tried to understand the *Belle Époque* context, marked by social inequalities and how Lima Barreto's work is articulated in this context, through his militant literature. In addition, it was necessary to observe the mechanisms of identity construction. During the historical period in which the story takes place, there was the establishment of specific standards that acted as regulators of cultural manifestations and genders relations and the identification processes in a general way. These standards attest to the presence of an identity marked by social inequalities, which become clear through the contrast between social classes, discrimination against black people and women. In this context, Lima Barreto, when addressing the culture of the suburb, makes it possible to demonstrate the diversity of its cultural manifestations and the discriminatory stance of governmental power that leaves the poorest areas and its population. In the same way, when examining the female profiles of the novel, reflections on the situation of domination to which the woman was (and still is) submitted are made possible. In according to these observations, the writer's criticism of the model imposed on national identity and female behavior is evident, and the power relations at work there are evident, which originate a reality of discrimination and oppression of groups that are known as minority. To support the analysis, the works of Schwarcz (2017), on the life and professional trajectory of Lima Barreto, Hall(2000, 2003, 2011) and Silva (2000), on identity, Beauvoir(1967, 1970) and Butler(2013) on feminist ideas and Costa(1999), on the context of *Belle Époque* were used.

Keywords: Lima Barreto. Clara dos Anjos. Identity. Female.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	LIMA BARRETO, SUA ÉPOCA E SEU PROJETO LITERÁRIO.....	10
2.1	A infância do autor e o período da Abolição da escravatura.....	10
2.2	O início da República e da carreira de Lima.....	18
2.3	O projeto literário de Lima Barreto e a literatura até o fim da vida.....	25
3	A IDENTIDADE CULTURAL EM <i>CLARA DOS ANJOS</i>	31
3.1	A obra <i>Clara dos Anjos</i>	32
3.2	A fortuna crítica sobre Lima Barreto	35
3.2.1	<i>Recepção crítica</i>	36
3.2.2	<i>Revisão de literatura</i>	37
3.3	A identidade cultural no romance <i>Clara dos Anjos</i>	46
4	A CONSTRUÇÃO DO FEMININO EM <i>CLARA DOS ANJOS</i>	64
4.1	Clara dos Anjos e a mulher na <i>Belle Époque</i>	67
4.2	A voz silenciada de Clara dos Anjos.....	81
4.3	Clara e sua cor	87
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
	REFERÊNCIAS	97

1 INTRODUÇÃO

Inicialmente, o interesse por estudar a obra de Lima Barreto de forma mais profunda se deu em 2012, durante a conclusão do curso de especialização, momento que culminou com a escrita de uma monografia cujo foco foi a abordagem do romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*. A leitura do livro ensejou a curiosidade sobre as outras produções do escritor, dentre as quais se destacou o romance *Clara dos Anjos*. A partir da análise inicial desse último texto, vislumbrou-se o engajamento de Lima Barreto em relação às discussões sociais de sua época e a possibilidade de explorar os temas identitários trazidos pelo autor, como as questões sobre o feminino e as manifestações culturais presentes no decorrer da trama, assuntos que serão abordados no presente trabalho.

Lima Barreto nasceu no Rio de Janeiro, em 1881, época em que muitas mudanças importantes ocorreram na sociedade brasileira e um período marcado por conflitos ocasionados pelas disparidades sociais. Nesse contexto, o escritor produziu romances, contos e crônicas que se destacam por trazer uma nova visão acerca da população mais comum e dos desfavorecidos. Então, em suas obras coloca trabalhadores, negros, mulheres como atores principais, mas principalmente focaliza-os de modo solidário e usa o espaço de escrita como meio de denúncia às dificuldades deles.

Ao longo da carreira literária, apesar de ter enfrentado desaprovações e silenciamento sobre seu trabalho, Lima manteve-se firme em sua posição de abordar aqueles que eram ignorados ou vistos de forma superficial, idealizada ou distorcida tanto na sociedade como na literatura.

Dentro dessa perspectiva se situa a obra *Clara dos Anjos*, cujo enredo aborda a trajetória de uma moça negra seduzida por um rapaz branco que a abandona após a descoberta de sua gravidez. A história se passa no Rio de Janeiro da *Belle époque* (período que abrange a transição entre os séculos XIX e XX, caracterizado por mudanças sociais e culturais intensas) e torna possível observar várias especificidades dos comportamentos e ideias vigentes na época, principalmente no que concerne ao subúrbio. Lima Barreto mostrou essa região da cidade, com suas paisagens naturais e humanas, sua cultura e suas mazelas, da mesma maneira que revelou também as contradições da elite e das relações sociais do momento histórico.

Assim, o escritor demonstra grande perspicácia em compreender o povo brasileiro, pois sempre esteve atento ao contexto em que viveu, interpretando-o e revelando opiniões que demonstram senso humanitário e crítico.

O presente trabalho tem como foco analisar a representação da identidade cultural e do feminino no romance *Clara dos Anjos*. Partindo do princípio de que Lima, ao abordar o subúrbio, representa uma faceta importante da identidade nacional através dele, um ângulo que era desprezado pela elite da época, esta pesquisa procurou investigar quais pontos dessa identidade transparecem através do trabalho artístico de Lima, ressaltando os elementos e manifestações culturais da população suburbana e os contrastes sociais delineados pelo autor.

Já em relação à construção da identidade feminina, buscou-se analisar a forma como Lima coloca a educação e os parâmetros da época como fatores que assumiam parte determinante nesse processo identitário e que, por sua vez, estavam presentes na representação que o autor realizou das mulheres no romance.

Nesse intento, as discussões sobre a identidade cultural foram realizadas a partir da percepção de que “a construção da identidade é *tanto* simbólica *quanto* social.”(WOODWARD, 2008, p.10) Ou seja, a identidade se constitui de elementos culturais, expressos através das representações e produção de significados, bem como por estar ligada às relações sociais, sofre influência das diferenças estabelecidas por essas interações, inclusive diferenças que se utilizam de critérios de raça, gênero, classe.

A fim de alcançar os objetivos almejados, o estudo foi dividido em três partes, das quais a primeira tem por finalidade delinear um pouco do contexto histórico e social do período em que Lima viveu e produziu suas obras. Em paralelo, é feita a apresentação dos principais fatos da vida do autor, bem como algumas observações sobre como os fatos históricos foram analisados por ele e a forma pela qual estavam presentes em suas obras. Além disso, foram trazidas algumas informações sobre a carreira e o projeto literário do escritor.

O segundo capítulo se destinou a apresentar a obra *Clara dos Anjos* e de forma sucinta, alguns aspectos de seu processo de escrita. No sentido de também compreender sobre a obra de Lima e suas características, foram trazidas uma revisão de literatura e algumas notas da recepção crítica de sua obra. Com isso, percebeu-se que o autor expressa uma constante preocupação social, em que se nota sua postura crítica às desigualdades que influenciam na formação da identidade brasileira. Por fim, o capítulo se dedica a explorar os aspectos identitários presentes no romance.

O terceiro capítulo procurou discutir, com o embasamento do feminismo e da crítica feminista na literatura, a formação dos perfis das mulheres na obra, em paralelo a uma contextualização da situação da mulher na transição dos séculos XIX e XX, de forma a englobar assuntos como a educação feminina, o casamento, as interdições e padrões de

comportamento direcionados às mulheres da época. Dessa forma, procurou-se analisar a maneira como são delineadas as mulheres de mais destaque no romance, Margarida, Engrácia, Salustiana e principalmente a protagonista, Clara.

Dessa forma, percebeu-se que Lima ao apresentar a identidade cultural, tanto no que se refere à identidade nacional como à feminina, questiona a validade dos modelos predefinidos pela elite, já que se constata pela leitura da obra que tais modelos idealizados de identidade diferem muitas vezes da realidade por excluir os suburbanos, os negros, além de oprimir as mulheres.

2 LIMA BARRETO, SUA ÉPOCA E SEU PROJETO LITERÁRIO

Neste capítulo, procura-se apresentar algumas importantes informações sobre a biografia e sobre o projeto literário de Lima Barreto. Junto a isso, se faz importante abordar, de forma sucinta, o contexto histórico de sua época, salientando os fatos e ideias que contribuíram para a formação do escritor e de sua obra, bem como para situar o período em que se passa o enredo do romance *Clara dos Anjos*. Em paralelo à exposição dessas informações, foram selecionados trechos de crônicas de Lima que traziam sua opinião sobre os assuntos abordados.

2.1 A infância do autor e o período da Abolição da escravatura

Durante os 41 anos de vida do criador de *Clara dos Anjos*, muitos fatos importantes aconteceram no cenário histórico e social do Brasil e, mais especificamente, no Rio de Janeiro. Dentre eles, é importante destacar a Abolição da escravatura (1888), a Proclamação da República (1889) e as grandes reformas de urbanização, que ficaram conhecidas por promoverem uma “regeneração” da cidade, ocorridas entre 1904 e 1920 e intensificadas durante o governo de Pereira Passos (1903-1906). Em suas obras, Lima frequentemente analisou consequências e impactos desses fatos, bem como retratou o tipo de sociedade decorrente dessas mudanças, através de sua lente crítica.

Certamente, o autor tinha conhecimentos aprofundados da cidade, sendo ele um andarilho e sensível observador. Além disso, era aquela a cidade onde habitou desde que nasceu, em 1881. O carioca Afonso Henriques Lima Barreto era um dos quatro filhos do tipógrafo João Henriques e da professora Amália Augusta. Entre os fatos importantes de sua infância está a perda de sua mãe, vítima de tuberculose quando ele tinha seis anos de idade.

No ano seguinte, ocorreu um outro evento impactante, mas que deixou marcas mais felizes na lembrança do menino: a Abolição da Escravatura, no dia de seu aniversário de sete anos. Na crônica “Maio”, Lima Barreto rememora esse acontecimento e, embora naquela época não tivesse muitos conhecimentos ou entendimento do que era a escravidão e de seus danos, sua percepção não deixou escapar a imensa alegria sentida a propósito desse fato histórico e da sensação de potência que a ideia de liberdade proporcionava: “Julgava que podíamos fazer tudo que quiséssemos; que dali em diante não havia mais limitação aos propósitos da nossa fantasia.” (BARRETO, 1956c, p.257) Entretanto, o menino Afonso não conhecia as muitas contradições e empecilhos na sociedade de então. O confronto entre a

fantasia e a realidade mostrava que a emancipação das pessoas negras não havia se efetivado completamente, pois apesar da empolgação em relação ao evento, o que se constatou em seguida foi a permanência da discriminação em relação à população negra.

Conforme é explicado por Costa (1999, p.341): “O ex-escravo foi abandonado à sua própria sorte. Suas dificuldades de ajustamento foram encaradas como prova de incapacidade do negro e da sua inferioridade racial.” De fato, após o momento simbólico, a situação dos ex-escravizados era de exclusão, devido à manutenção da estrutura social que dificultava a ascensão dessas pessoas. Fortalecendo essas estruturas, teorias racistas procuravam o endosso da ciência para justificar ações discriminatórias e culpar a natureza do negro não só por suas próprias condições e sofrimentos, mas também para condená-los como responsáveis pelo atraso do país. Desse modo, a posição subalterna do negro era demonstrada como algo intrínseco a ele e não como resultado da violência e discriminação sofrida por esse grupo de pessoas.

Ao se fazer a retrospectiva dos fatores que se relacionam à questão da escravização negra no país, percebe-se que o acontecimento de 1888 foi resultado de um longo processo em que a demora revela uma dificuldade de estabelecer um mínimo consenso, devido ao conflito de interesses entre setores.

Para entender esse processo, é primordial observar que, a partir do começo do século XIX, uma nova conjuntura social foi se estabelecendo e permitiu que as ideias abolicionistas ganhassem importância crescente. Em um nível global, estão as mudanças proporcionadas pela Revolução Industrial, que partindo da Inglaterra, foram pouco a pouco sendo introduzidas em outros países e afetaram não só os parâmetros da forma de produzir, vender e consumir as mercadorias, mas a maneira de encarar o trabalho e conseqüentemente as relações sociais. Sob um ponto de vista econômico e financeiro, no novo processo de produção capitalista surgido a partir a crescente industrialização, o trabalho escravo já não era mais bem-vindo, pois representava tanto um empecilho à expansão do mercado, quanto também o sistema escravista não favorecia a aplicação de novas técnicas de produção.

Em face disso, a Inglaterra, realizou constantes pressões pelo fim do tráfico, levando o governo brasileiro à assinatura de leis e acordos que se comprometessem nesse sentido, mas que o Brasil não cumpriu fielmente, o que pode ser constatado, por exemplo, pelo aumento do contrabando, mesmo tendo sido assinada uma lei em 1831, a qual dizia serem livres os escravos que entrassem no país a partir dessa data. Conforme Costa (1999, p.283), “Calcula-se que entre os anos de 1840 e 1850 entraram no país, em média, de trinta a quarenta mil negros por ano.” A autora explica que a situação se modifica um pouco apenas a

partir de 4 de setembro de 1850, com a assinatura de uma nova lei de combate ao contrabando. Essa, que ficou conhecida como Lei Eusébio de Queiroz, fazia referência à lei de 1831 e impunha uma fiscalização e punição mais duras aos contrabandistas, determinando a apreensão de navios e demais embarcações, inclusive

Aquellas que não tiverem escravos a bordo, nem os houverem proximamente desembarcado, porém que se encontrarem com os signaes de se empregarem no trafico de escravos, serão igualmente apprehendidas, e consideradas em tentativa de importação de escravos. (BRASIL, 1850)

Então, havia o objetivo de procurar não só o aparente, mas de realizar averiguações mais minuciosas. Somente a partir da efetivação dessas medidas, a prática criminosa foi cessando, o que ocorreu definitivamente em 1856.

Vale ressaltar que a partir do fim do tráfico, a aquisição de escravos ficou cada vez mais cara no comércio interno e sua manutenção também era um gasto que passou a ser considerado desvantajoso em comparação aos lucros gerados com as novas condições, mais modernas e com o uso do trabalho livre.

Além da pressão da Inglaterra, pode-se destacar dentre os fatores essenciais para que o trabalho livre fosse melhor visto uma série de mudanças no sistema de produção, como a implementação de novas técnicas e maquinário na lavoura e a melhora no sistema de transporte, com a construção de estradas de ferro, que agilizaram o deslocamento das mercadorias e conseqüentemente, permitiram economia de tempo e de recursos. Tais transformações levaram ao aumento da produtividade no setor agrário, dentro do qual se encontrava a principal parcela dos que eram resistentes à efetivação da libertação dos cativos. Por conseguinte, as ideias abolicionistas foram se propagando não só pelos setores urbanos, onde majoritária e primeiramente tinham ganhado força, mas também nos setores agrários a ideia acabou tendo uma acolhida maior.

Além dos argumentos financeiros, que pesavam muito para o convencimento das elites que tinham o poder de libertar os cativos, é importante frisar os aspectos morais envolvidos nessa prática que ia de encontro aos princípios mais básicos de respeito e dignidade da vida humana. A influência nesse setor poderia ser exercida pela Igreja Católica, cuja religião tinha grande força na atuação como guia espiritual na época, entretanto, sua postura a respeito da escravidão era relapsa e conivente. Lima Barreto, em uma de suas crônicas chama a atenção para isso: “Há exemplos isolados de eclesiásticos que a combateram; mas nunca um ato solene da igreja que a condenasse. A sua atitude perante a nefanda instituição (...) foi a de reconhecer-lhe, senão a legalidade, pelo menos a necessidade.” (BARRETO, 1956e, p. 85) É preciso considerar que a importância de um pronunciamento da Igreja se dá pelo poder não só

espiritual mas também político naquela época, logo, sua falta de engajamento na causa fortalecia o sistema de exploração.

Diante das resistências à libertação dos escravizados, houve uma gradual preparação para o fato, através de leis que produziram uma abertura maior a ele. Vale lembrar que muitas delas não tiveram eficácia, a exemplo da já mencionada lei de 1831, outras possuíam muitas limitações, funcionando quase como paliativos que tentavam amortecer o ímpeto dos abolicionistas: a lei do Ventre Livre, de 1871, que libertava os nascidos a partir da data de sua promulgação, bem como a dos Sexagenários, de 1885, que libertava os idosos. Ambas as leis cobriam faixas etárias que não representavam o auge da força produtiva, além disso, pela necessidade de cuidados, os recém-nascidos permaneciam sob as dependências e sob influência do senhor e os idosos, muitas vezes pela falta de alternativas, também.

Entretanto a agitação social foi se tornando cada vez mais crescente e ao lado das medidas legais, dos discursos, das manifestações da imprensa e da literatura a favor da emancipação geral dos cativos, tornavam-se ainda mais intensas e frequentes as atitudes de resistência dos escravizados, como as fugas e formações de quilombos.

Costa (1999) relata alguns argumentos de abolicionistas, entre eles José do Patrocínio, que começaram a se manifestar após a Independência:

Proclamavam que a escravidão punha em risco a segurança nacional, dividia a sociedade em grupos antagônicos, gerava o regime da violência, degradava os costumes, corrompia a sociedade; era, enfim, responsável pela instabilidade das fortunas e abastardamento da raça portuguesa. (COSTA, 1999, p.276)

Sem dúvida, a violência era característica daquela sociedade que se baseava no poder da posse, por isso a força era usada para manter o cativeiro e assegurar o domínio de seres humanos. A passagem deixa clara, acima de tudo, a existência de conflitos gerados pela escravidão. A oposição de ideias ocorria até entre os próprios partidários da abolição, entre os quais havia aqueles que defendiam uma luta cujas conquistas seriam alcançadas de forma exclusivamente legal e havia os que acreditavam numa postura mais radical, de uso da força nas fazendas para obter a libertação dos escravizados. Havia ainda os que, tendo em vista a propagação irrefreável das ideias abolicionistas, propunham a indenização aos proprietários.

Como se vê, existia consciência de parte da sociedade sobre as desvantagens e malefícios da escravidão, porém, somente passados mais de 65 anos desde a Independência, ocorreu a assinatura da Lei Áurea. Convém ressaltar que, mesmo após o ato, ainda existiam muitos entraves para a real inserção do negro e seus direitos como cidadão.

Naquele contexto, as contradições eram muitas e as posturas nem sempre eram coerentes. Consoante coloca Lima Barreto:

Houve homens que, por sua generosidade pessoal, pelo seu procedimento liberal, pelo conjuncto de suas virtudes privadas e publicas e alguns mesmo pelo seu sangue, deviam ser abolicionistas; entretanto, eram escravocratas ou queriam a abolição com indemnisação, sendo elles mais respeitáveis e temíveis inimigos da emancipação, por não se poder suspeitar da sua sinceridade e do seu desinteresse. (BARRETO, 1923, p. 44)

A presença de pessoas com ascendência negra no rol dos que defendiam práticas escravocratas coloca em questão as complexidades do período em relação à posição dos mestiços. Como disse Schwarscz (2017, p.26) “A escravidão não foi apenas um tipo de mão de obra, ou um detalhe em nossa economia. Ela criou um modo de ser e estar em tal sociedade: uma linguagem social com graves consequências.” E como toda linguagem, tem suas regras de funcionamento, que devem ser conhecidas por todos. Nesse caso, o preconceito racial determinava as regras, o lugar de subserviência reservado ao negro, as condutas e os relacionamentos bem aceitos naquela sociedade, a forma de ver e de ser visto em relação a sua cor de pele.

Acerca da relação dos mulatos consigo mesmos, Ribeiro (1995, p.223) reflete: “Posto entre dois mundos conflitantes- o do negro, que ele rechaça, e o do branco, que o rejeita-, o mulato se humaniza no drama de ser dois, que é o de ser ninguém.” Situado nessa fronteira, numa sociedade que o culpabilizava, ele tentava criar mecanismos para sobreviver socialmente. Contudo, sua ascensão permanece difícil e na maioria dos casos, ele continua à margem, sem visibilidade.

Uma das práticas existentes que colaboravam para a ascensão social dos mulatos era o apadrinhamento, quando uma família ou pessoa branca trazia um negro ou mestiço sob sua proteção e se encarregava de seus estudos ou de conseguir uma posição de emprego para o afilhado. Os pais de Lima Barreto são um exemplo de ocorrência desse costume, pois Amália, filha de escrava alforriada, foi criada pela família dos ex-senhores de sua avó, cujo atual patriarca, dr. Manuel Feliciano Pereira de Carvalho, provavelmente era seu pai biológico. A família deu a ela, além do sobrenome, educação e proteção, possibilitando a ela tornar-se professora e ter uma formação diferente do que era comum para pessoas de sua condição racial. Já o pai de Lima, era apadrinhado por Afonso Celso, que foi deputado e se tornou Visconde de Ouro Preto e que o ajudou a conseguir colocações de empregos, tanto como tipógrafo e mais tarde, como escriturário na Colônia de Alienados. Sua influência na vida de João Henriques era muita e a gratidão da família fez com que, além de ser o padrinho, o casal decidisse colocar o primeiro nome do futuro escritor em homenagem ao político, o qual também ajudou por muito tempo nos estudos do pequeno afilhado.

É válido ressaltar que num ambiente em que poucos tinham alfabetização, esse conhecimento se revestia de uma importância ainda mais evidente, constituindo um diferencial que podia fazer as pessoas galgarem degraus na escala social. Segundo Costa (1999, p.247),

Ao lado do artesanato e do comércio, as letras, as artes, a burocracia e a política constituíram veículos de ascensão social. Esse mecanismo se processou, no entanto, dentro dos quadros de um sistema de clientela que permitiu ao mulato inteligente, em geral filho ilegítimo de algum branco bem situado, ascender na escala social, patrocinado por seu pai ou padrinho.

Entretanto, segundo informações trazidas pela autora, casos de negros e mulatos que obtinham sucesso eram exceções. Também é preciso acrescentar que, mesmo nesses casos, sua presença em espaços e posições de destaque era sempre vista com suspeição e desdém, não obstante seu esforço ou sua inteligência. Dessa forma, até os que conseguiam um lugar um pouco mais confortável na sociedade e os que tinham tido acesso ao estudo, como Lima Barreto, por exemplo, sofriam interdições. Cabe aqui lembrar um dos momentos desagradáveis que o literato passou por ter cor de pele escura. Trata-se de um episódio em que pediram identificação a ele na entrada de um navio repleto de pessoas de alta condição social: “Na prancha, ao embarcar, a ninguém pediam convite; mas a mim pediram. (...) É triste não ser branco.” (BARRETO, 1956b, p.130) Nota-se que o acesso a esses ambientes era privilégio de poucos e de brancos, os lugares físicos e sociais ainda continham barreiras para a maior parte da população.

A discussão sobre questões ligadas à raça era uma preocupação de Lima, não só por sentir ele próprio todas as nuances da discriminação, velada ou direta, mas por entender a injustiça social derivada dela. Em razão disso, chegou a registrar em seu *Diário Íntimo*, datando com 1903 o desejo de escrever uma *História da Escravidão Negra no Brasil*, bem como também chegou a pensar em escrever um romance similar a *Germinal*, de Émile Zola, em que desenvolveria a temática da vida de negros em uma fazenda. Mesmo não tendo levado adiante esse projeto, ele tratou do tema nas obras, elaborando personagens como Isaías Caminha e Clara dos Anjos, que passaram por dissabores por causa de sua cor de pele escura.

Então, era com preocupação que se deparava com a crescente aceitação de teorias que levavam ao desprezo da raça negra. Essas teorias, derivadas de uma interpretação distorcida da teoria da evolução de Darwin, a qual postulou, em linhas gerais, que em um ambiente em que os seres possuem características diversas, apenas os que possuísem traços mais propícios a enfrentar os desafios do meio, os mais aptos, os de maior capacidade de adaptação sobreviviam. Esse processo ficou conhecido por seleção natural e seria responsável, segundo

o teórico, pela ocorrência da evolução das espécies através do melhoramento obtido pela transmissão dessas características específicas que aos poucos vão produzindo uma maior capacidade de adaptação. A teoria de Darwin por um lado representou um grande passo para o entendimento de como ocorrem as mutações, por outro, foi usada como base por intelectuais que visaram transpor para a espécie humana esses parâmetros. Logo, as ideias principais dessa forma de pensar podem ser colocadas da seguinte maneira:

O darwinismo social considera que os seres humanos são, por natureza, desiguais, ou seja, dotados de diversas aptidões inatas, algumas superiores, outras inferiores. A vida na sociedade humana é uma luta 'natural' pela vida, portanto é normal que os mais aptos a vençam, ou seja, tenham sucesso, fiquem ricos, tenham acesso ao poder social, econômico e político; da mesma forma, é normal que os menos aptos fracassem, não fiquem ricos, não tenham acesso a qualquer forma de poder. (BOLSANELLO, 1996, p.154)

É importante lembrar que ao se aplicar os pressupostos da seleção natural na espécie humana, de forma análoga àquela ocorrida na natureza, ou seja, seguindo as mesmas regras, considerando a vida na sociedade humana como natural, desconsideram-se a cultura e a construção histórica, as relações econômicas que influem nos desenvolvimentos de sociedades, na produção e no acesso ao conhecimento e ao poder.

Seguindo essa linha de pensamento, é fácil de perceber que os negros, por não estarem numa posição de poder em relação aos valores usados como referência para os criadores da teoria, eram considerados inferiores e essa condição era relacionada a traços hereditários.

O racismo científico, surgido na Europa no início do século XX, passou a se alastrar por vários países, inclusive chegando ao Brasil. Um dos defensores brasileiros era o médico Nina Rodrigues, o qual "Considerou os mestiços 'indolentes, fracos, imprevidentes', devido ao menor desenvolvimento de seus cérebros, e herdeiros de um 'desequilíbrio mental'." (BOLSANELLO, 1996, p.159) Logo, de acordo com a teoria, seriam naturalmente mais propensos à loucura, vícios como o alcoolismo e até mesmo a cometer crimes, dado a sua irracionalidade. Vale chamar atenção para o fato de que por terem o status de ciência, essas colocações tinham o potencial de alcançar o convencimento de muitos, ainda mais em uma sociedade em que ainda predominavam as ideias escravocratas, principalmente na elite, branca, interessada em manter seus privilégios.

Diante disso, Lima refletia sobre o assunto em seu *Diário íntimo* e expressa preocupação:

Urge ver o perigo dessas idéias, para nossa felicidade individual e para nossa dignidade superior de homens. Atualmente, ainda não saíram dos gabinetes e laboratórios, mas, amanhã, espalhar-se-ão, ficarão à mão dos políticos, cairão sobre as rudes cabeças da massa, e talvez tenhamos que sofrer matanças, afastamentos

humilhantes, e os nossos liberalíssimos tempos verão uns novos judeus.
(BARRETO, 1956b, p.111)

Com a consciência de que existia quem se beneficiava em propagar essas ideias e com o resultado delas, a exclusão das pessoas negras, Lima chama atenção para os contrastes entre uma sociedade avançada sob determinados aspectos, mas que abria espaço para ideias potencialmente causadoras de retrocesso em que a crença da superioridade poderia levar à violência e a sociedade brasileira, que havia alcançado um avanço como a Abolição, poderia regredir em suas conquistas, se não houvesse uma consciência crítica mais apurada para barrar a disseminação do racismo.

Em face do exposto, cabe destacar que o receio do cronista não era sem razão, pois no mundo além da perseguição aos judeus, citada por ele, a ocorrência da escravidão dos negros era também uma prova que a História havia mostrado de que o sentimento de superioridade de um grupo em relação a outro era passível de causar muitos males. Anos depois, uma situação inspirada por esse sentimento se manifestou em 1948, na África do Sul, com o regime separatista do *apartheid*, com uma legislação que se caracterizava pela falta de direitos dos negros e determinava uma série de medidas discriminatórias contra eles. Perdurou até 1994, quando Nelson Mandela, líder da resistência a esse regime foi eleito presidente.

Apesar da conquista da Abolição, o preconceito racial no Brasil era grande e na transição da mão de obra escrava para o trabalho livre esse pensamento estará no alicerce do incentivo à imigração. Junto à visão de que os negros não teriam as qualidades necessárias nem estariam adaptados ao trabalho livre, os imigrantes europeus foram vistos como convenientes tanto como força de trabalho, “civilizada”, quanto como agentes que branqueariam a população, já que o negro e o mestiço eram vistos como responsáveis pelo não desenvolvimento do Brasil.

É válido citar ainda a existência do mito da preguiça nacional, que pregava que o brasileiro não gostava de trabalhar por causa da riqueza natural, do clima do país que proporcionavam fartura e facilitavam a subsistência. Porém, conforme reflete Costa (1999) havia outras razões para a postura do brasileiro, como a existência da escravidão, a impossibilidade de acesso à propriedade, as condições de trabalho e baixos salários não eram atrativos. Vale acrescentar ainda que muitas experiências de colonização de parceria foram frustradas por que os colonos se consideraram explorados.

Portanto, além de preencher o vazio da mão de obra, era preciso encaixar os trabalhadores livres, brasileiros e estrangeiros, nas novas relações de trabalho. Para isso, era

preciso reforçar a ideia de valorização do trabalho assalariado, relacionando-o a altos valores morais.

Era esse princípio supremo, o trabalho, que iria, até mesmo, despertar o nosso sentimento de 'nacionalidade', superar a 'preguiça' e a 'rotina' associadas a uma sociedade colonial e abrir desta forma as portas do país à entrada dos costumes civilizados-e do capital- das nações européias mais avançadas. (CHALHOUB, 2001, p.49)

Dessa maneira, na mentalidade dos indivíduos era despertada a necessidade de vender a força de trabalho e ainda era incutida a valorização dos hábitos europeus como modelos mais adequados.

Então, medidas eram tomadas pelo governo para que a entrada dos trabalhadores europeus, seus costumes e sua cor fossem facilitadas. Nascimento (1978) aborda a existência de leis de imigração com influência de pensamento racista e cita um decreto aplicado pouco tempo depois da abolição, que restringia nos portos a entrada de imigrantes asiáticos e africanos, em 1890, sendo sua entrada condicionada a autorização especial do Congresso Nacional.

Contudo, o passar do tempo não serviu para reavaliar o propósito de branqueamento, que já não estava dissimulado no decreto de 1945, ou seja, 56 anos após a abolição, dizia:

Quase no fim do seu governo ditatorial, Getúlio Vargas assinou em 18 de setembro de 1945, o Decreto-Lei Nº 7967, regulando a entrada de imigrantes de acordo com '... a necessidade de preservar e desenvolver na composição étnica da população, as características mais convenientes da sua ascendência européia.'. (NASCIMENTO, 1978, p.71)

Infelizmente, o preconceito racial estava instalado de forma marcante na sociedade brasileira, através de atitudes que visavam delimitar essas diferenças e rechaçar o que não era bem visto. Oficializada em leis, no dia-a-dia a discriminação se amplificava e os avanços no sentido de buscar a inserção dos negros eram conseguidos com muita dificuldade e lentidão, assim como a integração das pessoas pobres de um modo geral.

2.2 O início da República e da carreira de Lima

Ocorrido um pouco mais de um ano depois da Abolição, o estabelecimento da República era resultado de uma mesma conjuntura social, histórica, econômica. O Partido Republicano, fundado em 1870, publicou um manifesto no qual fala dos problemas daquele momento político, da existência de privilégios e do desequilíbrio trazido por eles, coloca-se contra o poder moderador, a favor da federação e reclama da falta de eleição livre. "A

soberania nacional só pode existir, só pode ser reconhecida e praticada em uma nação cujo Parlamento, eleito pela participação de todos os cidadãos, tenha a suprema direção e pronuncie a última palavra nos públicos negócios.” (PESSOA, 1973, p.58) Entretanto, a participação popular na votação tinha muitas restrições, portanto, nesse sentido, a cidadania era privilégio de apenas alguns grupos.

Vale lembrar que no começo da República apenas os homens alfabetizados, maiores de 21 anos, poderiam votar, desde que não fossem soldados ou integrantes de ordens religiosas. Um outro problema, apontado por Resende (1993), é que nem todos os cargos eram eleitos com participação popular, o de prefeito, por exemplo, era feito por indicação presidencial. Além disso, muitos dos capacitados para o voto se abstinham: “Para o eleitorado, a visão que se tinha era que votar, além de ser inútil, era também perigoso. A presença dos famosos capoeiras nas campanhas e durante as eleições tornavam o ato cívico uma ameaça.” (RESENDE, 1993, p. 37). Outra questão era a de que, como o voto era aberto, havia intimidação de eleitores para que votassem em determinado candidato, em um clima de violência. Pela forma fraudulenta como muitas vezes obtinham os cargos, já se antevê que não estavam dispostos a defender os interesses do povo. Além disso, se o voto for encarado como escolha de representantes, o resultado de todas essas limitações citadas era a eleição de representantes dos interesses dessa população masculina, escolarizada e, que, naquela situação, já era detentora de algum tipo de poder.

Dessa forma, assim como a Abolição não representou a liberdade plena dos negros com sua participação na sociedade, a República também não trouxe a cidadania plena para todos nem a melhoria do nível de vida para a maior parte da população.

Já na vida pessoal de Lima Barreto, a implantação do novo regime político ficou relacionada à lembrança do pai perdendo emprego. Na época, João Henriques trabalhava na *Tribuna Liberal*, que era um jornal de oposição à república pertencente a Afonso Celso. O político, que havia se tornado ministro na monarquia, foi demitido do cargo com a mudança de governo. Instaurada a República, o novo governo passou a perseguir os veículos de comunicação que manifestassem oposição ao regime e seus principais responsáveis por essas publicações. Sentindo cada vez mais a proximidade de uma ação mais enérgica do governo contra o jornal, o pai de Lima acabou se demitindo antes que o fizessem.

Após isso, João Henriques passou a ocupar um cargo de administrador na Colônia de Alienados que ficava na ilha do Governador, onde foi morar. Durante esse período, Lima, que permaneceu na capital estudando, fez os preparativos e entrou na Escola Politécnica, em 1897, para o curso de engenharia civil. Entretanto não se identificava com o curso, no qual só

persistia para satisfazer o desejo do pai, que queria ver seu filho “doutor”. Sentia-se injustiçado pelos professores, suspeitando que suas reprovações se davam por sua condição social e cor e se via excluído pelos colegas: “Todos os meus colegas, filhos de graudos de toda a sorte, que me tratavam, quando me tratavam, com um compassivo desdém, formavam uma ambiencia que me intimidava, que me abafava, se não me asphyxiava.” (BARRETO, 1923, p. 129) Apesar do mal-estar psicológico pelo qual passava no ambiente, foi lá, na instituição, que teve a chance de fazer seus textos irem ao público. Participou da revista da escola, intitulada *A Lanterna*, já manifestando sua veia crítica, fazendo críticas aos professores e colegas.

Porém, mais tarde, em 1902, João Henriques acabou sendo acometido por crise mental que o incapacitou para o trabalho. Já não era a primeira vez que ele sentia perturbações desse tipo, pois apresentou os primeiros sintomas antes de seu casamento com Amália, situação que foi apaziguada com tratamento. Entretanto, em 1902, com uma crise acompanhada de alucinações em que imaginava ter cometido um erro no livro-caixa da administração da Colônia e que por isso seria punido, sua demência se instalava de forma persistente e definitiva.

Diante da situação, Lima assumiu as responsabilidades da casa e largou os estudos na Politécnica. Com o fim de suprir as necessidades financeiras suas e da família, em 1903, prestou concurso e foi admitido na Secretaria da Guerra como amanuense. Continuava escrevendo e passou a contribuir para alguns jornais. Foi nesse veículo de comunicação, no qual atuou por toda a sua carreira, que encontrou a possibilidade de manifestar opiniões sobre vários assuntos, desde política até questões polêmicas e delicadas, como aborto, feminismo e divórcio.

Sobre esse último tema, pode ser citado o seguinte trecho: “Não haveria nunca comunhão de bens; a mulher poderia soberanamente dispor dos seus. O divorcio seria completo e poderia ser requerido por um dos cônjuges e sempre decretado, mesmo que o motivo alegado fosse o amor de um delles por terceiro ou terceira.” (BARRETO, 1923, p.48). Assim, expunha o fato de o casamento para a mulher não representar liberdade nem de sentimento, pois se não gostasse mais do marido, não haveria separação, tampouco havia independência financeira, pois seu marido era tutor de seus bens. Lima também se pronunciou muitas vezes contra o uxoricídio, o assassinato de mulheres pelos maridos ou ex-maridos. Nesses casos muitas vezes os homens alegavam como justificativa o fato de que haviam sido traídos e a Justiça os absolvía.

Contudo, apesar de sua defesa em relação as mulheres, Lima também se manifestou contra o movimento feminista, que para ele era um partido de “cavação”, à procura de cargos. Na verdade, Lima era contra a postura elitista das feministas, que, no ponto de vista dele, deveriam combater a violência sofrida pelas mulheres.

Ao lado de sua atuação nos jornais, ele ia trabalhando em outros projetos, romances e contos, sempre mantendo como característica forte de seus escritos a atualidade, o engajamento com a realidade e o momento histórico em que vivia. O período retratado por Lima Barreto abrange a transição entre os séculos XIX e XX, um momento conhecido como *Belle Époque* e que foi marcado por mudanças e conflitos.

Naquele momento, a influência estrangeira era uma inspiração que perpassava vários domínios culturais, urbanísticos e sociais. A recente mudança de regime político afetava também a maneira de encarar o Brasil, havia o esforço, por parte do governo e das elites, para modernizar o país, seguindo os moldes europeus. Ou seja, havia a tentativa de imprimir uma identidade de acordo com os critérios de civilidade estrangeiros: “Na busca de formulação de uma identidade para o país, o Primeiro Mundo é o ‘outro’ desejado, muito distante do componente popular nacional, que se construiu no ‘outro indesejável’ que a identidade nacional rejeita.” (PESAVENTO, 2002, p. 170)

A título de exemplificação da tentativa de implantar novos comportamentos, pode ser citada a propagação de seções de etiqueta e colunas sociais nos jornais. A mais famosa delas, publicada no *Gazeta de notícias*, intitulava-se “Binóculo” e ensinava os leitores a portarem-se de forma chique. Já Lima Barreto se destacava por fornecer outro ponto de vista sobre a sociedade. Ao se referir a ele, Scheffel (2012, p.152) o declara “colunista social às avessas”. Enquanto os colunistas convencionais valorizam apenas a elite que vive em casarões e bangalôs e enaltecem somente a música erudita, Lima aborda o povo suburbano, habitante de barracos improvisados e chalés e dá destaque ao alcance musical da modinha. Na prosa do autor, os figurões da elite muitas vezes são alvo de deboche e crítica por seu individualismo, ignorância e pretensão e o povo suburbano é mostrado, assim como sua cultura e seu modo de vida, que comumente eram vistos com desdém pela sociedade.

Outro ponto a destacar é que Lima Barreto em seus textos atentou para contradições geradas por mudanças impostas pelo governo, em desrespeito aos pobres. Assim, a desigualdade e exclusão intensificadas com a urbanização do Rio de Janeiro e o cotidiano de seus personagens, viventes do subúrbio, que em conformidade com o próprio autor, era o “refúgio dos infelizes”, aparecem problematizados tanto em suas crônicas, quanto em seus contos, romances.

Ao se analisar aquele período histórico, é importante notar também as contradições nas posturas da elite, pois ao mesmo tempo que acusavam as pessoas simples de não corresponderem ao que queriam propagandear como brasilidade, queriam seguir moldes europeus, mas se diziam nacionalistas. Essa atitude pode ser relacionada ao conceito que então entrou em circulação, conhecido como bovarismo. Tal termo, inspirado na personagem Madame Bovary, de Flaubert, exprime alguém que não se vê de acordo com a própria realidade, mas com características, que segundo a própria pessoa, seriam superiores. Assim, alguns membros de nossa sociedade adotavam posturas muitas vezes alienadas e se viam conforme os parâmetros europeus, mesmo que tais comportamentos não fossem adequados para o país ou que desprezassem elementos próprios de nossa história.

Quanto às atitudes do governo para atingir a nova imagem desejada, inspirada na Europa, foi realizada a remodelação da cidade do Rio de Janeiro, cidade que era considerada o expoente de divulgação do país. O local era então o maior centro comercial do Brasil e possuidor de um dos maiores portos do mundo. Em consequência da grande efervescência de transações econômicas da época, houve a necessidade de modernizar a região do porto, em uma reforma que se estendeu também para a região central da cidade.

Era fato que as más condições de infraestrutura influenciavam negativamente a opinião dos estrangeiros e afastavam os investimentos tão desejados para o desenvolvimento do Brasil como país “civilizado”: “Na maioria das vezes, contudo, predominava o temor do morticínio periódico causado pela febre amarela e o desprezo pelas ruas sujas e superlotadas, pelo mau gosto e fedor de sujeira, suor e perfume dos locais públicos. (NEEDELL, 1993, p.53) Fazia-se necessário intervir na cidade de maneira abrangente a fim de modificar a má impressão causada. A preocupação com a ampliação das vias para facilitar o escoamento das mercadorias e melhorar o deslocamento como um todo se juntava à tomada de medidas sanitárias que visavam acabar com o problema das epidemias. Como expoentes do comando dessas áreas de intervenção podem ser citados o prefeito e engenheiro Pereira Passos e o sanitarista Oswaldo Cruz.

Naquele cenário, tudo o que remetesse ao período colonial passou a ser visto de maneira pejorativa, desde a arquitetura à cultura (especialmente a dos negros e indígenas), bem como o modo de vida e os hábitos da população mais humilde passaram a ser mal recebidos e combatidos, utilizando-se o argumento de que eram costumes bárbaros ou não-higiênicos. A urbanização, que procurava modernizar e impunha costumes considerados de bom-tom, pois copiados da Europa, ao mesmo tempo era responsável por implantar uma política de exclusão dos mais humildes, que foram se instalando no subúrbio, pois não

conseguiram se adequar às novas normas da elite nem ao custo de vida da parte glamorosa da cidade.

Segundo Sevcenko(1999, p.30)

Quatro princípios fundamentais regeram o transcurso dessa metamorfose, conforme veremos adiante: a condenação dos hábitos e costumes ligados pela memória à sociedade tradicional; a negação de todo e qualquer elemento da cultura popular que pudesse macular a imagem civilizada da sociedade dominante; uma política rigorosa de expulsão dos grupos populares da área central da cidade, que será praticamente isolada para o desfrute exclusivo das camadas aburguesadas; e um cosmopolitismo agressivo, profundamente identificado com a vida parisiense.

Ao se observar o quadro da *Belle Époque* brasileira é possível perceber uma tensão entre as classes e a mudança de significados que os símbolos culturais vão adquirindo. Na tentativa de “educar” os costumes do povo, as festas populares, como o carnaval, começaram a ter um acompanhamento regulador por parte das elites, que atuava no sentido tanto de apresentar os novos modelos a serem seguidos, como de condenar os antigos costumes.

Nesse sentido, as Grandes Sociedades carnavalescas, clubes que seguiam os moldes da festa veneziana, surgidos por volta de 1850, 1860, executavam a tarefa de tentar mudar a feição do carnaval carioca. Segundo Cunha (2001, p.23):

As mais prestigiadas no período congregavam sobretudo foliões que dispunham de dinheiro ou status. Trouxeram para o Carnaval carioca os desfiles organizados, que incluíam carros alegóricos e fantasias luxuosas ao lado de outros que transportavam a crítica política e de costumes.

Assim, os cordões carnavalescos, os batuques e outras manifestações populares eram combatidos em favor de uma manifestação na qual os mais pobres não podiam tomar parte, pois não poderiam arcar com os custos financeiros.

Em relação às mudanças na arquitetura, a remodelação da parte central da cidade ocasionou um grande número de demolições de prédios que representavam o passado colonial que as elites não desejavam lembrar viraram pó e deviam ser substituídos por outros, mais modernos. Porém, tal qual o carnaval das Grandes sociedades, as novas construções que tomaram a parte central da cidade também não eram tão frequentadas pela população desfavorecida, pois havia interdições e dificuldades para o acesso dessa área, como a exigência de vestimentas específicas, como o colarinho, e de calçados, que os mais pobres não poderiam comprar.

Ao opinar sobre as obras realizadas pelos governos no Brasil, Lima exprime o que acredita ser a motivação principal. Para ele, os melhoramentos “nunca são ditados pelas necessidades da nossa população e do seu progresso. São feitos para os estrangeiros ilustres ir se extasiarem e assistirem às maravilhas do nosso progresso.” (BARRETO, 2016, p.292) Por

tudo que foi exposto, é possível afirmar que exibir a modernidade e elegância dos novos prédios era um dos propósitos das construções que ocorreram durante o governo de Pereira Passos, cujo grande marco entre suas realizações foi a inauguração da Avenida Central em 1904 e cujo projeto era inspirado nos boulevares parisienses, com percurso especialmente formulado para interligar pontos importantes da cidade. Para sua construção, os números impressionantes dão dimensão da empreitada:

Em um ano e meio, foram destruídas cerca de 590 edificações na Cidade Velha e pequenos trechos dos morros do Castelo e São Bento. Pronta, a avenida estendia-se por 1996 metros, com uma largura de 33 metros-dimensões verdadeiramente revolucionárias para a América do Sul. (NEEDELL,1993, p.60)

Ainda nas palavras do historiador, a avenida “foi concebida como uma proclamação”. De fato, sua grandiosidade manifestava o desejo de alardear ao mundo o surgimento de uma nova cidade e por consequência, de um novo Brasil, com potência, poderio de se igualar aos outros países considerados referência em civilização, progresso.

Ao se olhar de outra perspectiva, entretanto, muitos dos prédios alvos das demolições eram casarões coloniais que funcionavam como habitações coletivas, como cortiços. Conseqüentemente, ao serem demolidos geraram uma crise mais aprofundada de habitação e os moradores foram se deslocando para outros pontos da cidade, mais afastados, onde o preço do aluguel era também alto e as condições de vida precárias, pois o governo não ofereceu projeto de habitações para essa população pobre. Ao contrário do que ocorria na área central, aos subúrbios não foi oferecido nenhum benefício na infraestrutura. Nessas áreas suburbanas, além das casas de cômodos, outros tipos de moradia foram surgindo, entre eles os barracos em morros, sob condições péssimas de salubridade: “Para essa espécie de periferia insalubre é que iriam se transferir as doenças e endemias expulsas, junto com os humildes, do Centro da cidade destinado a tornar-se sadio, ordeiro, aseado e exclusivamente burguês.” (SEVCENKO, 2010, p.88)

Ou seja, na realidade, apenas o problema de infraestrutura passou a se agravar em outra área e ficou longe dos olhos das elites para que pudessem desfrutar dos novos prédios, modernos e luxuosos.

Como referido anteriormente, a presença das doenças endêmicas era uma constante, entre elas, a varíola, cuja política de enfrentamento equivocada deu origem à Revolta da Vacina, que eclodiu em 10 de novembro de 1904, devido à regulamentação da obrigatoriedade da vacinação contra a varíola. Sua implantação foi realizada sem o necessário esclarecimento da população, a qual não conhecia ainda o funcionamento de uma vacina. Logo, diante dessa medida, a reação da população foi forte e se traduziu em manifestações que foram duramente

reprimidas pela polícia. Finalmente, dia 16 de novembro a lei foi revogada, mas a Revolta foi marcada por uma violência que gerou grande número de mortos e feridos. Importante lembrar que a intensa repressão ocorreu até bem depois de terminado o motim. Segundo Sevcenko (2010, p.98),

Os alvos da perseguição policial não eram aqueles indivíduos que comprovadamente tinham tido alguma participação nos distúrbios, mas sim, genericamente, todos os miseráveis, carentes de moradia, emprego e documentos, que eram milhares, e cuja única culpa era viverem numa sociedade caótica e serem vítimas de uma situação crônica de desemprego e crise habitacional que a própria administração pública havia desencadeado.

Assim, a Revolta pode ser considerada um sintoma da desregulação da sociedade, da incapacidade da gestão de lidar com as necessidades da maioria da população, da atitude de se voltar primordialmente para as necessidades das elites, para as aparências.

Enfim, a *Belle Époque* se caracterizou por ser um período de conflitos e questionamentos, de uma nova forma de encarar o país, de uma abertura a ideias cosmopolitas, mas de repressão e incompreensão, preconceito com as pessoas pobres e com a negritude que constituíam uma parte significativa dos brasileiros. A escrita de Lima Barreto, como será visto a seguir, mostra o outro lado dessa sociedade, traduz a necessidade de tomar providências para a solução dos problemas, com uma visão que tentava se despir dos preconceitos e observar a humanidade dos excluídos.

2.3 O projeto literário de Lima Barreto e a literatura até o fim da vida

Lima Barreto tinha uma postura bem definida em relação à literatura e a profissão de escritor e suas funções na sociedade. Em *O destino da literatura*, um dos seus textos mais esclarecedores sobre sua forma de pensar sobre essas questões, ele afirma que a literatura

Fazendo-nos assim tudo compreender; entrando no segredo das vidas e das coisas, a Literatura reforça o nosso natural sentimento de solidariedade com os nossos semelhantes, explicando-lhes os defeitos, realçando-lhes as qualidades e zombando dos fúteis motivos que nos separam uns dos outros.” (BARRETO, 1956d, p.67-68)

Se por um lado, o autor atribui à literatura uma atuação que pode ser considerada ambiciosa: não só esclarecer as consciências, mas também estabelecer a empatia entre os seres humanos. De outra perspectiva, a análise de suas ideias leva a entender que para Lima a literatura era também agente de transformação social. Logo, tendo em vista sua percepção da arte literária como proporcionadora de união e de igualdade, pode-se entender que desse princípio provém o compromisso de Lima como escritor: dar importância à abordagem do cotidiano de pessoas pobres, dos excluídos, bem como assumir uma postura coerente de

denunciar as desigualdades a fim de que possam ser abolidas. Assim, definia sua escritura como militante e suas obras possuem o viés de crítica às elites e de questionamento de sistemas de dominação e exclusão.

Segundo Schwarscz (2017, p.428) “Literatura, para Lima, não significava apenas escrever bem e tratar de coisas belas. Ele a definia como uma ‘atividade espiritual’, um trabalho que precisava se conectar com seu tempo, com sua região e com sua origem e condição. Raça era tratada não como uma condenação determinista, e sim como um modo de associar cor, classe e origem.”

Logo, sua escrita era totalmente articulada, seja com as questões de cor e de classe, que constituem assuntos sobre os quais ele se debruçou com mais profundidade, mas principalmente, era atualizada e engajada com a realidade como um todo, pois ele tinha a compreensão de que a literatura deveria conscientizar sobre os problemas para combatê-los.

Para realizar esse intento de apontar e analisar as mazelas da sociedade, em sua trajetória, procurou independência de pensamento. Nesse sentido nasceu a *Floreal*, em 1907. A revista, fundada por Lima com outros colegas, teve 4 edições e durou dois meses. Ao contrário do que ocorria em outros veículos para os quais colaborava, nos quais se sentia preterido e sem o espaço que desejava, nela pôde se expressar de maneira mais ampla. Foi nesse espaço que o público conheceu o *Recordações do escrivão Isaías*, publicado pela primeira vez, em folhetins.

Na apresentação da revista, Lima expõe a finalidade da obra, que aqui vale ressaltar: “para poder levar adiante este tentamen de escapar ás injuncções dos mandarinatos literarios, aos esconjuros dos preconceitos, ao formulario das regras de toda a sorte, que nos comprimem de modo tão insolito no momento actual.” (BARRETO, 1907, p.4)

Esse aliás pode ser considerado o resumo da intenção que perdurou pela carreira do escritor, o de quebrar tudo o que engessa a produção literária, sejam as determinações gramaticais excessivamente rígidas ou as ideias limitadoras. Dessa forma, sempre se contrapôs a Coelho Netto e outros, que representavam uma escrita artificial, assim como a limitação dos grupos literários herméticos fazia com que criticasse suas posturas, para ele, semelhantes às de mandarins. Por prezar a ética na profissão, também o incomodavam as corrupções, aqueles que se vendiam por um lugar de destaque nas letras. Esse tipo de procedimento sempre foi combatido por Lima Barreto, que não aceitava protetores nem nada que limitasse a expressão de suas ideias.

Quanto a isso, cabe acrescentar que ao se aposentar do emprego de amanuense, em 1918, na Secretaria da Guerra, cargo que ocupou por vários anos, exprimiu grande satisfação

por poder falar ainda mais abertamente sobre o que desejava, sem causar qualquer tipo de constrangimento, e fala de sua atitude de ser coerente com o cargo que ocupava: “Muitas atitudes minhas, incompreensíveis aos olhos desses phariseus por ahi, vinham do angustioso recalque dos ímpetos de minha alma e da obrigação em que estava, de dizer pela metade, aquilo que eu podia dizer totalmente.” (BARRETO, 1923, p.81)

Destaca-se no trecho o fato de que ele não se continha nas suas denúncias, apenas amenizava a forma de se expressar. Vale destacar que mesmo dessa maneira, o escritor já estava ficando conhecido por sua língua ferina. Tanto é que em um relatório de sua segunda internação para tratamento em hospício, o funcionário fez referência a esse fato, realçando o traço da mordacidade em sua reputação.

De forma geral, é possível notar a semelhança dos princípios seguidos pelos autores da revista *Floreal* com o projeto do movimento modernista brasileiro, no que se refere ao uso da linguagem, na postura contestadora, nas críticas ao cânone. De fato, Barbosa (1964), aponta a similaridade entre ela e a *Klaxon*, revista que apresentava os princípios dos modernistas brasileiros. Segundo o biógrafo, “a nova geração começava a compreender o escritor, reconhecendo-lhe o papel de legítimo sucessor de Machado de Assis, e até mais do que isso: ‘o maior e o mais brasileiro dos nossos romancistas’, segundo a frase entusiástica de Agripino Grieco.” (BARBOSA, 1964, p.306) Assim, nota-se que nessa nova leva de escritores, aí incluídos principalmente os artistas de 22, o criador de Policarpo Quaresma era visto como alguém que admiravam e com quem se identificavam. Entretanto, o contato com os artistas do modernismo, já no ano da morte do autor, foi conflituoso. Lima criticou os modernistas, pois enxergou no movimento marcas do futurismo, que considerava prejudicial pela violência e escatologia. A isso, os modernistas replicaram, entre outras coisas, que não se baseavam no futurismo. Entretanto, Lima, que já estava em seus últimos meses de vida, não realizou uma segunda avaliação para confirmar ou não sua opinião sobre o direcionamento do grupo.

Lima, que frequentemente era consultado por autores iniciantes e que se manifestava disposto a emitir opiniões, seja através de textos nos jornais, seja por meio da troca de cartas, não obteve tanta visibilidade da crítica para sua produção. Barbosa exprime assim a sensação de Lima, quando após grande ansiedade viu seu primeiro livro publicado, em 1909: “Agora sim! Tinha livro publicado! Poderia, se quisesse, exhibir a prova aos que o olhavam com desdém e lhe ridicularizavam as pretensões literárias. Porque tudo em Lima Barreto girava em torno de suas ‘humilhações’ e da vocação de escritor.” (BARBOSA, 1964, p.164)

Lima havia escolhido *Recordações do escrivão Isaías Caminha* para ser seu primeiro romance publicado em livro. Nele, fazia uma forte crítica ao ambiente social das redações de

jornais e ao cenário jornalístico em geral, mas especialmente os de jornais grandes como o *Correio da Manhã*, no qual havia trabalhado anteriormente e que conhecia bem. Entre os personagens que compôs, muitos eram claramente inspirados em figuras conhecidas no meio e ele as descreveu através da ironia e do escárnio, apontando também defeitos de caráter e de procedimentos. Esperava causar debate no ambiente literário, contudo o recebimento da obra pela crítica foi silencioso. As poucas críticas que recebeu, em geral, reconheceram nele apenas um romance *à clef*. Ao contrariar a expectativa cultivada, essa recepção foi um golpe para ele.

Para ele, conseguir visibilidade no ambiente literário do país era desafiador. Candidatou-se três vezes à ABL, porém não teve sucesso em nenhuma. Na revista *Careta*, publica um artigo sobre uma de suas candidaturas. Nesse texto, expressa seu sentimento de ter sido injustiçado e desmerecido por outros candidatos e afirma: “Eu sou escriptor e, seja grande ou pequeno, tenho direito a pleitear as recompensas que o Brasil dá aos que se distinguem na sua literatura.” (BARRETO, 1921, p. 33) Ou seja, tinha compreensão não só do direito de se candidatar por ser escritor, mas também da qualidade de seus escritos. Embora fosse contra os academicismos, ele buscava o reconhecimento e enxergava na instituição uma forma de obter isso, afinal, na data da sua última tentativa ao cargo de imortal das letras, em 1921, já havia escrito vários de seus romances, dentre os quais, além do já citado Isaías Caminha (1909), podem ser mencionados o *Triste fim de Policarpo Quaresma*, já no prelo em 1915 e *Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá*, de 1919. Convém ainda citar os contos de *Histórias e sonhos*, de 1920 e ainda suas crônicas publicadas em jornais diversos. Em suma, são textos de diferentes gêneros e que atestavam uma produtividade considerável.

Às voltas com seu desejo de conseguir escrever e ser lido, Lima enfrentava dificuldades em sua vida pessoal, atormentada pela doença do pai, pelo sentimento de ser incompreendido, de ser preterido e discriminado por sua cor e condição social, e ainda o problema do alcoolismo.

Infelizmente, a partir de 1911, o vício na bebida alcoólica começa a se manifestar de forma mais intensa e crescente. Por causa do problema, o escritor passa a sofrer inclusive com crises de alucinações, o que levou a família a tomar a decisão de recolhê-lo a um hospital psiquiátrico.

Em 1914, o abuso frequente do álcool o leva à primeira internação no Hospício Nacional dos Alienados. Naquela época, os hospícios recebiam não só os casos de loucura como também casos de alcoolismo e Lima permaneceria em tratamento por quase dois meses. Infelizmente, Lima ainda passaria por uma outra internação, ocorrida em dezembro de 1919 até fevereiro do ano seguinte.

Durante essa segunda passagem pelo hospício, Lima dedicou-se à escrita de textos que tratavam sobre sua experiência no local: um diário, que mais tarde recebeu o nome de *Diário do hospício*, e deu início a um romance, *O Cemitério dos vivos*, que ficou inacabado. Ambos foram publicados após sua morte, da mesma maneira que o seu diário pessoal, que continha anotações e rascunhos de obras suas e que recebeu o nome de *Diário íntimo*. Este, que se tornou um dos principais documentos para se entender a forma de pensar do escritor, traz em uma das primeiras páginas, datado de 1903, o decálogo de Afonso Henriques, no qual se liam apenas dois mandamentos: o de não ser mais aluno da Politécnica e o de não beber excesso de coisa alguma. Aí vemos duas constantes preocupações de Lima, as quais sobrepujavam quaisquer outras que pudessem existir. De fato, em vários momentos de sua carreira, manifesta a preocupação com o futuro profissional, em exercer e alcançar sucesso na carreira de escritor, com independência de ideias. Assim como também se angustiava ao vislumbrar os problemas que poderia enfrentar com o descontrole com a bebida.

Sobre o entendimento médico do problema, é oportuno lembrar que cientistas na época afirmavam existir uma relação entre alcoolismo e doenças nervosas e entre essas e a hereditariedade. Conforme Schwarscz (2017, p.271-272) explica,

Havia clara associação entre alcoolismo, estados de demência e moléstias mentais. Em textos publicados entre o fim do século XIX e as primeiras décadas do XX, nota-se uma diferenciação entre a loucura denominada 'constitucional' e a loucura 'alcoólica', esta última seria desencadeada por uma intoxicação alcoólica, incluindo-se na categoria de 'psicose tóxica'.

Então, o alcoolismo era classificado como um tipo de doença mental e seu tratamento nos hospícios era realizado com procedimentos similares aos aplicados nos dementes. Como falado anteriormente, as teorias raciais deterministas colocavam os mestiços como alvos potenciais da loucura e do alcoolismo, portanto, o fato de seu pai ter um histórico de internações por complicações nervosas também poderia ser considerado pelos defensores dessa teoria racista como um indício da hereditariedade do problema.

Pode-se dizer que o vício foi um dos fatores que provavelmente contribuíram para sua partida precoce. Exagerava na bebida e não cuidava tão bem da saúde, que foi declinando progressivamente. Faleceu em sua casa, em 1º de novembro de 1922.

Sobre sua trajetória, pode-se dizer que o marco de sua vida foi construído por sua paixão pelos livros e pela arte literária, motivação que o fez não só organizar uma biblioteca que tinha até nome próprio: a Limana, mas também afirmar que a literatura era seu casamento. Ela estava próxima a ele até o seu fim, momento em que estava abraçado a uma revista, a *Rêvue des deux mondes*, que continha artigos sobre o assunto.

Em suma, sua vida foi marcada pelo engajamento com a literatura e pelo compromisso com a discussão crítica sobre temas como as injustiças sociais. Destaca-se, além disso, a abordagem do cotidiano do brasileiro, com suas especificidades, trazendo elementos que propiciam exame de sua identidade, como será abordado no próximo capítulo, juntamente com sua análise no romance *Clara dos Anjos*.

3 A IDENTIDADE CULTURAL EM *CLARA DOS ANJOS*

Como se viu no capítulo anterior, Lima Barreto era profundamente ligado ao seu tempo. Então, em suas obras ele procurou transpor um pouco da realidade em que viveu para a composição dos temas abordados e dos personagens criados.

Manifestando-se como um dos elementos relacionados a essa realidade, é possível observar aspectos relacionados à identidade em muitos de seus textos. Assim, este capítulo tem o propósito de discutir questões relativas à identidade cultural presentes no romance *Clara dos Anjos*.

Em um primeiro momento, porém, será realizada uma breve introdução sobre a obra, a fim de pontuar algumas de suas características e tratar sobre o processo de sua escrita pelo autor. Após isso, será contemplada a fortuna crítica sobre Lima Barreto com o intuito de observar outros olhares sobre sua obra. Para isso, os estudos e críticas foram divididos em dois blocos em que um contém alguns exemplos de recepção crítica da obra barretiana e o outro, uma revisão de literatura, com a seleção de alguns estudos mais contemporâneos que se debruçaram sobre ela, dando destaque ao rastreamento das opiniões sobre a obra aqui enfocada.

Acerca da recepção crítica, foi feito levantamento de jornais da época de 1920 a 1938, com a finalidade de perceber como a crítica se manifestava a respeito da produção do autor, num período mais próximo à publicação. De um modo geral, nesse primeiro momento, os críticos apontam alguns tópicos em relação as temáticas de Lima, como a preocupação social e a brasilidade de seus temas.

Sobre os estudos mais contemporâneos, colocou-se como critério selecionar, além de abordagens que pudessem captar as principais características da obra do autor, os trabalhos cujo foco mais se aproximasse do aqui almejado, englobando assuntos como o nacionalismo, as questões sociais, os marginalizados na sociedade e sobre a mulher nas obras do escritor. Sendo assim, procurou-se agrupar as informações sobre os diferentes trabalhos com base nos conteúdos que eram por eles explorados.

Após isso e para finalizar o capítulo, serão abordados alguns conceitos sobre identidade cultural, relacionando-os à obra e analisando como o autor realizou a transposição dos elementos identitários para a ficção.

3.1 A obra *Clara dos Anjos*

Em 1904, Lima Barreto começou a escrever a história de Clara dos Anjos, uma moça pobre e mulata, conquistada e abandonada por um rapaz aproveitador. Entretanto, aquele não poderia ser considerado o texto definitivo, pois, no decorrer de mais de uma década, o autor trabalhou na ideia da obra, reformulando-a, o que evidencia o grau de importância que essa história deveria ter para ele.

Ao se procurar entender um pouco do processo de escrita dessa obra, podem ser identificadas três produções do autor com o mesmo título: um romance incompleto, datado de 1904 e que consta em seu *Diário Íntimo*; um conto, de 1920, publicado no volume *Histórias e sonhos* e por fim, um outro romance, último que escreveu, finalizado em 1922 e publicado postumamente entre 1923 e 1924. Desta última versão da narrativa, sobre a qual este trabalho se debruçará mais detidamente, Lima Barreto teve a chance de ver impresso e divulgado apenas o primeiro capítulo, na revista *O Mundo Literário*, no ano de seu falecimento.

Nesse romance, Clara dos Anjos aparece como filha única do carteiro Joaquim e de Dona Engrácia e é descrita fisicamente como uma mistura dos dois, herdando o cabelo liso da mãe e a cor de pele (parda clara) do pai. Foi educada com proteção extrema, saindo raramente de casa, o que limitava também seu julgamento sobre as pessoas.

A família era admiradora de música e costumava fazer em casa reuniões em que se tocava e dançava, principalmente modinhas, as quais produziam um efeito de fascinação em Clara. Para o aniversário de Clara, Joaquim acaba convidando o famoso Cassi Jones, um dos principais modinheiros do subúrbio, para tocar durante a comemoração. Tal convite havia sido feito por sugestão de um amigo do carteiro, apesar do alerta do padrinho da moça, Marramaque, sobre a má índole do músico, a qual conhecia por já ter lido sobre o fim dramático de um de seus casos amorosos no jornal.

Ao conhecer Clara, Cassi começa a olhá-la libidinosamente, Marramaque percebe as intenções do rapaz e continua com seus alertas para tentar proteger a afilhada, o que faz com que Cassi o assassine tempos depois.

Desde a festa, Cassi coloca em curso seu plano de sedução de Clara, os dois passam a namorar escondidos e ela começa a receber cartas do namorado por intermédio de Meneses, seu dentista. Clara acaba engravidando e ao receber a notícia, Cassi foge. A gravidez é descoberta por Dona Margarida, que decide ir com a moça e Engrácia à casa de Cassi conversar com a família. Entretanto, foram recebidas com hostilidade e ao ouvir a proposta de

casamento de Clara, a mãe de Cassi deixou patente seu preconceito de classe e cor e humilhou a garota.

É interessante analisar a trajetória de escrita que resultou na publicação dessa versão da história, as alterações e o método de trabalho do escritor. Nessa perspectiva, chama a atenção o fato de Lima ter escolhido publicar primeiro o conto e depois o romance. Uma possível explicação pode estar contida na seguinte observação de Schwarcz (2017, p.406): “Para quem gostava de dizer que Lima era apressado em suas edições, fica claro como muitas vezes ocorria o oposto: o escritor testava seu argumento numa narrativa mais condensada, e só depois arriscava uma versão mais longa.”

Como uma evidência desse estratagema de Lima, pode-se assinalar que o conto é mais parecido com o romance (até mesmo contém passagens idênticas) do que com o esboço de 1904, do qual difere não só nas personagens quanto nas situações apresentadas no enredo.

Então, o procedimento do autor, que pode demonstrar perfeccionismo ou até insegurança, também permite atestar a preocupação do escritor em estabelecer um diálogo com o leitor, em avaliar sua obra a partir de como o público era afetado por ela. Vale lembrar que um dos propósitos da literatura para ele se relacionava à capacidade de intervenção social. Logo, é importante observar o alcance da obra, bem como as questões estéticas, temáticas e ainda os diferentes sentidos adquiridos por ela e as discussões que enseja. Dentre os pontos trazidos pelo enredo e que geram importantes reflexões, pode-se verificar, em todas as versões da história, o tema central da questão racial.

Com a data de 1904, seus escritos pessoais trazem anotações que, apesar de não constituírem uma história estruturada, mostram alguns traços gerais da trama e demonstram a cronologia da vida da personagem, que então se apresentaria com 23 anos. Nesse esquema que faz da biografia de Clara, Lima ressalta além da morte do pai dela, a vida sentimental da moça, com seus relacionamentos, o nascimento de sua filha e seu fim trágico, de prostituição. Chama a atenção no planejamento da história o fato de que Lima faz a seguinte anotação: “Preciso saber de que data são as ‘Vozes d’África””(BARRETO, 1956b, p.58). Tendo em vista que no poema de Castro Alves, o eu-lírico trata do sofrimento dos africanos escravizados, pode-se cogitar que talvez, inicialmente, o autor meditasse sobre fazer uso da data de sua publicação para indicar um momento importante da trama, similarmente ao que fez com a data da Abolição, quando escolheu o dia treze de maio para o momento da sedução da protagonista, mobilizando a atenção para o fato de que a situação desfavorável do povo negro perdura. Entretanto, suas ideias de fazer referência ao texto do poeta baiano se

concretizam de forma um pouco diferente, sendo um trecho do poema recitado por um dos personagens na primeira versão do romance.

Nessa versão, a moça tem 16 anos e também fica órfã. Ela se envolve com um rapaz e passa a se encontrar às escondidas com ele, que mente para ela e a abandona. Nos instantes após ser deixada, sofre uma tentativa de estupro por um amigo do ex-namorado e então percebe que a situação toda era uma armadilha. A polícia é acionada e o texto termina com o diálogo do pai do rapaz com um major, que estaria usando sua influência para intervir no caso. A autoridade, além de tentar minimizar o acontecido, demonstra sua insatisfação por ver no jornal as iniciais do envolvido e do pai, fato que poderia prejudicar a imagem deste último. Cabe ressaltar que, por outro lado, o nome de Clara aparecia por extenso.

O diálogo entre os dois homens, entretanto, não está completo, por isso não se pode saber ao certo qual o fim de Clara. Porém, pelas falas do major, que se corrigia todas as vezes que se referia à Clara como vítima, substituindo essa qualificação pelo termo “mulatinha”, demonstrando um preconceito contra as mulheres da cor de Clara, pode-se supor que a situação não seria resolvida favoravelmente à moça, pelo menos não facilmente.

Um ponto interessante de se sublinhar é o entendimento de que as variações observadas nos três textos, bem como aquilo que o escritor elege para continuar no enredo auxiliam no entendimento de como as transformações da sociedade foram sendo incluídas nessa ficção. Assim, demonstram diferentes focos buscados pelo artista, com a escolha de temas que pareciam mais urgentes no momento. A título de exemplificação, pode-se mencionar que no primeiro romance, a discussão sobre a Abolição e a escravatura aparecem na narrativa com a utilização de diálogos em que personagens argumentam sobre suas opiniões acerca desses dois fatos e das ideias que os fundamentavam. No mesmo texto, é possível ver, inclusive, personagens debatendo sobre a validade de teorias raciais. Já no período de dezembro de 1921 a janeiro de 1922, quando se dedica a escrever o romance, talvez por já terem se passado 34 anos desde a Abolição, ou seja, sua efetivação estava mais consolidada, esse acontecimento também é mencionado, mas predominantemente por meio de comentários trazidos pelo narrador, cujo foco se situa em apresentar a situação do negro na sociedade durante e após o evento da emancipação.

Ainda a respeito desse último texto cabe destacar a dedicatória do autor à memória de sua mãe. O escritor, que sempre que tinha a oportunidade, denunciava a violência contra as mulheres, demonstrava também sua preocupação com a forma com que as mulheres negras eram tratadas. Sobre isso, Barbosa (1964) narra um episódio ocorrido em um carnaval, quando Lima, ao ouvir o coro da música “Vem cá, mulata”, teria se aborrecido e desaparecido

sem se despedir dos colegas com quem havia saído. Conforme ele mesmo explicou a um deles: “ - Aquilo - segredou então ao amigo querido - penetrou-me nos ouvidos como um insulto. Lembrei-me de minha mãe. O convite canalha parecia dirigido a ela.”(BARBOSA,1964, p.208) Logo, em *Clara dos Anjos*, Lima faz de uma situação que o tocava pessoalmente um emblema com força de denúncia a esse tipo de atitude depreciativa e objetificadora comum na sociedade, na tentativa de estimular a reflexão e a mudança.

Apesar das diferenças entre as obras, é importante salientar que a estrutura social denunciada é a mesma. Dessa maneira, relativamente ao conto, por exemplo, algumas diferenças podem ser apontadas em comparação ao romance, pois enquanto no conto o rapaz sedutor se chama Júlio Costa e sua mãe se chama D. Inês, no romance foram substituídos por Cassi Jones e Salustiana. Entretanto, os traços básicos de suas personalidades são mantidos e se manifestam sob os novos nomes que os personagens recebem. Entre os pontos mantidos pelo autor, estão a idade de Clara (dezessete anos) e os nomes de seus pais, Joaquim dos Anjos e Engrácia, que também têm suas formas de pensar e proceder bem próximas às do conto.

Pode-se ainda ressaltar que a análise da estrutura social realizada por Lima destaca a constante presença da pobreza e da falta de assistência ao subúrbio. Há o interesse do autor em mostrar esse espaço como um lugar humanizado, em que residem pessoas com seus sofrimentos e alegrias, em mostrar o contraste material com outras regiões da cidade e também o pensamento da elite ou dos que se consideravam como tal.

3.2 A fortuna crítica sobre Lima Barreto

A reflexão sobre elementos sociais está presente não só em *Clara dos Anjos*, mas na produção de Lima Barreto como um todo. Com relação a isso, muitos estudiosos confirmam sua preferência em tratar sobre esses temas e afirmam a naturalidade e o olhar agudo que o escritor desenvolveu com o objetivo de denunciar problemas de nossa sociedade, como a desigualdade e a discriminação vividos pela população suburbana e pelos negros no Brasil. A seguir, essas e outras particularidades da literatura do autor carioca serão examinados a partir do olhar dos críticos de sua obra.

3.2.1 Recepção crítica

Nota-se que o interesse temático pelas coisas do Brasil se traduz nas particularidades dos caracteres engendrados por Lima Barreto. Sobre a elaboração de personagens, Fontes (1920) o coloca entre os escritores criadores de tipos no romance brasileiro. Enquanto Grieco (1923) o classifica como o primeiro criador de almas no romance, destaca sua sensibilidade para a realidade brasileira e afirma que ele nos obriga a refletir sobre o estado geral do país. Reforçando essa perspectiva, Guimarães (1922) se refere ao talento de Lima Barreto como luminoso, menciona a mordacidade do escritor e o estudo metuculoso que ele fazia da “alma de um povo que elle muito amava, mas do qual até certo ponto desdenhara por ver nisto uma necessidade toda intima” (p.19). Assim, as contradições de Lima, que eram justificadas muitas vezes pela percepção de sua criticidade ou de suas convicções, figuravam nas análises direcionadas a suas obras.

Essa sua capacidade de observação da vida brasileira se manifestava não só em relação ao engendrar personagens da ficção, mas estava presente em sua obra de maneira geral. Conforme é apontado por artigo do *Diario Nacional*, em 1927, que faz um ligeiro resumo da vida de Lima, lista suas obras, ressalta sua cultura e inteligência, se refere a ele como um “apaixonado de nossos problemas nacionaes” (p.2) e fala da precisão de seus comentários nas crônicas.

Ao mesmo tempo em que alguns salientavam a criticidade e a perspicácia de Lima, outros apontavam a vida pessoal conturbada e o silenciamento sofrido por ele como fatores que interferiam negativamente em seu desenvolvimento profissional. A boemia de Lima Barreto e suas consequências para a imagem e carreira são referidas em alguns textos sobre ele, como em *O Pharol* (1922), que noticia sua morte e comenta que a vida desregrada prejudicou sua produção. Já o poeta Gamaliel Mendonça, em entrevista para *O cruzeiro* (1938) sobre passagens da vida e sobre a personalidade do criador de Isaías Caminha, considera uma injúria à sua memória apresentá-lo como um malandro e fala da grande cultura do escritor.

O silenciamento das elites intelectuais acerca das obras de Lima foi também percebido por Jorge Amado, em *A manhã* (1935). O criador de *Capitães da areia* fala da ausência de comentários críticos, de artigos e de reconhecimento da influência de Lima sobre os escritores que estavam surgindo e trata o fato como uma “campanha de silêncio” das elites contra o autor, por tratar do povo e por defender os desfavorecidos em seus textos. Contudo, o crítico contrapõe a esse fato a popularidade de Lima Barreto entre o público.

Como comprovação da aceitação de Lima pelo público, o periódico *A Noite*, ao tratar do romance *Clara dos Anjos*, acrescenta o interesse com que as pessoas estavam acompanhando sua estreia. Ainda acerca desta obra, foram feitas referências por notas curtas, em periódicos da época de sua publicação, por exemplo, em *O Brasil*, *O Paiz* e *Diario de Pernambuco*, todos de 1923.

Interessante notar que apesar de não ter a notoriedade compatível com a qualidade artística de seu trabalho, o cotejo com autores reconhecidos começava a surgir. Concernente a isso, Andrade Muricy, em artigo sobre a obra de José de Alencar para o periódico *Festa* (1927), coloca Lima numa posição próxima da do romancista cearense pelo fato de ambos realizarem síntese da sociedade de suas respectivas épocas.

Outro exemplo está presente na revista *Ilustração Brasileira*, em que Peixoto (1925) faz uma comparação entre Cruz e Souza e o autor carioca e aponta que os escritores possuíam elementos em comum em relação à origem e aos preconceitos que sofreram por causa da cor da pele. Porém, segundo ele, ao passo que Cruz e Souza era reconhecido, Lima encontrava-se injustamente esquecido. Aponta ainda o fato do escritor abordar temas como o subúrbio e ressalta a análise realizada por ele, com características de crítica sociológica.

Como se verá a seguir, de forma geral, a abordagem de muitas das características apontadas por esses primeiros comentadores foi explorada pelos estudos posteriores. Ressalta-se ainda que, à medida que a visibilidade das obras de Lima se ampliou e mais pesquisas foram desenvolvidas, ocorreu o acréscimo de vários temas observados na produção do autor.

3.2.2 Revisão de literatura

A propósito dos estudos posteriores dos textos de Lima Barreto, pode-se destacar que a atuação da crítica daquele momento inicial constituiu objeto de análise para pesquisas. Pronunciando-se sobre esse tema, Prado (1980) comenta sobre os avaliadores que a princípio condenavam suas obras e acusavam o autor de desleixo na linguagem. Aborda também a posterior revisão de tais posicionamentos e valorização de seus escritos, enxergando-se sua militância ao tratar dos assuntos do cotidiano, em criticar a condição dos negros e dos pobres e a desigualdade no nosso país.

Levando-se em consideração a postura engajada do romancista e pela observação dos títulos que ocupavam sua biblioteca pessoal e de textos em que expressava seus ideais literários e sua militância, é possível relacionar alguns autores que serviam de inspiração para o fazer artístico barretiano.

Portanto, é possível atribuir uma importante função à biblioteca de Lima, a Limana, apontada como instrumento importante para conhecer seu projeto e seu percurso de criação literária. O acervo pessoal do autor, composto por seus diários com anotações íntimas e reflexões, suas cartas, seus livros, seus recortes de jornais além de mostrar o método do escritor em organizar e documentar seus escritos e sua vida, permite conhecer suas ideias, afetos e desafetos e as leituras que o influenciaram, bem como analisar a maneira pela qual os textos colecionados estão presentes em sua obra, muitas vezes servindo de matéria-prima para a confecção de personagens ou dando argumento para suas crônicas. (SCHEFFEL, 2012; SCHWARCZ, 2017; FERREIRA, 2011)

Também sob esse enfoque, no estudo *Lima Barreto: o crítico e a crise* (1989), Prado dedica-se à compreensão dos princípios que guiam Lima Barreto na produção literária e de como suas leituras diversificadas, que iam de Carlyle a princípios do anarquismo, apareciam em suas obras. Nesse estudo Prado indica ainda a existência de três tendências presentes na obra de Lima, vertentes as quais o estudioso denominou de voz lírica, correspondente ao teor confessional, intimista dos textos; voz crítico-satírica, à qual é possível vincular o uso das caricaturas e ironias e, finalmente, a voz militante, que Prado visualiza na revolta e nos traços ideológicos. Outro ponto importante do estudo realizado pelo pesquisador é a verificação de uma função específica para o fracasso dos personagens. Segundo o teórico: “o fracasso das personagens desarticula a brutalidade da ordem e por essa via induz à mudança e exige respostas.” (p.76) Assim, a importância desses seres ficcionais criados por Lima estaria na subversão que representam, através de uma forma de resistência e questionamento da sociedade.

Assim como Prado, Oakley (2011) também discorre sobre as referências usadas por Lima para compor seus ideais estéticos, entretanto faz isso mais detidamente, sendo esse o principal objetivo de sua obra *Lima Barreto e o destino da literatura*. Nela ele discorre sobre a importância que a leitura de autores como Tolstói, Carlyle, Flaubert, entre outros, exerceu na sua forma de encarar a profissão de escritor ou como as ideias contidas nas obras deles participaram da composição de personagens e narrativas do escritor carioca.

Em relação ao papel do intelectual e da arte, ele destaca que Tolstói influencia Lima Barreto, na medida em que o impulsiona a encarar a arte como portadora de uma missão cuja meta é a solidariedade humana, tendo o artista, por sua vez, a capacidade de facilitar essa compreensão mútua através de suas obras. Já sobre Carlyle, Oakley aponta sua influência no modo de a ver a arte como um compromisso vital, como um sacerdócio, cuja ação também estaria voltada para a melhoria da humanidade.

Sobre a função da inteligência nas obras de Lima, Oakley conclui que em seus textos a intelectualidade é retratada em papel majoritariamente marginalizado e traça alguns dos perfis de intelectuais recorrentes: há aqueles que se esforçam para contagiar os outros, mas são incompreendidos, existem os que acabam desprezando seus ideais em busca de dinheiro ou status e também os que acabam se isolando dos demais.

Acerca de *Clara dos Anjos*, o estudioso afirma que a obra se destaca por ser “uma narrativa em que a missão sacerdotal barretiana atinge sua máxima expressão; e esta missão é trágica.”(p.13) Em consequência desse fator, na análise de alguns personagens dessa narrativa, o crítico aponta um misto de fatalismo e bovarismo flaubertiano em Meneses. Tal personagem havia desejado ser engenheiro, mas por uma série de reveses da vida não realizou esse sonho, porém aprendeu o ofício de dentista. Ao fazer um tratamento de dentes de Clara, leva, em troca de dinheiro, as cartas de Cassi para ela. Consciente de que as intenções do rapaz não eram boas em relação à moça, Meneses se sente extremamente angustiado por contribuir para a desventura dela.

Além do dentista, Oakley examina ainda o personagem Flores, colocando o poeta como um modelo pró-tolstoiano, apesar de estar situado em meio a um ambiente e a outros personagens predominantemente antitolstoianos. Leonardo Flores, cuja única preocupação era a divulgação da poesia, jamais vendia seus poemas e via a literatura como um ideal pelo qual renunciou ao conforto material.

Dentro dos estudos citados, verifica-se que na composição do projeto literário de Lima, além da influência de autores consagrados, é possível perceber também os critérios utilizados pelo autor em sua escrita, tanto no que concerne às escolhas formais quanto às temáticas.

Dentro das determinações estabelecidas por Lima, pode-se destacar sua atitude frente à realidade social do país. Tal característica é citada por Germano (1995), a qual coloca que o projeto literário de Lima atua em busca da “superação de relações sociais indignas e injustas”, como uma literatura combativa e que leva à conscientização. Partindo da comparação dos Brasis de Euclides da Cunha e de Lima Barreto, ressalta que os dois autores retratam os excluídos da História, protestam contra as atitudes da burguesia, possuem uma visão humanitária e tocam no tema do progresso desordenado e da opressão aos mais pobres, resultante do processo de descolonização. A diferença seria a perspectiva adotada pelos autores, pois enquanto Euclides se coloca como um estudioso culto na sua observação da situação, o criador de Policarpo Quaresma se inclui também como parte do povo. No entanto os dois deixam como lição a ideia de que o Brasil deve agir contra seu complexo de

inferioridade, ou seja, abandonar a postura de submissão em relação aos países estrangeiros e buscar exercer sua autonomia.

Sevcenko (1999) também realiza um paralelo entre a produção de Lima e Euclides da Cunha. Em um momento inicial, delinea a situação histórica e social da *Belle Époque*, citando o fenômeno denominado “regeneração”, que procurava remodelar os espaços públicos do Rio de Janeiro, mas que foi marcado por atitudes de exclusão dos mais carentes dessas áreas. O historiador analisa as mudanças políticas, econômicas e de pensamentos e as contradições surgidas naquela sociedade. Em seguida, o autor enfatiza o engajamento dos dois romancistas, seus posicionamentos acerca dessas transformações. Dentre as semelhanças entre os escritores, além da criticidade, aponta a presença do positivismo e do humanitarismo. Por outro lado, as diferenças estavam no uso da linguagem e das técnicas narrativas, como parte do estilo específico de cada um. Quanto às ideias, Euclides divergia de Lima pelo seu republicanismo e pela aceitação mais ampla do cientificismo e determinismo.

As particularidades do contexto da *Belle Époque* são analisadas por Resende(1993), em seu livro, *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*. Sobre aquele período histórico, a autora observa a existência de uma cidade do Rio de Janeiro fragmentada em cidade real e cidade ideal, as quais corresponderiam, respectivamente, à imagem oficial a ser divulgada pela elite e à dos problemas sociais, da pobreza e do subúrbio. A estudiosa ressalta que as diferentes áreas são analisadas por Lima em suas crônicas, com abordagens específicas. Segundo ela, as que se direcionam à vida suburbana são, em sua maioria, crônicas-narrativas: “São historietas onde os habitantes anônimos são tratados antes como personagens”(p.104). Por seu turno, as crônicas da parte central da cidade, retratariam sua porção elegante, mas também a superficialidade dos esforços de modernização.

Para a análise aqui desenvolvida, as observações dos críticos citados contribuem principalmente ao possibilitar perceber a interpretação dos fatos como uma das etapas do processo de escrita de Lima. Nesse ângulo, aponta-se a pertinência da colocação de Scheffel (2012) sobre a atitude do romancista encarar e analisar a realidade e os acontecimentos históricos do período em que viveu, mas sem fugir de seus inconvenientes e mazelas. O estudioso afirma que o “*não se abstrair* das coisas de seu tempo dimensiona o papel que Lima Barreto conferia a uma visão histórica e sociológica necessária para a criação ficcional.” O estudioso chega à conclusão de que, para Lima Barreto, a diferença entre o historiador e o ficcionista seria a liberdade criadora do artista, já que os dois produzem através do conhecimento e da interpretação da realidade.

Sendo a escritura o ponto de encontro entre ficção e não-ficção, ela se constitui em uma dialogia na qual o indivíduo faz escolhas perante o contexto histórico, o da tradição e da produção literária. Nesse sentido, cultura, sociedade e ideologia estariam presentes na obra barretiana, bem como seu posicionamento político contra o discurso da classe dominante e sua escritura se caracterizam como diferentes dos modelos burgueses de então. Entre os recursos utilizados para esse fim, está a desconstrução de padrões sociais realizada através da ironia e das caricaturas, presentes nas obras do autor, marcadas por uma escritura-denúncia. (SOARES, 2007)

Similarmente, o período histórico e sua relação com a literatura de Lima Barreto são abordados por Resende (1989), que se refere ao tema da cidadania como traço de modernidade dos escritos do autor e faz uma análise sobre a posição dele acerca da República, opinião que era marcada pela crítica ao ufanismo e ao elitismo contido nesse nacionalismo exagerado. O novo regime, que inicialmente poderia representar melhores condições para o povo, demonstrou manter as dificuldades populares. A partir da análise dos textos do literato, a autora observa que ele reage contra a corrupção, o abuso de poder e mau uso do dinheiro público, mas, por outro lado, consegue enxergar possibilidades positivas em relação à República, conforme Lima expressa em trecho da crônica “15 de novembro”, citado pela autora e no qual ele declara que a data historicamente representa uma evolução política.

Outras particularidades sobre o valor da literatura como fonte histórica são trazidas por Silveira (2006), que coloca o texto literário como gerador de novas indagações e explicações a respeito dos fatos. Para ela, a obra de Lima Barreto é referência na investigação sobre a identidade nacional, pois coloca em evidência as subjetividades dos que estavam excluídos e “viviam a República de um modo bastante particular e não nos moldes inspirados por outros países”(p.127-128). A compreensão desse fato foi de suma importância para o desenvolvimento desta pesquisa, pois tendo a afirmação de Silveira em perspectiva, o trabalho procura trazer de forma específica algumas das manifestações da identidade, analisando a forma como Lima dialogava com a sociedade e seus contrastes.

A identidade nacional há muito tem sido tratada pela literatura, a qual muitas vezes é encarada como uma das responsáveis por construir e divulgar uma imagem específica de nação. A visão sobre a identidade brasileira colocava-a como fruto de três etnias, mas não levava em consideração o processo de exclusão de grupos considerados inferiores pelas elites e colonizadores. Ao observar a representação desses grupos marginalizados, isto é, indígenas e negros, por meio da análise da literatura em diversas obras, em variados momentos da história, é possível perceber distorções e estereótipos, que vão desde a visão artificial do

índio até a imagem pejorativa do negro e dos mestiços. Ao questionar esses modelos de representação através de sua literatura de denúncia, Lima favorece a reflexão sobre a identidade nacional e abre a possibilidade de sua reconstrução. (SILVA, 2007)

A posição de Lima como contrário ao ufanismo, sua produção diferente dos padrões da época, bem como a abordagem do elemento negro e indígena na literatura são ainda analisados por Pereira (2002). Presente na literatura romântica, com destaque para as obras alencarinas, o indianismo apresentou-se de forma diversa em Lima Barreto. Enquanto em Alencar o índio seria um elemento mítico e idealizado, representado por intermédio de valores europeus, em *Triste fim de Policarpo Quaresma* sua abordagem enfatiza os valores culturais contrários aos dos colonizadores e chama a atenção para a marginalização do índio e de sua cultura. Apesar de abordar o índio, o projeto nacionalista de Policarpo não trata sobre o negro. Para a autora, essa postura seria um indício da dificuldade de representação do negro e da sua cultura. Ela comenta sobre a presença de estereótipos fortalecidos pelas teorias raciais, naquele momento em que havia um projeto das elites republicanas para a modernização das cidades que tomava a Europa como um molde, onde o negro não se encaixava.

Para vislumbrar as diferentes facetas trazidas a propósito dos espaços presentes nas narrativas de Lima e de seus significados, Lins (1976), em seu estudo *Lima Barreto e o espaço romanesco*, analisa como o espaço participa da composição das obras do escritor. Dentre as considerações feitas pelo estudioso, é importante lembrar o conceito de espaço social, termo que diz respeito à situação social, histórica, às características da época abordada na narrativa e com a qual o personagem interage. A título de exemplificação, o autor sublinha a importância desses fatores, inclusive o fato histórico da Revolta da Armada, como um elemento decisivo para o destino de Policarpo Quaresma.

Entre os pontos relevantes a respeito da investigação acerca das obras de Lima Barreto, convém aqui destacar a afirmação de Lins sobre o insulamento dos personagens. Tal isolamento se caracterizaria pelo fato de que suas ações não exercem grande influência ou desencadeiam grandes mudanças no comportamento uns dos outros. Entretanto, Lins ressalta que *Clara dos Anjos* é uma exceção a essa tendência nas obras do autor, já que nas interações presentes no romance se verificam momentos em que as decisões e atitudes de alguns personagens geram reações, movimentos e desdobramentos nos outros de maneira significativa.

Certamente uma outra postura que pode ser apontada em Lima é de questionamento de padrões. Em seu estudo, Gama (2015, p.92) aponta essa característica que Barreto julgava necessário ao seu modo de fazer literatura:

Notadamente, Lima Barreto se entusiasma com a demolição das velhas noções de arte preconcebidas que ainda teimavam em uniformizar as diversidades das formas de expressão artística. Nessa perspectiva, através das letras, procurava operar a alteração do panorama estético literário brasileiro.

Nessa trajetória de destruição dos modelos de arte e construção de uma outra identidade literária, o criador de Policarpo Quaresma foi persistente na crítica e no apontamento do que considerava erros cometidos pelos escritores que chamava de “mandarins literários”. Schwarcz (2017) constata a conduta de distanciamento e aproximação constante em Lima: ao se relacionar com a elite intelectual, não se sentia totalmente à vontade por conta de sua origem e cor; por outro lado, apesar de compartilhar e de se solidarizar com os problemas da gente dos subúrbios, ali se dizia desambientado em virtude de sua formação intelectual.

Outro procedimento que pode ser visto como manifestação de ambiguidade do autor é explorado por Gama (2015), que analisa as opiniões expressas pelo Lima em relação às mulheres, pois ao mesmo tempo em que se dizia antifeminista, muitas vezes defendeu direitos femininos. A pesquisadora investiga seu ponto de vista em relação ao assunto e relata que o cronista escreveu contra o assassinato de mulheres, os crimes de honra, se manifestou em defesa do divórcio e a favor das mulheres terem liberdade para amar e deixar de amar. Por outro lado, posicionava-se contra o movimento feminista, pois julgava suas reivindicações elitistas, já que consideravam apenas o interesse de uma parcela da população feminina, as mulheres brancas e economicamente favorecidas. Nas palavras de Schwarcz (2017, p.356), o escritor era “a favor das mulheres, mas contra a campanha do feminismo”. Vasconcellos (1992b, p.267) acrescenta que essa posição oscilante “é o resultado do momento histórico em que viveu, e também da sua própria duplicidade, como autor, entre o real e o ficcional”.

Em seu estudo de personagens femininas na obra barretiana, Gama aponta que várias delas procuravam, ainda que limitadas pelos padrões da época, abrir algum espaço nos lugares reservados às mulheres. Em *Clara dos Anjos*, por exemplo, Margarida Weber era uma dessas personagens. A vizinha de Clara era independente financeiramente e manifestava altivez, ao contrário da docilidade que era então esperada das mulheres.

O estereótipo relacionado ao ser feminino na sociedade é abordado por Vasconcellos(1992a), que trata sobre a mulher nas obras do autor. Aborda a situação da mulher no contexto da transição entre o século XIX e XX, principalmente no que concerne ao

casamento, revelando a importância destinada ao matrimônio e enfatizando a submissão da mulher nessa situação. A autora analisa as relações de gênero apoiando-se na observação de leis do Código Civil que estavam em vigor durante uma parte do período em que Lima produziu seus escritos e faz uma contextualização com a visão das relações de gênero nas sociedades primitivas e na sociedade capitalista, bem como comenta a influência da Igreja nesse âmbito. Em sua análise de *Triste fim de Policarpo Quaresma*, chama a atenção para as consequências da pressão social pelo casamento. Para a estudiosa, há na obra um alerta sobre a educação da mulher, que fazia com que a obrigatoriedade de casar fosse colocada em primeiro plano, sem atentar para outras preocupações, tais como reforçar aspectos intelectuais, produtivos e outros objetivos de vida. Ela lembra ainda do posicionamento de Lima nas crônicas a favor do divórcio e do direito de a mulher amar a quem quisesse.

Sobre a denúncia social realizada pelo romancista, Holanda (1956), no prefácio que escreveu para *Clara dos Anjos*, aponta o traço da fatalidade impresso na personagem protagonista, como se o autor quisesse nela exprimir o destino das pessoas de sua condição. Assim, Clara “torna-se menos uma personagem do que um argumento vivo e um elemento para a denúncia.” (p.11). Relativamente à presença do aspecto autobiográfico nas obras, segundo ele, Lima por vezes soube transfigurar esses elementos em arte, mas por vezes manifestou-os como uma “confissão mal escondida”. O estudioso explica que essa ausência de distanciamento pode levar a qualidades e defeitos da obra do escritor. Assim, ao mesmo tempo em que pode fazer transparecer amarguras pessoais, os elementos confessionais podem também ser usados para, por exemplo, realizar a denúncia do racismo, problema expresso em *Recordações do escrivo Isaiás Caminha* e em *Clara dos Anjos*. Por sua vez, esse último romance é colocado em um patamar diferenciado dentre a produção romanesca, como sendo aquela em que o artista mais expõe a si mesmo e as suas convicções.

A propósito das convergências entre a vida e a obra do escritor, em *A vida de Lima Barreto*, Barbosa (1964) afirma que sua ficção remonta às origens de sua família e cita *Clara dos Anjos* como um dos exemplos em que isso acontece, numa passagem em que o autor transporia para o romance alguns detalhes da história dos Pereiras de Carvalho, protetores de sua mãe. Em outro exemplo, os momentos de confusão mental do pai de Lima, João Henriques, cuja vida foi marcada por crises de nervos e algumas internações, são apontados pelo biógrafo como tendo servido de modelo para as cenas de delírio do major Quaresma.

Ademais, Barbosa comenta sobre os preconceitos sofridos pelo romancista por causa de sua cor e de sua origem pobre, relata os problemas com o álcool do artista e suas

internações por conta disso, seus posicionamentos políticos, a crítica silenciosa vivenciada por ele em relação a suas obras, suas críticas à sociedade e aos grupos de literatos.

Já na biografia que escreveu sobre Lima Barreto, Schwarcz (2017) se refere a ele como Triste visionário, em que a palavra triste assume além do significado usual, também adequado ao personagem, uma outra acepção: teimoso, por ser insistente em seus objetivos. Seria visionário, “já que jamais desiste de planejar o futuro: o seu, o do seu país e dos seus próximos.”(p.15). O livro fala da trajetória de vida do autor, trata sobre o contexto social e político e as consequências das mudanças ocorridas no período em que viveu, aborda a atuação de Lima Barreto na imprensa, na qual acumulou desafetos por causa de sua língua ferina. Além disso, relata sobre a internação no hospício, seus projetos, sentimentos e ideias registrados em suas anotações íntimas, por meios das quais se torna nítida a vontade do escritor de vencer na literatura e sobre o vício da bebida.

Cabe destacar ainda que a autora dedica um capítulo do livro à obra *Clara dos Anjos*. Nessa parte do estudo, intitulado *Clara dos Anjos e as cores de Lima*, observa que Lima Barreto enfatizava a cor de pele dos personagens e era atento aos significados sociais dessas cores, que eram associadas pela sociedade ao caráter e ao comportamento das pessoas. Baseando-se nessa percepção sobre o posicionamento de Lima, a autora analisa a obra *Clara dos Anjos*, apontando seus aspectos de denúncia e o esforço do escritor em criticar a violência e discriminação contra as mulheres de pele escura.

Por fim, ao se confrontar a leitura das notas da recepção com a dos trabalhos críticos da revisão bibliográfica, identifica-se que, ao lado do reconhecimento de alguns aspectos importantes de suas obras como o estilo mordaz e os assuntos sociais já nas primeiras análises de sua obra, há a menção ao silenciamento da crítica, que prejudicou por muito tempo a divulgação das obras. É possível dizer que essa postura de afastamento dos críticos, por vezes aparece sob a forma de avaliações superficiais e breves sobre a obra, como se pôde constatar pelo exame de algumas matérias jornalísticas citadas neste trabalho. Além desses elementos, verifica-se que por vezes Lima recebia avaliações que focavam principalmente em seu comportamento pessoal, basta ver os artigos aqui apresentados que discutiam, por exemplo, sua boemia.

Entretanto, percebe-se que, com o passar do tempo, provavelmente como resultado, entre outros fatores, das várias mudanças no pensamento da sociedade, Lima se tornou alvo de estudos cada vez mais aprofundados, que destacam a pertinência de suas colocações e que passam a incluir novos temas e novas abordagens, mais específicas, que dão conta por exemplo de sua relação com seu tempo e as ideias ali presentes e elementos estruturais de

suas narrativas, bem como sobre o processo de feitura dos personagens e de como eles se comportam.

Dentro do panorama apresentado, o estudo aqui desenvolvido procura contribuir na medida em que investiga no romance *Clara dos Anjos* tanto os aspectos identitários quanto a forma como eles se articulam na formação das personagens femininas, tendo em vista que nessa relação algumas perspectivas ainda não foram muito exploradas.

3.3 A identidade cultural no romance *Clara dos Anjos*

Sobre o estudo sistematizado da identidade e dos fenômenos ligados a ela, é de suma importância destacar o papel exercido pelos Estudos Culturais, uma área de investigação científica com abrangência interdisciplinar que surgiu em 1964, em uma universidade inglesa e que tem entre alguns de seus princípios o questionamento dos cânones artísticos e o estudo da cultura popular. É importante notar a semelhança entre as ideias propostas pelos Estudos e a postura de Lima Barreto como autor, já que ele foi crítico dos mandarins literários e condenava a marginalização cultural e social dos que não eram considerados elite.

O interesse pelos temas nacionais é uma característica da escrita de Lima Barreto, que, por meio da abordagem da estrutura social, mostra aspectos relacionados profundamente com a identidade brasileira, como a constituição do povo, seus hábitos e forma de pensar. Em *Clara dos Anjos*, o enfoque na desigualdade entre as classes sociais e na situação de determinados grupos como o do negro e o da mulher, bem como a abordagem sobre as construções sociais e arquitetônicas ensejam reflexões sobre como tais elementos compõem a identidade e a maneira pela qual eles são transpostos no romance.

Em relação ao seu conceito, o senso comum costuma definir identidade cultural como um fenômeno referente ao pertencimento a um determinado grupo, marcado por um critério específico, como a nacionalidade, por exemplo. Igualmente, a identidade seria composta por características que cada um reconhece em si, como fatores que participam de sua representação individual. Entretanto, o aprofundamento nos estudos sobre o tema leva à percepção de outros pontos, entre eles, a heterogeneidade de grupos identitários e o fato de que a identidade está em constante movimentação.

Ao se debruçarem sobre o tema, estudiosos confirmam seu caráter de coletivo, como é constatado por Castells (2000, p.22), ao declarar que a identidade é “a fonte de significado e experiência de um povo.” Então, ela aparece definida a partir de um vínculo, no caso, configurando uma identidade nacional. Para sua construção, fica clara a importância do

conhecimento dos fatos históricos relacionados ao desenvolvimento da comunidade e é interessante observar o papel da memória, como ela é partilhada entre os membros, a forma como os fatos relevantes serão interpretados e que tipo de aprendizagem será gerada com base neles.

Partindo da ideia, exposta por Cuche (1999), de que a identidade é construída socialmente, é possível compreender que ela acompanha as mudanças na sociedade, explorando novos aspectos, de acordo com as necessidades das relações humanas, políticas e sociais. Segundo ele, “o caráter flutuante que se presta a diversas interpretações ou manipulações é característico da identidade.” (CUCHE, 1999, p.192) Então, o primordial seria entender na identidade essa dimensão de transitoriedade, de maleabilidade, de não fixidez, para que se possa observar seus mecanismos de funcionamento e aquilo que é levado em consideração em cada uma das possíveis interpretações, a fim de reconhecer sua interação direta com as estruturas sociais e as consequências dessa relação.

Tendo isso em mente, pode-se observar como as mudanças ocorridas durante a *Belle Époque* se inserem nessa situação. Como visto no primeiro capítulo, durante esse período uma nova identidade, uma nova imagem do Brasil era buscada, composta por valores cosmopolitas, modernos e de higiene. Entretanto essa identidade em formação se constitui de maneira problemática, pois essa imagem de referência não se aplicava aos subúrbios.

De maneira geral, a atuação das classes dominantes no processo de construção das identidades é determinante, já que para isso se utilizam da autoridade conferida por sua posição social para estabelecer padrões. Dessa forma, os discursos da elite responsável por propagar a nova ideia de Brasil procuravam aglutinar os elementos que pareciam mais convenientes e dispensar aquilo que parecesse inadequado a essa configuração nacional desejada, produzida no sentido de transmitir homogeneidade. Porém,

Em vez de pensar as culturas nacionais como unificadas, deveríamos pensa-las como constituindo um dispositivo discursivo que representa a diferença como unidade ou identidade. Elas são atravessadas por profundas divisões e diferenças internas, sendo “unificadas” apenas através do exercício de diferentes formas de poder cultural.(HALL, 2011, p. 62)

Isto é, a identidade de um país é configurada colocando-se em evidência algumas características que o diferem em relação a outras nacionalidades e esse processo é feito através da linguagem e de seus simbolismos, utilizados para realizar comparações e classificações dos elementos da realidade.

Em *Clara dos Anjos*, os conflitos e contradições muitas vezes gerados pelo descompasso entre o que era idealizado e as condições reais do país são expostos pelo autor e

é possível destacar alguns trechos do romance que dão destaque sobretudo ao subúrbio e suas características específicas. Logo, há a construção de uma ideia do que seria aquela área da cidade por meio de sua caracterização, que a diferencia de outros lugares.

Quanto à observação das qualidades intrínsecas que compõem determinada identidade, Silva (2000) explica que as identidades “adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas”. Então, organizadas em um sistema, as unidades se relacionam, pela marcação de diferenças. Conforme o raciocínio do teórico, tem-se que como componentes de sistema simbólico, a identidade e a diferença são uma criação cultural e social, portanto são variáveis em diferentes contextos e períodos de tempo e também incluem em sua formação as relações de poder.

Assim, na observação dos elementos das várias regiões da cidade, percebe-se a forma como eles se inserem na identidade nacional, através dos tópicos colocados em pauta por Lima, que permite perceber o jogo de poderes existente nas diferenças sociais.

Em uma abordagem na qual se nota uma forte crítica social, o subúrbio é referido pelo autor como “o refúgio dos infelizes”. Tal expressão usada por Lima ao mesmo tempo em que revela a atuação do subúrbio como abrigo, também põe em evidência a infelicidade ou desfavorecimento de seus habitantes.

Como explica Hall (2008), “As identidades podem funcionar, ao longo de toda a sua história, como pontos de identificação e apego apenas *por causa* de sua capacidade para excluir, para deixar de fora, para transformar o diferente em ‘exterior’, em objeto.” (p.110) Nesse sentido, ao determinar como componentes da identidade características específicas que incluem certas formas de se vestir, de falar ou determinado poder aquisitivo, por exemplo, as classes poderosas excluía aqueles que não as apresentavam, as camadas mais desfavorecidas, que muitas vezes não cumpriam esses critérios.

Então, no subúrbio, todos aqueles por algum motivo excluídos encontram uma forma de existência, já que durante a turbulenta fase da *Belle Époque*, a reconfiguração do espaço da cidade do Rio de Janeiro caracterizou-se pela segregação de camadas mais pobres, recusadas nos centros que recebiam a atenção das reformas modernizantes. Assim, a essa parte da população restava como alternativa principal deslocar-se para áreas afastadas e que não recebiam assistência.

A partir da observação desses fatores, é pertinente perceber, junto com Lins (1976), que no estudo do espaço, “o seu horizonte, no texto, quase nunca se reduz ao denotado” (p. 72). Consequentemente, a forma como o autor arquiteta os espaços sociais e naturais possui simbologias e significações que atuam como recursos expressivos. Dessa maneira, a descrição

dos ambientes extrapola a função de apenas situar os personagens em um espaço físico e atua como um elemento necessário para a interpretação de seu cotidiano, de sua situação social e de suas características pessoais.

Em *Clara dos Anjos*, Lima descreve não só as lindas paisagens cariocas, mas também a carência de infraestrutura dos ambientes mais desfavorecidos. É possível encontrar muitos trechos em que além da composição das casas dos personagens, se tem acesso à caracterização dos espaços externos, urbanos, bem como do tipo de construções ali encontradas e a formatação das ruas em geral. No trecho a seguir, por exemplo, além de mostrar a disposição espacial das habitações, o narrador aponta alguns dos problemas enfrentados pelos moradores:

Há verdadeiros aldeamentos dessas barracas, nas coroas dos morros, que as árvores e os bambuais escondem aos olhos dos transeuntes. Nelas, há quase sempre uma bica para todos os habitantes e nenhuma espécie de esgoto. Toda essa população, pobríssima, vive sob a ameaça constante da varíola e, quando ela dá para aquelas bandas, é um verdadeiro flagelo. (BARRETO, 2005, p.97)

Assim, ao descortinar a precariedade das condições de vida dessa parte da população, o texto de Barreto permite examinar os elementos sociais ali inclusos, pois se nota que como consequência da falta de estrutura sanitária ocorre a vulnerabilidade dos habitantes às doenças.

Tanto no subúrbio como em outras áreas também marginalizadas, apesar de a população ser explorada por meio do alto custo de vida, não havia o retorno em benefícios de forma correspondente às suas necessidades. Inclusive, o autor faz menção ao transporte público lotado, com péssimas condições de segurança e acrescenta:

Tudo é tão caro como no subúrbio, propriamente. Não há água, ou, onde há, é ainda nos lugarejos do Distrito Federal que o governo federal caridosamente supre em algumas bicas públicas; não há esgotos; não há médicos, não há farmácias. Ainda dentro do Rio de Janeiro, há algumas estradas construídas pela Prefeitura, que se podem considerar como tal; mas, logo que se chega ao Estado, tudo falta, nem nada há embrionário. (BARRETO, 2005, p.101)

Na passagem, em que há a crítica à ineficiência de todos os níveis de governo em cumprir seu papel de garantir o bem-estar do povo, percebe-se que as autoridades agem como se suprir as necessidades mínimas da população, como o abastecimento de água, fosse uma caridade.

Dessa forma, a construção do espaço no romance em questão é um elemento que potencializa a percepção das desigualdades sociais que são o alvo da crítica do autor. Ao mesmo tempo em que critica a desassistência do governo, explicitada pelas más condições de

moradia e infraestrutura, Lima também foca no subúrbio como lugar de interação, revelando hábitos e cultura daquela população. Portanto, o espaço construído por ele vai além de elemento acessório na constituição do romance, pois coloca em questão, além da dinâmica cultural, as contradições do período e da sociedade em que se passa a história.

Ainda em relação das desigualdades manifestadas nos espaços na narrativa, o contraste, que inclui o aspecto econômico, entre as regiões da cidade fica patente na passagem em que Cassi Jones visita a parte mais desenvolvida da cidade e se depara com sua situação de inferioridade.

“Na ‘cidade’, como se diz, ele percebia toda a sua inferioridade de inteligência, de educação; a sua rusticidade(...)enfim, todo aquele conjunto de coisas finas, de atitudes apuradas, de hábitos de polidez e urbanidade, de franqueza no gastar, reduziam-lhe a personalidade de medíocre suburbano, de vagabundo doméstico, a quase coisa alguma.” (BARRETO, 2005, p.149)

Na leitura do trecho, pode-se constatar a presença do que Scheffel (2012) denomina de burguesia suburbana, que seria uma parcela da população suburbana que se identifica com valores e comportamentos daquela classe social, entretanto na realidade não participa dela e possui poder econômico mais baixo: “Pequena burguesia, predominante na ficção de Lima Barreto, constitui-se num elemento de mediação entre o Brasil elegante/cosmopolita e o Brasil popular, folclórico, com suas heranças do período colonial e com suas tradições.” (SCHEFFEL, 2012, p.136)

Com essa situação, fica claro que Cassi está situado em uma fronteira entre as classes, demonstrando a estratificação da sociedade brasileira, em que as divisões se aprofundam, gerando uma relação problemática do indivíduo com os outros e até consigo mesmo. Dessa maneira, o personagem se situa socialmente em uma classe que vivencia as experiências do subúrbio, que naquele contexto representava os resquícios coloniais presentes não só na arquitetura como na presença do negro, que a nova imagem de Brasil desejava negar. Porém, o mesmo grupo buscava parecer modernizado, imitando os hábitos da elite.

Tendo em vista que a identidade é permeada pela disputa de poder na sociedade, observa-se que: “A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais.” (SILVA, 2008, p.81) Logo, as estratégias de todos os grupos estão vinculadas ao propósito de superar ou evitar uma posição social desfavorável e de desprestígio.

Considerando-se que a identidade se define de forma relacional, vale reforçar que no romance, a partir da marcação da diferença entre ambientes e comportamentos da parte

central da cidade e do subúrbio é gerada a percepção em Cassi de que não pertencia àquele grupo mais sofisticado e poderoso, contrariando a visão elevada que tinha de si anteriormente.

Sobre a interpretação do espaço na narrativa, Lins (1976, p.74-75) coloca que “o veremos parcialmente se não o entendermos, pelo estilo de vida em que implica, com todo um quadro de hábitos, de relacionamento humano, de perspectivas etc., também como espaço social.”

Assim, por exemplo, o fato de que Clara era reclusa e não tinha permissão nem para ir à venda, sua limitação ao espaço doméstico e a importância desse lugar e do círculo de relacionamentos ali incluído adquirem consequências e desdobramentos específicos.

Vale lembrar que a reclusão das mulheres ao espaço doméstico era comum naquele período histórico, como um meio de dominar o feminino, cerceando suas relações com o mundo e com as ideias e novos comportamentos que nele circulavam.

Já o fato de Clara não frequentar a venda de “Seu” Nascimento poderia ser associado à visão desfavorável que se tinha de alguns estabelecimentos populares, como os quiosques e botequins, classificados como lugares de desordem. Conforme Chalhoub (2001, p.257), “Esse tipo de associação revela mais uma vez o projeto de vida que a jovem República trazia para esses homens: ao chamá-los de ‘desordeiros’ e ‘vadios’, enfatizava-se novamente que urgia transformá-los em ‘morigerados’ e ‘trabalhadores’.” Isto é, a discriminação desses espaços constituía mais uma faceta do processo de controle às classes populares e seus hábitos, como também estava associada às ideias que se queria estabelecer como parâmetros para do trabalho livre.

Através da venda de “Seu” Nascimento, a leitura do romance permite formar uma imagem desse tipo de ambiente. Apesar da proibição de Clara de ir ao local, percebe-se uma preocupação com a reputação do estabelecimento:

Ele gostava que pessoas de certa ordem fossem ao seu negócio ler os jornais e conversar - hábito do interior, como todos sabemos. A sua venda tinha até aqueles tradicionais tamboretos de abrir e fechar das antigas vendas e ainda são conservados nos armazéns roceiros. (BARRETO, 2005, p.79)

Ou seja, aquele estabelecimento ia além do objetivo inicial de comércio de mercadorias e se transformava em ambiente de lazer, o que pode ser constatado pela decoração realizada pelo proprietário, que demonstra a intenção de agregar as pessoas e de que elas gastem de seu tempo naquele lugar, já que se preocupa em instalar móveis para que os clientes sentem. Então, a venda à qual Clara não tinha acesso era lugar de encontro, não de passagem.

Sidney Chalhoub, em seu livro *Trabalho, lar e botequim*, faz uma análise sobre a função do botequim na vida dos populares durante a *Belle Époque*. Em um trecho em que examina a fala de um advogado sobre um conflito ocorrido em um estabelecimento, o estudioso repara na função de socialização desempenhada naquele ambiente:

O argumento utilizado pelo advogado revela o papel do botequim ou venda como centro aglutinador e difusor de informações entre os populares. E, mais do que isso, a referência à venda como 'observatório popular' sugere que este é um ponto privilegiado, uma espécie de janela aberta, para o estudo de padrões de comportamento dos homens pobres em questão.(CHALHOUB, 2001, p. 312)

De fato, dentro do romance, várias conversas decisivas se passam no ponto comercial de "Seu" Nascimento, como a cena em que Cassi e Arnaldo tramam o ataque que leva à morte de Marramaque. Além disso, tanto o proprietário do armazém quanto o funcionário Alípio são difusores de informações, inclusive sobre Cassi e seus comparsas e chegam a comentar a existência de um caderno que compilava matérias de jornais com a má conduta do modinheiro.

Se Clara havia sido proibida de frequentar a venda por ser um lugar visto pelos pais como inadequado e a fim de preservar sua honra e reputação, Cassi, por outro lado, foi proibido de frequentar os principais ambientes de sua casa devido ao seu mau comportamento. Por determinação de seu pai, ao rapaz só era permitido utilizar as dependências do "puxadinho": "O puxado, na traseira da casa, também tinha porão, porém, com maus quartos, que eram ocupados pelas galinhas do filho e por coisas velhas ou sem préstimo, que a família refugava, sem querer pôr fora de todo." (BARRETO, 2005, p.170) A caracterização das coisas, dos seres (os galos de briga de Cassi são descritos no romance como o "bicho mais hediondo") e dos ambientes que compõem esse cenário é negativa, o que ressalta ainda mais imagem maléfica de Cassi e permite constatar seu caráter marginal, tanto no sentido da localização que ocupava quanto no sentido do comportamento que apresentava, pois pode-se dizer que o sentimento que a família tinha pelas coisas se estende a ele. Exceto pela mãe, os demais membros da família o têm como um elemento desprezível ou prejudicial.

Outro ponto importante a ressaltar, o fato de Cassi ser um modinheiro famoso no subúrbio e de Clara ser fascinada pela modinha colocam em evidência a presença desse gênero musical no romance. Vale lembrar que essa manifestação cultural também foi abordada por Lima Barreto em *Triste fim de Policarpo Quaresma*, em que o protagonista era defensor das coisas nacionais e propugnava pela divulgação desse tipo de canção.

Embora alguns estudiosos declarem a modinha como sendo de origem portuguesa, muitos, como Luiz Tatit a definem como originalmente brasileira. Como prova desse

pioneirismo, o estudioso cita o achado do caderno *Modinhas do Brasil*, do século XVIII. Este documento seria então a mais antiga referência em relação ao gênero e incluiria canções de Domingos Caldas Barbosa, considerado expoente nesse gênero.

Sobre a polêmica da origem da canção modinheira, Cascudo (1962), enfatiza as diferenças entre a modinha portuguesa e a nacional. Assim, ele explica que a versão lusitana teria uma melodia mais simplificada. Além disso, a nacional teria sofrido repreensões dos moralistas, mas “apesar disto, eram cantadas nos melhores salões de Lisboa” (CASCUDO, 1962, p.484)

A crítica por parte dos conservadores advém de a modinha ter como característica a maneira aberta de tratar sobre os relacionamentos amorosos, fato que levava os tradicionalistas a apontarem seu teor então considerado erótico como uma afronta aos bons costumes.

Em *Clara dos Anjos*, Lima permite entrever como se dava a performance dos intérpretes dessas canções em uma cena em que Cassi Jones havia sido convidado a tocar na casa do carteiro Joaquim: “por aí ele empregava o seu tique invencível de tocador de violão e cantor de modinha. Cantando, revirava os olhos e como que os deixava morrer.”(BARRETO, 2005, p.69) Engrácia, inclusive, ao fim da festa, pede ao marido que não permita mais a presença do cantor no local e entre os argumentos que utiliza para seu pedido, expõe o fato de ele ter fama de devasso e cantar “indecentemente”.

Aqui vale salientar que a fama de sedutor inconsequente de Cassi não era apenas um elemento ligado à postura cênica de sua atuação como modinheiro, mas se relacionava ao fato de que muitas vezes ele se aproveitava desses artifícios e da proximidade com as famílias para seduzir as mulheres.

Acerca da identificação do gênero musical divulgado por Domingos Caldas com os relacionamentos amorosos, segundo Cascudo, o teor sentimental cresceu com a chegada do romantismo e com algumas modificações formais. Ele ressalta ainda que “Ao seu declínio como canção de bem corresponde a voga crescente que vai tendo nos círculos de seresteiros, cantores boêmios das cidades.” (1962, p.485) Ou seja, apesar de já ter alcançado salões de elite portuguesa, a popularização da modinha trazia consigo a discriminação. Vale lembrar que como as manifestações populares eram perseguidas o violão, também passou a ser, por ser instrumento mais utilizado para executar composições populares. Além disso, o fato de a modinha ter na sua genealogia o batuque, expressão da população negra, também pode ter pesado na manifestação do preconceito por parte da elite.

Ao tratar do conceito de popular, Hall (2003, p.257) insiste que “o essencial em uma definição de cultura popular são as relações que colocam a ‘cultura popular’ em uma tensão contínua (de relacionamento, influência e antagonismo) com a cultura dominante.” Essa tensão estabelece uma dinâmica, em que os valores dos símbolos culturais não são eternamente fixos, vão se modificando e podem adquirir diferentes conotações. O intelectual ressalta ainda que a relação entre determinada classe e determinada prática não é direta, ou seja, uma classe não necessariamente implica em um tipo específico de forma de cultura.

Apesar da perseguição que sofreu, consoante Tatit, a modinha representou a configuração “do tripé sobre o qual veríamos erigir, no século vinte, a canção popular que invadiu todas as faixas sociais pelos meios de comunicação de massa e que se projetou a uma escala internacional a partir da década de 1960.” (TATIT, 2004, p.27) Portanto, seus componentes estéticos sofreram desdobramentos que remanescem nas produções mais atuais, de forma que foram capazes de se expandir entre as classes, comprovando a dinâmica das manifestações culturais.

Além das modinhas, das quais Joaquim dos Anjos era compositor e admirador, a música em geral estava inserida no cotidiano da família. Assim, romance cita a forma de dançar característica do samba: “A polca era a dança preferida, e todos quase a dançavam com requebros próprios de samba.” (BARRETO, 2005, p.67) Vale assinalar que assim como a modinha, o samba também constitui outro elemento da cultura popular que foi perseguido por ter em suas origens elementos africanos.

As manifestações da religiosidade também estão presentes no romance e se caracterizam pela recorrência do povo a diferentes práticas religiosas, ligadas a necessidades espirituais específicas:

Se se trata de afastar atrasos de vida, apela para a feitiçaria; se se trata de curar uma moléstia tenaz e renitente, procura o espírito; mas não falem à nossa gente humilde em deixar de batizar o filho pelo sacerdote católico, porque não há, dentre ela, quem não se zangue: "Está doido! Meu filho ficar pagão! Deus me defenda!" (BARRETO, 2005, p.31)

A experiência espiritual do brasileiro aparece descrita como possuidora de elementos de diversas religiões. Sobre isso, convém lembrar que no processo de colonização e durante o período de escravização dos negros aqui no Brasil, a religião era um dos aspectos utilizados para obter domínio e junto à imposição da religião católica persistiram alguns elementos de outras religiões:

“o sincretismo afro-brasileiro foi também um meio de adaptação do negro à sociedade colonial e católica dominante. Foi um meio de ajudá-lo a viver e de lhe dar forças para suportar e vencer as dificuldades da existência, de enfrentar

problemas práticos, sem se preocupar com a coerência lógica do sincretismo.”(FERRETTI, 1995, p. 18)

Ou seja, a permanência desse sincretismo¹ se torna uma marca que atesta a resistência dos indivíduos seguidores de religiões minoritárias. Como se percebe, Lima relata a flexibilidade dessa mistura que abrange inclusive os elementos místicos que poderiam ser vistos como incompatíveis uns com os outros, tais como a feitiçaria e a religião católica.

A caracterização da religião é um dos elementos que transparecem no texto e podem ser associados a uma tentativa de definição da brasilidade. A propósito da representação da nacionalidade, convém observar que

Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política mas algo que produz sentidos-um sistema de representação cultural. As pessoas não são apenas cidadãos/cidadãs legais de uma nação; elas participam da *ideia* da nação tal como representada em sua cultura nacional. (HALL, 2011, p.49)

Além das fronteiras territoriais e documentos oficiais, o significado de nação contempla também sua memória, bem como o senso de pertencimento obtido por vários procedimentos, entre os quais, o fato de que o grupo estabelece uma imagem de si mesmo em que prevalece a presença de certos comportamentos que seriam utilizados para o definir, para constituir a forma como ele se percebe.

Entre os hábitos e comportamentos explorados no texto de Lima, certos trechos permitem identificar uma característica que ficou conhecida como “jeitinho brasileiro”. Segundo definição apresentada por Barbosa (1992, p.32):

grosso modo, o jeitinho é sempre uma forma ‘especial’ de se resolver algum problema ou situação difícil ou proibida; ou uma solução criativa para alguma emergência, seja sob a forma de burla a alguma regra ou norma preestabelecida, seja sob a forma de conciliação, esperteza ou habilidade.

É possível citar ao menos duas ocorrências desse jeito de proceder com sentidos diferentes em *Clara dos Anjos*. O primeiro exemplo desse atributo ligado ao povo do Brasil remete à capacidade de improvisação e diz respeito aos próprios barracões, que seriam um exemplo de uma solução encontrada pela população mais humilde em resposta às dificuldades de moradia. Conforme se pode observar no trecho a seguir:

Há casas, casinhas, casebres, barracões, choças, por toda a parte onde se possa fincar quatro estacas de pau e uni-las por paredes duvidosas. Todo o material para essas construções serve: são latas de fósforos distendidas, telhas velhas, folhas de zinco, e,

¹ Tendo em vista que termo sincretismo é visto como polêmico por alguns especialistas, dentre os quais alguns preferem o termo hibridismo, outros mestiçagem ou criouliização, é preciso destacar que o intuito desse trabalho se limita a sinalizar a ocorrência de uma comunicação entre elementos de origens diversas dentro de uma experiência religiosa. Para maior aprofundamento sobre essas discussões, ver Sérgio Ferretti, “Sincretismo e hibridismo na cultura popular”, em *Revista Pós Ciências Sociais* (Maranhão, v. 11, n. 21, 2014)

para as nervuras das paredes de taipa, o bambu, que não é barato. (BARRETO, 2005, p. 98)

Tendo em mente o contexto histórico do romance, cabe aqui ressaltar o contraste dessas moradias com as modernas construções do centro da cidade. A fragilidade dos materiais permite supor os transtornos passados por seus moradores, principalmente nas ocasiões de intempéries, como chuvas volumosas. Juntamente à falta de saneamento, que é citada por Lima no romance, a caracterização desses espaços leva a observar que tais construções surgidas diante da emergência não teriam estrutura nem de serem consideradas paliativas, mas acabam se tornando definitivas devido à falta de assistência sofrida por essa população.

Já o outro caso de “jeitinho” estaria relacionado à acepção de esperteza do termo e especificamente se liga ao fato de alguém se utilizar dos laços de amizade ou da posição favorável de outra pessoa para tentar sair de uma situação desagradável. Esse meio, a depender da situação, muitas vezes é moralmente recriminável pela injustiça, em maior ou maior grau, que pode ocasionar. Exemplo disso são as passagens do romance em que ocorre uma espécie de corrupção, em que Cassi utiliza a proteção de pessoas influentes, como seu tio, Dr. Baeta Picanço ou do Capitão Barcelos para livrá-lo das punições por seus erros e crimes. Como se vê, as consequências são graves, pois a intervenção dos dois personagens gera a impunidade do rapaz. A respeito da atitude dessas pessoas que usam de sua autoridade para defender Cassi, tem-se um outro fenômeno, conhecido popularmente como “carteirada”. Esse tipo de atitude é referido por Barbosa (1992) como um ritual que, ao contrário do “jeitinho”, se caracteriza pelo uso do autoritarismo e de separação social, que se resumem na expressão “*Você sabe com quem está falando?*”, muitas vezes utilizada nessas situações. Assim, por meio dessa passagem relacionada a Cassi, Lima realiza uma crítica à corrupção e evidencia os desdobramentos dessa prática.

Barbosa coloca o malandro como “a personificação do espírito que permeia o jeitinho” (1999, p.44) Além disso, o malandro também é definido como “um ser deslocado das regras formais, fatalmente excluído do mercado de trabalho, aliás definido por nós como totalmente avesso ao trabalho e individualizado pelo modo de andar, falar e vestir-se.” (DAMATTA, 1997, p. 263) Assim, essa figura estaria inclusa na marginalidade, sendo definido como indivíduo aproveitador, seja por procurar ocasiões propícias para realizar golpes ou por não querer trabalhar e viver às custas dos outros.

No romance, esses personagens típicos aparecem representados pela turma de Cassi, na qual ele é o destaque:

Nunca suportara um emprego, e a deficiência de sua instrução impedia-o que obtivesse um de acordo com as pretensões de muita coisa que herdara da mãe; além disso, devido à sua educação solta, era incapaz para o trabalho assíduo, seguido, incapacidade que, agora, roçava pela moléstia. A mórbida ternura da mãe por ele, a que não eram estranhas as suas vaidades pessoais, junto à indiferença desdenhosa do pai, com o tempo, fizeram de Cassi o tipo mais completo de vagabundo doméstico que se pode imaginar. É um tipo bem brasileiro. (BARRETO, 2005, p.45)

Vale ressaltar que por meio do trecho, com a expressão dos aspectos psicológicos e sociais, fica perceptível a forma como a educação inadequada contribuiu para o desenvolvimento do caráter reprovável do personagem.

As ocupações de Cassi eram a modinha e é bom lembrar que na época, devido à repressão as manifestações artísticas populares, “violão era desmoralizado e desmoralizava” (BARRETO, 2005, p.120), sendo visto como coisa de pessoas desocupadas. Sua principal fonte de renda era oriunda dos galos de briga que criava. Além das apostas nas rinhãs, também os vendia ou até presenteava pessoas “ das quais supusesse, algum dia, precisar do auxílio e préstimos delas, contra a polícia e a justiça.” (BARRETO, 2005, p.44) e com o dinheiro, saldava as contas do alfaiate e as apostas pendentes em jogos. Então, até mesmo essa ocupação pode ser vista como apenas acessório que dava meios para levar seu modo de vida.

Sobre a malandragem é importante relatar o estabelecimento de alguns limites morais, que determinariam, dentro das regras informais que permeiam a constituição dessa figura na sociedade, aquilo que seria aceitável em relação aos procedimentos do malandro:

O campo do *malandro* vai, numa gradação, da *malandragem* socialmente aprovada e vista entre nós como esperteza e vivacidade, ao ponto mais pesado do gesto francamente desonesto. É quando o *malandro* corre o risco de deixar de viver do *jeito* e do expediente para viver dos golpes, virando então um autêntico *marginal* ou *bandido*. (DAMATTA, 1997, p.269)

Por meio das diretrizes dessa escala, se percebe que quase todos da turma de Cassi, incluindo ele próprio, já estariam atravessando esses limites. Entre os comparsas de Cassi se constata a ocupação predominantemente informal e o desempenho de atividades não muito legítimas, pois sobreviviam de trapanças, jogatina e furtos: ao conhecer Cassi, Ataliba do Timbó abandonou o emprego, passou a se sustentar com o que obtinha em jogos de dados e de cartas e atuava como agente de jogo do bicho. Jogava futebol, mas era expulso dos times, acusado de beneficiar propositalmente os adversários. Franco Sousa aplicava golpes, dizendo-se advogado. Arnaldo furtava objetos em trens e estações e chegava a roubar dinheiro de crianças. Zezé Mateus era o único que segundo o narrador não tinha maldade. Trabalhava conforme a oportunidade, fazendo pequenos serviços. Morava e se alimentava da caridade de uma família para quem costumava realizar esses trabalhos.

O livro menciona jogos de apostas ou de azar, como o do bicho, a rinha de galo e outros, praticados por Cassi e seus companheiros, mas também os jogos apenas voltados para a diversão, como os praticados por Joaquim e seus amigos no quintal de casa. Por sinal, além do botequim, a casa constituía muitas vezes um dos locais de lazer, com reuniões de amigos, em que se jogava ou eram executadas músicas e danças.

Outro ponto a ressaltar no livro é a preocupação em destacar a origem dos personagens, com a presença dos portugueses e estrangeiros na ascendência dos indivíduos e a sinalização da mestiçagem do povo brasileiro. Por exemplo, Engrácia era neta de escrava; quase todos os personagens são descendentes de portugueses ou de estrangeiros de forma geral; Marramaque tinha mãe com traços de índio, “quase branca” e pai minhoto; Meneses era filho de portugueses; Salustiana dizia ter ascendência inglesa; D. Margarida era russa e filha de um alemão; Lafões era português de nascimento e tinha vindo quando criança para o Brasil.

A respeito desse fenômeno, convém observar mais detalhadamente sua relação com a identidade. Silva (2008) coloca a existência de processos que trabalham no sentido de fixar as identidades e de outros, em direção contrária, que tentam desestabilizá-la. Participando dos processos fixadores estão os mitos fundadores, a língua e a construção de símbolos nacionais. São elementos que fortalecem a ideia de unificação. Segundo o autor, um elemento que pode ser considerado desestabilizador é a hibridização, que questiona a fixidez, os contornos bem definidos da identidade, mostrando que as interações e a diversidade também estão presentes, criando uma imagem de heterogeneidade.

No Brasil, essa característica de heterogeneidade é encontrada, devido à miscigenação iniciada nos tempos coloniais, fazendo com que a brasilidade esteja marcada pela diversidade na origem dos elementos que a compõem. Sobre isso, Ribeiro(1995) coloca que o processo de formação do povo brasileiro levou à constituição de uma etnia única, no sentido de que, mesmo com as regionalidades e diferenças de matrizes raciais e culturais, prevalece entre os brasileiros um conjunto de tradições em comum. Entretanto, ele afirma que apesar de no país não haver disputas étnicas aprofundadas, como uma etnia reivindicando autonomia, vivemos uma falsa democracia racial, já que existem graves desigualdades sociais e “a dilaceração desse mesmo povo por uma estratificação classista de nítido colorido racial e do tipo mais cruelmente desigualitário que se possa perceber.” (RIBEIRO, 1995, p.24)

Desse modo, as desigualdades brasileiras têm em sua base a hierarquização de classes sociais. Além disso, nota-se uma relação entre a exclusão ou marginalização social e a cor da

pele, sendo predominante na divisão de classes os brancos ocuparem as camadas mais favorecidas enquanto os não-brancos costumam estar na camada mais pobre.

No período da *Belle Époque*, a visão das elites não enxergava no negro um ponto positivo para a identidade nacional e várias das medidas tomadas para o estabelecimento de melhorias sociais resultaram em exclusão dessa parte da população elas. Logo, deve-se ter em mente a força preponderante da injustiça social e do preconceito que reforçam os fatores que impedem a ascensão das pessoas de cor, as quais se deparam com práticas racistas que atuam por meio da existência de pensamentos discriminatórios, associação de suas figuras a estigmas negativos direcionados a depreciar tanto a sua imagem física, quanto seu comportamento e caráter e acabam por interferir na sua inclusão social e no mercado de trabalho.

O trecho a seguir, sobre o trabalho de carteiro de Joaquim dos Anjos, é bem significativo, pois mostra a variedade de nacionalidades e cores, bem como a percepção do pai de Clara sobre as relações sociais e suas desigualdades naquele momento da história:

Vinha tudo isto com nomes arrevesados: franceses, ingleses, alemães, italianos, etc.; mas, como eram sempre os mesmos, acabara decorando-os e pronunciando-os mais ou menos corretamente. Gostava de lidar com aqueles homens louros, rubicundos, robustos, de olhos cor do mar, entre os quais ele não distinguia os chefes e os subalternos. Quando havia brasileiros, no meio deles, logo adivinhava que não eram chefes. (BARRETO, 2005, p.125)

De fato, como confirma Chalhoub (2001), entre imigrantes e negros, os primeiros ocupavam os melhores cargos: “Os dados referentes à estrutura ocupacional da cidade em 1890 mostram uma marginalização ocupacional dos não-brancos ocorrendo em parte devido à presença dos imigrantes europeus.” (p.81) Isso se dava naquele contexto principalmente pela série de preconceitos e mitos que estavam associados ao trabalhador nacional. Como consequência, os empregadores tinham como preferência não contratar os ex-escravos e os não-brancos.

A competitividade acirrada no mercado de trabalho sublinhava diferenças de nacionalidade. Porém, como se pode observar no texto de Lima, muitas vezes os imigrantes estavam no mesmo patamar que os brasileiros e desempenhavam também papéis subalternos.

Em outra perspectiva ainda, ao mesmo tempo que a competição e as diferenças que levavam à exclusão ou a atitudes esnobes poderiam se manifestar até mesmo entre as pessoas mais pobres, havia também a superação desses conflitos em vista da força das necessidades.

Uma diferença accidental de cor é causa para que se possa julgar superior à vizinha; o fato do marido desta ganhar mais do que o daquela é outro. Um "belchior" de mesquinhas aça-lhes a vaidade e alimenta-lhes o despeito.

Em geral, essas brigas duram pouco. Lá vem uma moléstia num dos pequenos desta, e logo aquela a socorre com os seus vidros de homeopatia. (BARRETO, 2005, p. 99)

Com os altos índices de desemprego e as condições de moradia e sanitárias deficientes era necessário o estabelecimento de um apoio mútuo a fim de enfrentar a miséria e as mazelas decorrentes desses fatores.

Contudo, a visão sobre o trabalho era complexa, pois essa atividade ainda era associada à atividade escrava e, portanto, tinha uma conotação pejorativa. Por outro lado, a elite via a necessidade de fazer propagar os novos valores do mundo do trabalho, com o fim principal de assegurar a mão-de-obra. Como consequência desse pensamento, em 1888, surge um projeto de lei para combate à ociosidade. Essa lei, que deveria atingir principalmente os ex-escravizados e a população mais humilde em geral, determinaria que os indivíduos acusados de vadiagem seriam recolhidos a colônias de trabalho, alegando ser essa a forma de prevenir crimes e violência.

Entretanto, Chalhoub (2001, p.75) reflete que :

Se um indivíduo é ocioso, mas tem meios de garantir sua sobrevivência, ele não é obviamente perigoso à ordem social. Só a união da vadiagem com a indigência afeta o senso moral, deturpando o homem e engendrando o crime. Fica claro, portanto, que existe uma má ociosidade e uma boa ociosidade. A má ociosidade é aquela característica dos pobres, e deve ser prontamente reprimida. A boa ociosidade é, com certeza, atributo dos nobres deputedos e seus iguais...

No texto de Lima, a cena a seguir mostra que para Dona Salustiana, mãe de Cassi, trabalhar representaria um rebaixamento de nível, mais que um embaraço, uma humilhação para pessoas que se consideravam elite:

- Cassi está doido e quer envergonhar-nos a todos nós, o meu avô que foi cônsul da Inglaterra... Ah! Se ele ressuscitasse - que vexame não passaria!
 - Que é que Cassi vai fazer? - fez Irene com calma.
 - Vai ser trabalhador de enxada, numa estrada de ferro de Mato Grosso.(BARRETO, 2005, p.147)

Após descobrir a gravidez de Clara, Cassi decide fugir e para não despertar suspeitas, mente que iria conseguir um emprego em outro estado. O trecho mostra que mesmo que realmente se interessasse por trabalho, Cassi teria a resistência de sua mãe, que age segundo os princípios preconceituosos contra a atividade.

Acerca dos comportamentos de Salustiana, é interessante atentar para as manifestações de bovarismo, pois, de fato, sua maneira de agir se encaixa no conceito formulado pelo filósofo Gaultier, que definia que o bovarismo “ representava uma atitude de evasão do imaginário, que implicava conceber-se sempre como outro, diferente do que se é. “ (SCHWARCZ, 2017, p.155) Dessa forma, a mãe de Cassi tinha um julgamento e percepção

diferentes da sua própria realidade, fazendo com que se visse como superior por ter familiares em boas posições e por se dizer descendente de um fidalgo inglês. Contudo, embora tivesse condições financeiras um pouco melhores, morava no subúrbio, como todos aqueles a quem desprezava.

Junto à análise da condição do negro na época em que se passa a narrativa, a recente Abolição da escravatura está presente em algumas passagens da narrativa. Ao realizar a caracterização de Marramaque, como republicano e abolicionista, o narrador enfatiza: “O espectro da escravidão, com todo o seu cortejo de infâmias, causava-lhe secretas revoltas.” (BARRETO, 2005, p.54) Os resquícios do período estavam ainda presentes na letra de uma canção popular em que se observa a visão das relações entre um feitor e uma provável escrava que dançava na roça:

Sorria a mulata
 Por quem o feitor
 Diziam que andava
 Perdido de amor.(BARRETO, 2005, p.69)

É preciso lembrar que, embora as relações inter-raciais entre homem branco e mulher negra ou mestiça ocorressem, essas relações se davam muitas vezes como exploração sexual dessas mulheres. Consoante Nascimento (1978, p.62):

Já que a existência da mulata significa o ‘produto’ do prévio estupro da mulher africana, a implicação está em que após a brutal violação, a mulata tornou-se só objeto de fornicação, enquanto a mulher negra continuou relegada à sua função original, ou seja, o trabalho compulsório.

Em vários momentos de *Clara dos Anjos*, Lima Barreto enfatiza o preconceito que rodeava a protagonista por causa de sua cor e situação econômica e deixa nítido que, para a sociedade, o seu destino já estaria predeterminado a ter realizações inferiores às das moças em condição diferente.

Concernente a isso, vale trazer novamente à discussão o fato de que durante o século XX, o racismo científico ganhou propulsão no Brasil defendendo a natureza inferior das pessoas negras, que por isso não teriam capacidade para ocupar posições de destaque na sociedade. Pode-se estabelecer uma relação entre essa postura preconceituosa e o fenômeno descrito por Cuche (1999):

O poder de classificar leva à "etnicização" dos grupos subalternos. Eles são identificados a partir de características culturais exteriores que são consideradas como sendo substanciais a eles e logo, quase imutáveis. (...) Ela pode se prolongar em uma política de segregação dos grupos minoritários, obrigados de certa maneira a ficar em seu lugar, no lugar que lhes foi destinado em função de sua classificação. (p.187)

De fato, a cor da pele no romance toma bastante relevância em virtude dos desdobramentos que isso traz no contexto em que viviam, em que a tonalidade escura da pele aumentava a discriminação sofrida pelo indivíduo. Nesse sentido, é válido destacar o seguinte apontamento a respeito da relação com os negros escravizados e sobre a sua situação e de seus filhos e filhas:

Para a cidade não trouxeram nenhum escravo. Venderam a maioria e os de estimação libertaram. Com eles, só vieram os libertos que eram como da família. Pelo tempo do nascimento de Engrácia, havia poucos deles e delas em casa. Só a Babá, sua mãe e um preto ainda estavam sob o teto patriarcal dos Teles de Carvalho. Engrácia foi criada com mimo de filha, como os outros rapazes e raparigas, filhos de antigos escravos, nascidos em casa dos Teles. (BARRETO, 2005, p. 75)

No trecho, é possível notar a diferença de tratamento entre os escravos ditos de estimação e os demais, pelo fato de eles serem vendidos. Apesar de os que não eram de estimação serem tratados com mais crueldade, todos são vistos como propriedades, pois seu direito à liberdade era determinado pelos donos. Por outro lado, mesmo os libertos continuavam sob “proteção” dos antigos senhores, provavelmente ainda exercendo algum tipo de trabalho, como Babá, ou até mesmo eram descendentes dos senhores, conforme é cogitado sobre o nascimento de Engrácia.

Sayers, em seu estudo *O negro na literatura brasileira*, rastreia as representações trazidas em diversos momentos da nossa literatura. Ele aponta que a princípio o negro aparecia como elemento do cenário e que só com o passar do tempo foi se individualizando. Contudo, esse processo se deu por meio da adoção de estereótipos. Alguns dos tipos elencados por ele são o escravo fiel, o feiticeiro, o moleque, a bela mulata.

A título de exemplificação o teórico aponta que nas obras de alguns poetas atuantes no fim do século XVII, na Bahia, “Se cabia a menção do negro nos livros (...), esta se fazia apenas para incluí-lo na enumeração dos bens móveis de algum *engenho* ou para descrever uma tarefa que por êle era cumprida.” (SAYERS, 1958, p.61) Sayers comenta que no começo do século XIX, junto ao antiescravismo que começa a se manifestar mais fortemente, na literatura se passa a identificar alguns tipos negros, como o negro nobre e o escravo sofredor. Assim, se nesse período já se forma um esboço de personalidade humana, em contraste ao tratamento como coisa ou utilitário do século anterior, fica claro porém que o negro ainda não é totalmente individualizado, pois é tratado fazendo-se uso da previsibilidade de uma categoria.

Entretanto, Schwarcz (2017) expõe que enquanto, de forma geral, a literatura da época havia se especializado em trazer apenas alguns elementos estereotipados, como o “mulato

malandro” e a “mulata sensual”, Lima se dedicava a construir personagens que representassem de forma ampla a variedade de pessoas, indo além desses estigmas, o que constituía uma forma de chamar a atenção para as contradições e preconceitos existentes.

Esse seria o seu diferencial em relação à representação da identidade: a tentativa de apresentar uma outra faceta, não só em relação ao negro, mas aos outros elementos que também constituíam o país, mas que eram ignorados ou inferiorizados. Nesse contexto, Lima Barreto viveu, escreveu e se posicionou contra as desigualdades. Logo, ao tratar desses temas de forma constante, ele faz uma defesa de que a imagem nacional que pretendia ser propagada não representava a realidade e tentava ignorar os conflitos nela existentes.

Da mesma forma, conforme será examinado no capítulo a seguir, a identidade feminina era idealizada tendo como molde uma série de determinações que contradiziam a realidade e as relações de gênero eram marcadas pela presença de uma hierarquia geradora de opressão para as mulheres.

4 A CONSTRUÇÃO DO FEMININO EM *CLARA DOS ANJOS*

Neste capítulo, em que será analisada a composição das personagens femininas de *Clara dos Anjos*, a formação da identidade feminina na *Belle Époque* será examinada em associação à representação literária das mulheres realizada por Lima, observando os elementos simbólicos, os recursos estéticos e expressivos utilizados pelo autor para realizar tal fim.

Nos capítulos anteriores, viu-se que durante a *Belle Époque* ocorreram transformações que afetaram não só a configuração dos espaços públicos, mas também a mentalidade e o comportamento da população do Rio de Janeiro, cidade que funcionava como estandarte para o país e onde se passa o enredo do romance aqui estudado. Naquele período histórico, além da identidade nacional, a identidade feminina também deveria se configurar em obediência a alguns padrões rígidos, determinados pelo pensamento patriarcal predominante na época.

A formação da identidade pode ser encarada como uma faceta da vivência humana e da comunidade que se dá de forma integrada aos fenômenos sociais e que, por não estar isolado deles, acompanha o movimento das estruturas e variáveis presentes na relação entre os elementos do sistema social.

Desse modo, a organização de grupos com base em aspectos identitários leva em consideração essa dinâmica, cuja análise leva à interpretação da relação do indivíduo ou de uma comunidade com o contexto. Segundo afirma Cuche:

A identidade social de um indivíduo se caracteriza pelo conjunto de suas vinculações em um sistema social: vinculação a uma classe sexual, a uma classe de idade, a uma classe social, a uma nação, etc. A identidade permite que o indivíduo se localize em um sistema social e seja localizado socialmente. (CUCHE, 1999, p.177)

Diante disso, é notável a existência de um sistema de classificação no qual a atribuição de características e valores, realizada de forma simbólica, desempenha uma função de direcionamento e suporte tanto para o próprio indivíduo definir-se, como para a leitura que os demais realizam sobre ele e acerca do grupo.

Nesse processo de interpretação da identidade, é importante enfatizar a atuação das relações de poder e da influência cultural. Por isso, na análise da formação da identidade feminina, deve-se lembrar que historicamente a mulher tem sido elemento de um sistema em que aspectos biológicos são utilizados como parâmetros para defini-la e subjugar-la, enquanto o homem, colocado em posição de superioridade, passa a ser detentor de poder. Consoante Beauvoir (1970, p.10), “A humanidade é masculina, e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo.” A sociedade estabelecida

de acordo com as regras patriarcais define o homem como dotado de valores de força, inteligência superior e a mulher como dócil e incapaz. Portanto, essa configuração a impede não só de definir a si mesma, mas também de exercer sua liberdade para ser e agir da forma que deseja e também coloca a ascensão do homem e a dominação exercida por ele como naturais.

Ao se opor a essas determinações, o feminismo representou uma reviravolta que atingiu muitos aspectos da sociedade, bem como também influenciou sobre o desenvolvimento de estudos acadêmicos. Hall (2011) coloca o feminismo como um dos elementos descentradores da identidade pós-moderna, ao lado das teorias de Marx, Freud, Foucault e Saussure. Como consequência das ideias veiculadas por essas novas teorias, estão questionamentos que abalaram os paradigmas existentes sobre identidade, contribuindo para a sua revisão, já que mudaram o foco de observação através da percepção da existência de um dinamismo nos processos identitários.

Dessa forma, com seu surgimento o feminismo contribuiu para alterar a visão de sujeito, na medida em que realiza o questionamento de papéis sociais, debates sobre as diferenças e articula uma visão política decorrente dessas reflexões, principalmente ao almejar igualdade de direitos entre homens e mulheres. Segundo Alves e Pitanguy (1985, p.9),

O feminismo busca repensar e recriar a identidade de sexo sob uma ótica em que o indivíduo, seja ele homem ou mulher, não tenha que adaptar-se a modelos hierarquizados, e onde as qualidades ‘femininas’ ou ‘masculinas’ sejam atributos do ser humano em sua globalidade.

Com essa postura, o feminismo se posiciona contra a dominação ou a inferiorização das mulheres, contesta estereótipos que definem uma masculinidade ou uma feminilidade padronizada, busca a discussão sobre a identidade e a identificação. Enfim, proporciona o questionamento da ideia de sujeito.

Há que salientar também que o pensamento feminista se caracteriza pela existência de diferentes abordagens teóricas, que buscam analisar a condição feminina sob ângulos diversos. Costumeiramente, se faz uso da divisão da história do feminismo em três momentos, que se convencionou chamar de “ondas”, as quais procuram agrupar os principais questionamentos trazidos durante os diferentes períodos de desenvolvimento das ideias do feminismo.

Conforme aponta Martins (2015), a primeira onda, iniciada durante o século XIX, foi marcada principalmente pela luta pelo voto feminino e por condições melhores de trabalho para as mulheres. Na segunda onda, iniciada em 1960, “estabeleceram-se os alicerces de

uma teoria feminista, destinada a compreender as origens e as causas das desigualdades entre os sexos.” (MARTINS, 2015, p. 234) Esse período da história do feminismo, que tem no livro *O segundo sexo*, de Beauvoir um importante marco, busca realizar a análise sobre a dominação masculina, bem como incrementa o debate sobre o aspecto cultural presente nessa dominação e o fortalecimento dela através dos mais variados discursos presentes na sociedade no decorrer da História.

Acerca da terceira onda, pode-se dizer que se caracteriza pelo questionamento da visão da categoria mulher como algo uniforme, universal. “Com o reconhecimento da diversidade, há a incorporação de uma variedade de discursos no interior do campo teórico feminista, o que resulta na profunda heterogeneidade do sujeito na contemporaneidade – ou mesmo na sua dissolução.” (MARTINS, 2015, p.236) Assim, a partir da percepção das complexidades existentes na sociedade atual, é importante sublinhar que o feminismo atual tem incorporado muitas outras discussões, a fim de entender as especificidades de diversos grupos de mulheres e de compreender suas vivências. Dessa forma, as teorizações vêm aprofundando temas como as questões de raça e de orientação sexual.

Dito isto, faz-se necessário perceber que uma das preocupações do feminismo reside no estudo sobre o processo de formação da identidade feminina. Dentre as reflexões sobre esse assunto, vale destacar a afirmação de Simone de Beauvoir, segundo a qual “ninguém nasce mulher, torna-se mulher ”(1967, p.9). Em sua colocação, a filósofa chama atenção para o fato de que a feminilidade e, por consequência, a masculinidade são construções culturais, ou seja, se definem a partir de regras convencionadas socialmente.

A propósito das colocações da estudiosa francesa, Ribeiro (2013, p.508-509) esclarece que

Simone de Beauvoir não nega as diferenças sexuais entre homens e mulheres; o que se está negando é que as diferenças não deveriam, mas produzem desigualdades no campo social. Diferenças biológicas são utilizadas como “desculpas” para se negar direitos às mulheres; são utilizadas para legitimar desigualdades.

Assim, chama a atenção para a existência de discursos que buscam fortalecer determinismos biológicos e perpassam ideias discriminatórias que ganham implicações políticas e sociais, na medida em que dificultam ou mesmo impedem a participação das mulheres nas mais diversas atividades e espaços sociais.

No sentido de sinalizar a diferença entre sexo biológico e os fatores sociais que influenciam na elaboração da identidade, o feminismo passou a utilizar o termo gênero, por volta da década de 1970: “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos; e o gênero é uma forma primeira de significar as

relações de poder.” (SCOTT, 2019, p.67) Levando-se em consideração a sociedade patriarcal, que toma como referência a classificação binária masculino/ feminino, à qual corresponde uma hierarquização que prioriza o homem e influencia a determinação de papéis sociais específicos para homens e mulheres, o feminismo busca questionar esses parâmetros e desvendar os mecanismos que possibilitam sua perpetuação.

Na análise literária, o desenvolvimento da crítica feminista é responsável por aplicar um olhar que examine como as relações de gênero e as questões pertinentes à identidade feminina são transpostas nos textos.

Ler, portanto, um texto literário tomando como instrumentos os conceitos operatórios fornecidos pela crítica feminista (...) implica investigar o modo pelo qual tal texto está marcado pela diferença de gênero, num processo de desnudamento que visa despertar o senso crítico e promover mudanças de mentalidades, ou, por outro lado, divulgar posturas críticas por parte dos(as) escritores(as) em relação às convenções sociais que, historicamente, têm aprisionado a mulher e tolhido seus movimentos.” (ZOLIN, 2009, p.182)

Em suma, a leitura feminista trabalha no sentido de observar como as mulheres são representadas, desmistificar os estereótipos, repensar textos canônicos, realizar estudo de textos das mais diversas épocas e também de autoria feminina, a fim de compreender os modelos e representações das relações de gênero. Logo, a análise aqui buscada espera refletir sobre em que medida Lima Barreto aborda as questões relativas à mulher da *Belle Époque*.

4.1 Clara dos Anjos e a mulher na *Belle Époque*

Durante o período situado entre os séculos XIX e XX os valores e padrões definidos para as mulheres poderiam se resumir em três exigências: a mulher deveria permanecer em casa, casar-se e ser mãe.

Ao se ter isso em vista, tornam-se mais perceptíveis os significados do estabelecimento do ambiente doméstico como predominante na vida de Clara dos Anjos, a qual só saía raramente, para ir à casa de Dona Margarida ou em companhia dela ou dos pais. Sua permanência em casa era um aspecto da superproteção de Engrácia e Joaquim, mas também pode ser associada à determinação da sociedade que designava a esfera privada como pertencente à mulher e a pública, ao homem.

Então, considerando-se que as atribuições da mulher deveriam estar restritas à atuação doméstica e à maternidade: “A receita para a mulher ideal envolvia uma mistura de imagens: a mãe piedosa da Igreja, a mãe-educadora do Estado positivista, a esposa-companheira do aparato médico-higienista.”(FONSECA, 1997, p.528) Depreende-se que a mulher deveria

seguir o modelo bíblico de Maria, que era casta e mãe. Além disso, deveria ser responsável pela educação dos filhos e seus anseios deveriam se acomodar aos de seu marido. Cabe ressaltar que a Igreja, a medicina, a imprensa, os juristas, entre outros, realizavam o reforço das regras e a classificação entre os comportamentos que eram adequados ou não para mulheres e homens, atuando dessa forma como agentes na disseminação desses parâmetros.

Concernente a isso, ao tratar sobre o conceito e o processo de identificação de gênero, Butler (2013) traz a noção de performance, que pode ser aqui associada a uma forma pela qual se materializam as regras que determinam como os corpos devem se portar e aparentar e as ideias nas quais se baseiam essas prescrições. Entretanto, para que sejam concretizadas é indispensável “reiteração forçada” das normas que regulam esse processo: “O fato de que essa reiteração seja necessária é um sinal de que a materialização não é nunca totalmente completa, que os corpos não se conformam, nunca, completamente às normas pelas quais sua materialização é imposta.” (BUTLER, 2013, p.154)

Ou seja, por ser contra a natureza diversa do ser humano, por serem algo cultural, artificial, há necessidade de as regras serem reforçadas no sentido de realizar uma associação e execução automáticas pelo indivíduo. Essa reiteração se concretiza tanto por meio da propagação persistente das ideias, mas também na quantidade de agentes a repercutir, veicular as regras. Entretanto, dado o fato de que a existência da diversidade não é levada em consideração nesse processo de transmissão, a multiplicidade de pensamentos, de necessidades e de formas como as mulheres e homens se veem e encaram sua sexualidade faz com que a subversão às regras seja uma constante.

Entre as regras impostas no período em que se passa o enredo do romance, o casamento era colocado como a principal preocupação das mulheres, pois não casar seria não atender às funções esperadas para elas. Tal expectativa aparece no romance de Lima Barreto diversas vezes, demonstrada por Clara, que era obcecada pelo casamento, da mesma forma que seu pai, que não se importava que Cassi fosse um “capadócio, um desclassificado, um réu de polícia”, desde que se dispusesse a casar com a filha. As irmãs de Cassi também se manifestavam sobre o assunto: “Catarina e Irene sonhavam casar com doutores, bem empregados ou ricos, porque elas se julgavam prestes a se ‘formar’, a primeira em música e piano, pelo trampolíneiro Instituto Nacional de Música; e a segunda, pela indigesta Escola Normal desta Capital.” (BARRETO, 2005, p.40)

Na passagem acima, além da preocupação com o casamento, no caso das moças da família de Cassi, atesta-se a interferência dos fatores financeiros na escolha do pretendente. O

trecho também oferece informações sobre o ensino feminino, citando alguns cursos frequentados pelas mulheres.

Durante muito tempo, a instrução destinada às mulheres era diferenciada em relação à dos homens e possuía restrições quanto a algumas matérias. Almeida (1998) faz uma retrospectiva sobre a educação feminina e destaca que no século XIX, a educação das meninas de classe privilegiada tinha entre as disciplinas o ensino de prendas domésticas e boas maneiras.

A autora explica que após a República e com a propagação de ideais positivistas, entre outros, houve aumento de defensores do ensino para as mulheres. Contudo, essa educação deveria ser aplicada dentro dos limites moralizantes e valores considerados femininos. Entre as profissões consideradas convenientes para as mulheres estava o magistério, considerado uma extensão dos atributos femininos de cuidado com as crianças. Mesmo assim, a concepção implícita na frequência das escolas normais pelas mulheres, e na educação feminina de um modo geral, continuava atrelada aos princípios veiculados de ela ser necessária não para seu aperfeiçoamento ou satisfação, mas para ser a esposa agradável e a mãe dedicada. (ALMEIDA, 1999, p.62) Dentro desse contexto, a educação feminina estava a serviço dos homens e certas profissões permaneciam interditas por não condizerem com a natureza feminina, segundo o pensamento da época. Ou seja, a educação atendia a motivações externas e não às aspirações das mulheres.

Na obra de Barreto, a instrução formal de Clara dos Anjos era limitada e seu pai ensinou a ela noções de música, conhecimentos com os quais ela realizava para ele algumas cópias de partituras. Entretanto, não permitia que a filha estudasse flauta, pois considerava o aprendizado desse instrumento inadequado para uma moça.

Clara não almejava mais do que isso em relação ao desenvolvimento intelectual, nem às possibilidades profissionais que as habilidades adquiridas com o estudo pudessem lhe trazer. Estava conformada e convicta de que seu papel era viver à sombra masculina, por isso não se esmerava em se desenvolver: “O seu ideal na vida não era adquirir uma personalidade, não era ser ela, mesmo ao lado do pai ou do futuro marido. Era constituir função do pai, enquanto solteira, e do marido, quando casada.” (BARRETO, 2005, p.120) Pode-se concluir que a dependência psicológica e emocional travava o desenvolvimento de sua individualidade. Tal procedimento, pode-se dizer que deriva em parte da educação recebida, a qual, comparativamente aos homens estimulava a independência deles e a passividade delas: “Ao contrário, na mulher há, no início, um conflito entre sua existência autônoma e seu “ser-outro”; ensinam-lhe que para agradar é preciso procurar agradar, fazer-se objeto; ela deve,

portanto, renunciar à sua autonomia.” (BEAUVOIR, 1967, p.22) Em virtude disso, a ansiedade de ter comportamentos aceitos socialmente leva-a a condutas nas quais a posição de subserviência é vista como única opção.

O fato de receberem uma educação que não as estimulava no desenvolvimento intelectual é mostrado no trecho a seguir, que revela que apesar de algumas estudarem e adquirirem conhecimentos específicos que potencialmente poderiam credenciá-las para desempenhar uma profissão ou se destacarem socialmente, muitas vezes esse conhecimento não era utilizado: “Engrácia recebeu boa instrução, para a sua condição e sexo; mas, logo que se casou – como em geral acontece com as nossas moças-, tratou de esquecer o que tinha estudado.” (BARRETO, 2005, p.75) Logo, percebe-se que além de ter suas realizações limitadas ao casamento e às demandas de casa, havia anulação da mulher no aspecto intelectual, sendo ainda sua atuação profissional vista com preconceito por muitos: “Não que ela fosse vadia, ao contrário; mas tinha um tolo escrúpulo de ganhar dinheiro por suas próprias mãos. Parecia feio a uma moça ou a uma mulher.” (BARRETO, 2005, p.120) Não obstante isso, Clara ajudava Dona Margarida nos trabalhos de bordados e costuras. Porém, foi bem difícil para a senhora convencer a garota a realizar essas atividades.

Ao realizar esses serviços, a moça recebia um pouco de dinheiro e foi num momento em que pedia um adiantamento do dinheiro, com a intenção secreta de realizar um aborto, que a senhora descobriu a gravidez indesejada da moça.

Dona Margarida, bastante perspicaz e equilibrada, se destaca por sua personalidade forte e alguns fatores são determinantes para esse resultado, tais como o fato de que ganhava seu próprio sustento, portanto era financeiramente independente, além disso o estado de viuvez garantia a ela legalmente um pouco mais autonomia e possibilidade de ter iniciativa.

Inclusive, tal condição é mostrada pelo Código Civil de 1916, no artigo 246: “A mulher que exercer profissão lucrativa, terá direito de praticar todos os atos inerentes ao seu exercício e à sua defesa, bem como a dispor livremente do produto do seu trabalho.” Por outro lado, afirma, no artigo 243, que a mulher casada deveria ter a permissão do marido para trabalhar, bem como, para administrar os bens do casal, conforme expresso no artigo 266. Portanto, apesar de as leis mostrarem uma evolução no sentido de dar alguma liberdade às mulheres trabalhadoras, mantinham grande parte das mulheres sob o jugo masculino.

Outro ponto que poderia influenciar a personalidade assertiva de Margarida, seria a educação diferente recebida por ela ser estrangeira. A propósito da nacionalidade da personagem, Gama (2015) declara:

A essa altura, é importante também não esquecer as simpatias de Lima Barreto pelas ideias libertárias de vertentes socialista e anarquista, como as favoráveis às uniões livres e contrárias à subordinação dos indivíduos. Nessa direção, a atitude e o comportamento ativo inscritos no perfil de dona Margarida são um modo de o escritor rasurar as convenções do discurso jurídico científico em torno da mulher. (GAMA, 2015, p. 146)

Assim, a escolha específica da Rússia como país natal da senhora é significativa, pois a partir dela Lima estabelece Margarida como um ponto de contraste em relação às ideias que seriam disseminadas para as brasileiras e que seriam responsáveis pela limitação em vários aspectos de suas vidas.

Nesse contexto, uma das maneiras pelas quais a limitação das mulheres se concretizava era a dependência financeira em relação ao homem, sendo a propagação da forma preconceituosa de pensar sobre o trabalho das mulheres mais um elemento fortalecedor da dominação masculina.

Havia ainda um complicador na situação das trabalhadoras, representado pelo fato de terem que sair de casa para o local do serviço, o que ia contra a prescrição de as mulheres não deverem sair de casa. Conseqüentemente, as mulheres pobres se punham diante de um paradoxo entre a necessidade de buscar sobrevivência financeira e a de manter a honra em consonância com os padrões instituídos. Conforme Esteves (1989, p.46): “Mesmo nas saídas a serviço, ordenadas pelo patrão, havia o risco potencial de serem levantadas suspeitas quanto à conduta moral da mulher. Não havia outra coisa mais sensata a fazer: a mulher tinha que ser permanentemente vigiada.” Vale comentar que enquanto a sociedade da época se esforçava em instituir a visão do trabalho como portador de valores nobres, tal esforço era direcionado apenas aos homens trabalhadores, pois para as mulheres sua nobreza ou honra era definida por seu procedimento sexual casto, que, por sua vez, dependia do fato de que ela fosse controlada em todas as atividades que realizasse para que não tivesse oportunidade de praticar quaisquer atos considerados indecentes.

Uma outra grave questão para aquelas que exerciam trabalhos fora de casa eram os casos de assédio sexual. Segundo Hahner (1993), nas indústrias o tratamento direcionado aos trabalhadores em geral não era adequado, porém para os menores de idade e as mulheres a situação se agravava:

Enquanto as crianças eram espancadas, as mulheres ficavam sujeitas à exploração sexual dos capatazes e dos supervisores. As mulheres trabalhadoras queixavam-se das piadas, insultos e maus-tratos que elas recebiam quando não tinham amantes, e por isso mesmo, protetores presentes. (HAHNER, 1993, p.211)

A partir da citação, pode-se detectar que na base dessas práticas reside o pensamento patriarcal de que se a mulher está fora de casa, não é respeitável. Além disso, se expressa a

visão de que ela não é um indivíduo, com vontade própria e dignidade, mas que se constituiria em uma coisa pertencente a um homem e na ausência dele, perderia o direito até mesmo de ser minimamente respeitada.

Se evitar sair de casa, principalmente sozinha, era primordial, além disso, era necessário privar as mulheres de frequentar lugares que pudessem gerar algum risco para sua respeitabilidade, como consultórios dentários, por exemplo, pois nesse caso além do fato de sair de casa, havia a possibilidade de ficarem a sós com um homem, o dentista. No caso de Clara dos Anjos, ao sentir dor de dente, a solução adotada foi fazer o tratamento com um técnico em casa.

- É preciso levar essa menina ao dentista, Engrácia, enquanto está no começo.
 - Dentistas! Deus me livre!
 - Por que, mulher de Deus?
 - Porque é casa de perdição, Quincas.
 - Qual perdição, qual nada. Perde-se quem quer ou quem já está perdido.
- (BARRETO, 2005, p. 126)

Conforme lembra Soihet (1997, p.365), pode-se dizer que a rua representava a possibilidade de desvios e tentações, por isso os médicos e juristas recomendavam às mães pobres que vigiassem suas filhas. Dessa afirmação, depreende-se que a ideia de manutenção das mulheres no espaço doméstico era fortalecida por meio do discurso de autoridades e, por causa disso, a justificativa apresentada por esses especialistas apresentava um nível maior de credibilidade junto à população.

Em casa, na divisão de responsabilidades da família, os afazeres domésticos ficavam exclusivamente ao encargo das mulheres, enquanto aos homens cabia o provimento material da casa. Por conseguinte, Joaquim assegurava o sustento da mulher e da filha e elas cuidavam da casa, numa rotina apertada, em que Engrácia não conseguia frequentar a igreja, devido à quantidade de tarefas. No trecho, em que Joaquim está em reunião com os amigos, elas são solicitadas a servir café ao mesmo tempo em que fazem o almoço:

- De quando em quando, mas sem grandes espaços, Joaquim gritava para a cozinha:
- Clara! Engrácia! Café!
- De lá, respondiam, com algum amuo na voz:
- Já vai! (BARRETO, 2005, p.33)

Mesmo sentindo-se desconfortáveis ou irritadas, como se pode perceber pelo “amuo” em sua voz, elas submissamente continuam desempenhando aquelas atividades, sem reclamar mais claramente.

Além da obediência, o recato e a castidade eram características consideradas imprescindíveis para manter a mulher num nível respeitável e seus relacionamentos eram

vigiados e julgados pela sociedade. A personagem Dona Margarida, por exemplo, era respeitada pelo rigor de sua viuvez. Interessante notar as nuances trazidas na descrição da personagem, pois contribuem para a compreensão daquela sociedade. “Destacava-se muito Dona Margarida Weber Pestana, pelo seu ar varonil, tendo sempre ao lado o filho único, de quatorze anos, fardado com uma fardeta de colegial. Tinha, essa senhora, um temperamento de heroína doméstica.” (BARRETO, 2005, p. 63) A força e o diferencial daquela mulher vinham de seu ar varonil, ou seja, de homem, como se aqueles atributos, aquela forma de proceder, não pudessem ser também femininos.

A presença de estereótipos e de imagens que fariam parte de uma interpretação essencialista do feminino faziam com que relacionassem alguns atributos como próprios da mulher. Em nossa sociedade, tais representações estão presentes por meio de paradigmas que determinam um tipo de comportamento considerado adequado ou próprio para cada gênero.

A menina aprende, assim, a ser doce, obediente, passiva, altruísta, dependente; enquanto o menino aprende a ser agressivo, competitivo, ativo, independente. Como se tais qualidades fossem de suas próprias ‘naturezas’. Da mesma forma, a mulher seria emocional, sentimental, incapaz para as abstrações das ciências e da vida intelectual em geral, enquanto a natureza do homem seria mais propícia à racionalidade. (ALVES; PITANGUY, 1985, p.56)

Por se tratar da repetição de um padrão, o estereótipo leva a um julgamento sem a devida reflexão de sua validade ou adequação ao contexto, podendo contribuir para o reforço de ideias machistas. Um outro estereótipo estaria contido na afirmação de que as mulheres são atraídas por homens de mau caráter, como Cassi: “Todas as moças, das mais diferentes cores, que, ali, a pobreza e a humildade de condição esbatiam e harmonizavam, logo o admiraram na sua insignificância geral, tão poderosa é a fascinação da perversidade nas cabeças femininas.” (BARRETO, 2005, p.67)

Um ponto específico a se considerar sobre Cassi é o fato de ele ser conscientemente inescrupuloso, por isso manipula suas vítimas e a visão que têm sobre ele. Dado seu modo de agir, já que seduz as moças através de promessas de casamento, obtém a confiança daquelas que vêm a se tornar suas vítimas sem necessariamente utilizar a violência física, ludibriando-as através de mecanismos que caracterizam violência psicológica, como na passagem em que em uma carta usa chantagem a fim de fazer com que uma de suas vítimas, Nair, tome a atitude de deixar a janela aberta para que ele tenha acesso a seu quarto e decida se entregar a ele: “No fim da missiva, ou quase, dizia: ‘enfim que eu devo fazer ‘se você não quer ser inteiramente minha’ como eu sou teu.”(BARRETO, 2005, p. 44)

Naquela sociedade, observa-se a tolerância a atitudes agressivas, vistas como sendo da natureza masculina, junto à ideia de que a mulher muda o caráter do homem, de que o amor supera tudo, até os relacionamentos doentios. Convém destacar que muitas ideias machistas, ao serem reproduzidas, colaboram para minimizar os erros ou ações irresponsáveis de alguns homens. Como na ocasião em que Clara defende Cassi ao ser alertada sobre a má conduta dele: “- É porque ele se deixou apanhar, enquanto outros há por aí que... Ele confessa que está arrependido do que fez, e agora quer se empregar e casar-se comigo.” (BARRETO, 2005, p.133) Constata-se que a protagonista julga que o diferencial de Cassi era que ele tinha sido descoberto nos seus golpes, dando a entender que esse tipo de comportamento não era exclusivo dele, fazendo parte de algo naturalizado na sociedade.

No caso de ter se relacionado com o rapaz, muitas vezes a moça solteira arcava sozinha com as consequências, sendo encarada como única “culpada”: “- Engraçado, essas sujeitas! Queixam-se de que abusaram delas... É sempre a mesma cantiga... Por acaso, meu filho as amarra, as amordaça, as ameaça com faca e revólver? Não. A culpa é delas, só delas...”(BARRETO, 2005, p.172)

Cassi Jones, com pouco menos de trinta anos, já havia enganado e deflorado mais de dez moças solteiras e seduzido várias mulheres casadas, envolvendo-se com a polícia por causa desses fatos e tendo sido retirado das detenções por meio da influência de protetores.

O comportamento reincidente de Cassi é reforçado pela impunidade, por isso é importante enfatizar que existia todo um sistema ideológico que favorecia esse resultado, inclusive através da educação diferenciada e da orientação quanto à sexualidade: “Quanto aos homens, estimulou-se o livre exercício de sua sexualidade, símbolo de virilidade; na mulher tal atitude era condenada, cabendo-lhe reprimir todos os desejos e impulsos dessa natureza.” (SOIHET,1997, p.390)

Assim, se a virilidade é um indício de superioridade e a atividade sexual é um mecanismo de afirmação da masculinidade, isso tende a gerar a valorização do homem conquistador, que trata a mulher como um meio de obter essa validação da sociedade.

Cassi se encaixa nesse perfil de homem sedutor e seu desejo sexual desmesurado é enfatizado. No trecho a seguir é cogitado sobre a origem de sua forma de agir em relação a mulheres, associando-o a questões financeiras:

Houve quem o conhecendo e sabendo dessa sua sovínice doentia explicasse os seus desvirginamentos seguidos e as suas constantes seduções a raparigas casadas, como sendo a resultante da aridez de dinheiro, que o encaminhava a amores gratuitos; e de uma atividade sexual levada ao extremo, que a sua estupidez explicava. (BARRETO, 2005, p.51-52)

Vale atentar que apesar de algumas pessoas associarem a sexualidade irrefreada de Cassi à falta de racionalidade, contraditoriamente, eram os planos de sedução aqueles aos quais ele mais dedicava seu intelecto: “Seja devido a esta ou aquela causa, a este ou aquele motivo, o certo é que nele não havia nevrose ou qualquer psicopatia que fosse. Não cedia a impulsos de doença; fazia tudo muito calculadamente e com todo o vagar.” (BARRETO, 2005, p.52) O personagem já tinha um padrão de procedimentos: envolvia a vítima, muitas vezes utilizando de sua atividade como modinheiro, enviava cartas em que dizia estar apaixonado, removia todos os empecilhos que pudessem surgir ao seu propósito e depois de obtido o que queria, fugia ou escapava da punição quando descoberto.

Apesar de Cassi Jones com seus golpes de sedução ter provocado suicídios, assassinatos e a entrada de algumas de suas vítimas no mundo da prostituição, o rapaz não sentia peso algum na consciência. Assassinou Marramaque por ele se opor a sua aproximação à casa de Joaquim.

Marramaque, o padrinho de Clara, era um amigo de Joaquim de longa data, ficou deficiente após ataques de apoplexia que alteraram os movimentos do lado esquerdo de seu corpo. Durante a festa de aniversário de moça, seu padrinho percebeu os olhares de Cassi em direção a ela, notou suas intenções e decidiu agir. Apesar das dificuldades de sua deficiência, que comprometia a fluência da fala, recitou um poema em que indiretamente se dirigia ao rapaz. Como continuou a alertar sobre a fama do modinheiro, inclusive a Joaquim, Cassi tramou e concretizou o plano de assassinar o homem, já que ele passou a ser um empecilho aos seus propósitos de seduzir Clara.

Após isso, ele precisa realizar o convencimento de Clara e para isso promete casamento. Naquele contexto, a virgindade era critério para a realização do enlace matrimonial e considerada uma marca da honra da mulher.

Sobre esse assunto, já anotara Antonio Candido, que com muito poucas exceções, a mulher que perdeu a virgindade ou consegue manter o sucedido em segredo, e tudo lhe corria bem, ou só tinha três alternativas: a prostituição discreta, se fosse pobre, o celibato ou um casamento arranjado. (DEL PRIORE, 2006, p.297)

Por intermédio da citação, identifica-se o caráter de tabu em relação ao assunto, já que deveria ser mantido o segredo sobre ele. Já as três opções apontadas àquelas que quebravam os preceitos consistiam em grande mudança no destino das mulheres, gerada pelo julgamento desfavorável da sociedade.

Diante da mancha na reputação pela desonra das mulheres, ou pelo sentimento de traição, muitos viam na violência uma forma de se vingar. Os crimes chamados de passionais, justificados como defesa da honra, incluíam aqueles motivados por ciúme ou descoberta de

adultério e também eram outra consequência dessa situação das mulheres. O texto de Barreto traz uma cena que trata sobre o assassinato de uma mulher casada, com quem Cassi havia se envolvido.

Após ter alvejado mortalmente a mulher, correu em perseguição de Cassi, que, descalço, de calças e em mangas de camisa, saltava cercas e muros, para se pôr fora do alcance do marido indignado. Entregando-se à prisão, o oficial maquinista contou toda a sua desdita e o causador dela. O delegado mandou procurar Cassi e conseguiu pilhá-lo à noite. Os agentes deram uma batida nos matos, e o galã fugitivo foi preso e recolhido à enxovia. (BARRETO, 2005, p.59)

Entretanto, cumpre observar que na época as graves agressões cometidas em casos parecidos, mesmo resultando em assassinato, não necessariamente geravam punição do responsável. A respeito dos crimes passionais no século XX, Del Priore (2006) relata que havia duas escolas, a dos criminalistas clássicos, que considerava que a paixão não privava o indivíduo do discernimento do bem e do mal e a Escola Positivista Italiana, que identificava algumas paixões com formas de loucura, sendo o indivíduo, que geralmente era homem, não penalizado por seus crimes cometidos quando estivesse sob ação desse sentimento.

Em relação às moças solteiras que perdiam a virgindade, comumente a vítima era obrigada a casar com o sedutor ou namorado. Porém, Cassi, sedutor golpista e reincidente, tinha conhecidos influentes e conseguia absolvição, conforme é mostrado no trecho seguinte, em que o julgamento pessoal das autoridades, baseado em preconceitos sociais, estava acima do cumprimento da lei, o que reforça a percepção das discrepâncias na sua aplicação: “Até ali, ele contava com a benevolência secreta de juízes e delegados, que, no íntimo, julgavam absurdo o casamento dele com as suas vítimas, devido à diferença de educação, de nascimento, de cor, de instrução.” (BARRETO, 2005, p.103) Vale lembrar que a educação e instrução de Cassi quase sempre se igualavam às de suas vítimas. Contudo, a superficialidade e a valorização das condições econômicas faziam com que o nascimento e a cor fossem considerados mais importantes que o conhecimento.

De fato, no caso de Clara, existia uma diferença de instrução entre os membros do casal, porém era uma diferença desfavorável para Cassi. As próprias irmãs reconhecem sua ignorância, sendo sua falta de educação, ao lado da postura recriminável com as mulheres, um dos motivos pelos quais o desprezam.

Após perceber ter sido abandonada por Cassi, Clara percebe que a sua situação poderia trazer muitos infortúnios, com a possibilidade de ficar à mercê de assediadores e com um futuro de desprezo e degradação, como consequências da descoberta de sua gravidez.

Por sua vez, o aborto era um dos expedientes utilizados pelas mulheres desesperadas por se verem na ocorrência de uma gravidez indesejada, resultante de envolvimento amoroso malfadado. De acordo com Soihet (1997, p.390), “mulheres abandonadas expunham suas vidas em práticas abortivas toscas e apressadas, outras se desfaziam do recém-nascido nas situações mais trágicas”.

Mesmo com os riscos do procedimento, o abismo aberto na reputação social por ser mãe solteira era visto como intransponível e, ao se ver grávida e abandonada, Clara pensa em realizar a interrupção da gestação. No entanto, ela não o realiza, pois D. Margarida percebe a gravidez no momento em que Clara tenta enganá-la para conseguir obter ajuda financeira para pagar o procedimento.

A vulnerabilidade a que ficavam expostas as mulheres abandonadas atingia a todas, passíveis ao preconceito e recriminações e com o encargo de cuidar dos filhos sozinhas. Cabe destacar nessa situação as consequências mais fortes para as mulheres pobres, que não tinham condições de provimento de suas necessidades e das crianças. O trecho a seguir se passa durante o momento em que Cassi se depara com sua primeira vítima, Inês, a qual estava vivendo em situação difícil, vivendo em uma área repleta de becos sujos e pessoas que estavam em condições de miserabilidade. A moça se apresenta a Cassi como “aquela crioulinha que sua mãe criou”. Entretanto, apesar de ter sido criada pela família, após ter ficado grávida do rapaz, havia sido expulsa da casa. O destino do filho também havia sido cruel, pois ele estava preso em uma Casa de Detenção. Ao ver Cassi, a mulher o confronta e na discussão recebe apoio de outros companheiros.

Uma outra mulher, mas esta branca, com uns lindos cabelos castanhos, em que se viam lândeas, comentou:
- É sempre assim. Esses "nhonhês gostosos" desgraçam a gente, deixam a gente com o filho e vão-se. A mulher que se fomenta... Malvados! (BARRETO, 2005, p. 153)

A passagem deixa visível a imagem da mulher como objeto de uso, descartável. Essa objetificação de seus corpos está marcada no texto pelo fato de a mulher utilizar a palavra “nhonhê”, proveniente do vocábulo senhor, cujo sentido remete a proprietário.

O relacionamento de Clara com o próprio corpo é marcado pelo conflito e pela opressão de seus sentimentos e desejos. De fato, na sociedade em que estava inserida, pode-se dizer que o corpo feminino era objetificado pela sociedade em geral. Em contrapartida, a mulher experimentava a sensação de alienação, já que ela passava a não se considerar totalmente dona de si mesma. Esse sentimento de alheamento em relação a si própria pode ser observado nas reflexões de Clara sobre o relacionamento com Cassi: “Lembrando-se,

parecia-lhe que, no momento, lhe dera não sei que torpor de vontade, de ânimo, como que ela deixou de ser ela mesma, para ser uma coisa, uma boneca nas mãos dele.” (BARRETO, 2005, p. 157) Nessa reflexão, em que fica marcada a passividade e submissão no relacionamento, a personagem tem a percepção de que havia perdido o controle de suas ações e sido manipulada.

Durante a *Belle Époque*, as expectativas e possibilidades das mulheres muitas vezes se opunham, devido à rigidez das regras, que eram impostas de maneira desigual para homens e mulheres.

Conforme Bataille, “o homem é definido por uma conduta sexual subordinada a regras, a restrições definidas: o homem é um animal que permanece "interdito" diante da morte e da união sexual. (BATAILLE, 1987, p.33) A interdição, cuja origem estaria atrelada ao surgimento do trabalho, o qual mobiliza o tempo e a força física e mental anteriormente postas a serviço da satisfação dos desejos imediatos, dentre os quais se encontra o impulso sexual. A interdição seria uma diferenciação em relação ao animal, que cede ao imediatismo.

E ao interdito corresponde um ponto complementar, que é a transgressão dessas regras. Contudo, “A transgressão do interdito não é a violência animal. É a violência ainda, exercida por um ser suscetível de razão (colocando, no momento oportuno, a sabedoria a serviço da violência).”(BATAILLE, 1987, p. 43)

Como o interdito é o que freia a violência do impulso sexual, a transgressão, que para Bataille é seu “complemento esperado”, também não seria uma característica da animalidade, pois o homem tem a consciência do interdito e de que o está transgredindo.

No caso de Clara, as diversas dúvidas quanto à diferença social em relação a Cassi eram acrescentadas à questão da manutenção da virgindade. A despeito disso, ela observa em si as manifestações do desejo: “E ela estava tão convencida de haver uma paixão sincera no valdevinos, que, ao fazer esse inquérito, já recolhida, ofegava, suspirava, chorava; e os seus seios duros quase estouravam de virgindade e ansiedade de amar.” (BARRETO, 2005, p. 78) Ela detectava em seu corpo as manifestações do desejo, porém seus sentimentos iam de encontro ao que era determinado pela moral da sociedade. Ao deparar-se com a interdição, Clara acaba transgredindo a regra, ao se relacionar com Cassi.

Um dos elementos que podem ser apontados como determinantes para que ela seja seduzida por Cassi é a idealização que tinha em relação ao amor e que faz com que ela não consiga discernir as reais intenções do rapaz.

Vivendo isolada e ensimesmada, tinha poucas amigas e seus poucos contatos com o mundo exterior eram os pais, Dona Margarida e seu padrinho Marramaque, com os quais as

conversas não eram muito esclarecedoras. Sua outra fonte de ligação com o exterior era a música e a poesia, presentes em seu cotidiano, já que o pai era músico amador e apreciava fazer pequenas reuniões em casa para tocar modinhas. Se os pais não a elucidavam sobre as coisas do exterior, ela procurava identificá-las nas canções, porém a moça não tinha capacidade de discernir a realidade da idealização amorosa presente nelas, nem possuía muita referência de elementos reais com os quais pudesse fazer uma ideia própria sobre os relacionamentos: “Habituada às musicatas do pai e dos amigos, crescera cheia de vapores de modinhas e enfumaçara a sua pequena alma de rapariga pobre e de cor com os dengues e o simplório sentimentalismo amoroso dos descantes e cantarolas populares.”(BARRETO, 2005, p.61-62) No contexto, o uso das palavras vapores e enfumaçara, que remetem a algo que não era muito sólido e, portanto, não muito confiável, permite perceber que Clara apoiada nos elementos sentimentais trazidos pelas canções, apresentava uma visão idealizada e sonhadora dos relacionamentos amorosos.

Tal condição, que provavelmente era potencializada pelo tipo de educação recebida por Clara dos Anjos, poderia ser entendida como uma crítica do autor àquela recebida pelas mulheres em geral.

Essa educação que não desenvolvia plenamente a inteligência feminina nem estimulava a independência transparece ao se analisar a subjetividade da protagonista. Em relação aos aspectos psicológicos dela, é apontada a falta de personalidade própria, de iniciativa e de criticidade perante a vida, o que se desdobrava numa falta de maiores perspectivas para o futuro e, como é indicado pelo narrador, isso seria consequência da forma equivocada como era tratada pelos pais, que devido a suas próprias limitações não conseguiam orientá-la de forma adequada.

Clara era uma natureza amorfa, pastosa, que precisava mãos fortes que a modelassem e fixassem. Seus pais não seriam capazes disso. Não havia, em Clara, a representação, já não exata, mas aproximada, de sua individualidade social; e, concomitantemente, nenhum desejo de elevar-se, de reagir contra essa representação. A filha do carteiro, sem ser leviana, era, entretanto, de um poder reduzido de pensar, que não lhe permitia meditar um instante sobre o destino, observar os fatos e tirar ilações e conclusões. A idade, o sexo e a falsa educação que recebera tinham muita culpa nisso tudo; mas a sua falta de individualidade não corrigia a sua obliquada visão da vida.(BARRETO, 2005, p.121)

Por essa descrição, percebe-se que Clara permanecia alheia ao significado de sua posição social. Apesar de realizada com boas intenções, sua educação a levava a ignorância sobre si mesma e sobre as divisões da sociedade, ela não possuía desenvoltura e

conhecimentos necessários para lidar com problemas, como o preconceito que a sua situação de mulher negra poderia lhe gerar.

Também é necessário atentar para o fato de que o narrador coloca a necessidade de se ter outras pessoas como os principais agentes da formação de Clara e não ela mesma, assim eximindo-a da responsabilidade nesse processo. Sob esse ponto de vista, pode-se dizer que mesmo o narrador expressando sua crítica à educação limitadora recebida por Clara, a alternativa apontada por ele faria com que ainda assim ela estivesse se submetendo à vontade de outrem.

Vale ressaltar a existência de algumas ambiguidades na personagem, pois apesar de ser colocada como possuidora de uma personalidade em que predomina a passividade em seu comportamento, Clara acaba tomando decisões que transgridem as convenções sociais para uma moça solteira em seu relacionamento com Cassi. Logicamente, se deve assinalar que no caso específico alguns dos fatores que se colocam na oposição à relação dos dois jovens dizem respeito ao mau caráter do rapaz, entretanto, excluído esse motivo para a não aproximação de Clara, pode-se analisar os demais fatores, como necessidade de se manter a castidade, e perceber que a personagem realiza uma quebra dos parâmetros colocados naquela sociedade.

Além disso, embora o narrador coloque como particularidade de Clara o “poder reduzido de pensar”, há momentos em que ela, em seus pensamentos, faz observações sobre os acontecimentos, manifesta opiniões, questiona a forma como era tratada, porém não exterioriza tais posicionamentos pela fala. Quanto à sua forma de entender o mundo, uma maneira de analisar a situação é considerar que como não tinha acesso a muitas informações, suas ideias tinham como embasamento a visão parcial que tinha das coisas e fatos. Além disso, é preciso lembrar da influência dos valores da sociedade em que vivia na estruturação dos pontos de vista da personagem.

Sobre essa característica atribuída à intelectualidade de Clara, Gama (2015) afirma que, mesmo sem ter a intenção, Lima Barreto faz eco ao discurso dominante das relações desiguais entre os gêneros, já que a visão convencional desqualificava a capacidade de raciocínio das mulheres.

É preciso lembrar que a falta de perspicácia ou inteligência não era atribuída somente à Clara, mas também ao seu pai, o que pode ser ilustrado pelo momento em que o narrador comenta sobre a confiança que Joaquim tinha nas pessoas e afirma que ele não desconfiava que Clara pudesse ter o mesmo destino de outras moças na mesma situação, pois “não tinha

capacidade intelectual para tanto” (BARRETO, 2005, p.125), ou seja, para prever que sua filha poderia comprometer seu futuro ao se envolver com um sedutor.

Ao se aprofundar a questão, analisando a situação das mulheres da época, é importante ter presente que além da ideia propagada de que elas não sabiam pensar, existia ainda grande opressão sobre qualquer forma de expressão de seus desejos e ideias, imediatamente julgados como sem importância, subestimados. Esse fator, juntamente com o recato, estava entre os elementos que contribuía para o silêncio das mulheres. “Primeiro mandamento das mulheres: a beleza. ‘Seja bela e cale-se’, é o que se lhe impõe, desde a noite dos tempos talvez.” (PERROT, 2007, p.48) Então, a superficialidade é incentivada e o silêncio instituído como obrigação feminina, a expressão de seus pensamentos deve ser controlada, seus gestos devem ser comedidos.

No romance, a presença do silêncio se faz marcante em relação à protagonista, por isso é interessante observar os mecanismos dos quais o autor lança mão para concretizar essa característica da personagem.

4.2 A voz silenciada de Clara dos Anjos

Durante a leitura de *Clara dos Anjos*, é perceptível o silêncio da protagonista, no sentido de que quase ela não se expressa verbalmente, bem como não participa ativamente da maioria das discussões. De maneira geral, temos mais acesso ao pensamento, não à fala de Clara, pois suas ideias poucas vezes são exteriorizadas por ela. Nesse sentido, destaca-se a atuação do narrador onisciente e a utilização do discurso indireto livre, pois há poucos usos de discurso direto ou de indireto referentes às manifestações de fala da moça.

Vale lembrar que o narrador onisciente se caracteriza por sua capacidade de exprimir não só as ações e falas, mas também os pensamentos dos personagens. Quando discurso indireto livre é utilizado, a voz do narrador onisciente e a expressão dos sentimentos e falas dos personagens se misturam de forma que o limite entre uma e outra se tornam menos nítidos. Entre os elementos técnicos utilizados para obter esse resultado, pode-se citar a exclusão dos verbos de elocução e das conjunções subordinativas que geralmente marcam a presença da fala de personagens.

Vale pontuar que na literatura brasileira, *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, é apontada como exemplo de utilização de tal recurso. A obra também é conhecida pelo fato de que seus personagens falam poucas vezes no decorrer do texto e quando o fazem são extremamente lacônicos. Diante dessa característica dos personagens do romance nordestino citado, Botoso

(2013, p.62), avalia que o uso do narrador em terceira pessoa é justificado pela dificuldade com a linguagem dos personagens e ainda está ligada à exploração da família de Fabiano por pessoas que dominam essa atividade humana. Compreende-se então que as desigualdades e hierarquias sociais atuam como silenciadores daqueles que enfrentam o cotidiano de dificuldades e opressão. Em um ambiente em que a comunicação verbal seria um elemento usado para exercer o poder, para que conheçamos a história da família que não o possui, há a necessidade de se recorrer à terceira pessoa, que está apta não só a visualizar o que acontece exteriormente, mas adentra o intelecto dos personagens.

Similarmente, em *Clara dos Anjos*, o narrador é o intermediador que possibilita perceber a vida interior da protagonista, seus questionamentos, opiniões e conhecer a maneira pela qual enxerga o mundo e como o organiza em sua mente. Na passagem abaixo, a técnica do narrador proporciona observar o método de raciocínio dela:

Avaliou em algum ressaibo de revolta o procedimento dos pais. O que queriam fazer dela? Deixá-la ficar para "tia" ou fazê-la freira? E ela precisava casar-se? Era evidente; sua mãe e seu pai tinham, pela força das coisas, que morrer antes dela; e, então, ela ficaria pelo mundo desamparada? (BARRETO, 2005, p.77)

No excerto, chama a atenção a grande quantidade de dúvidas existentes no pensamento de Clara. Ao mesmo tempo, se confirma o isolamento dela, pois apesar de ter muitos questionamentos, ela não os direcionava a ninguém ou as exteriorizava, sendo assim, ela criava hipóteses que pudessem satisfazer às suas necessidades de explicação para o desenrolar dos fatos e ela mesma respondia às suas questões, tomando suas hipóteses como verdadeiras e coerentes, num debate autocentrado que muitas vezes levava a decisões precipitadas e enganosas, já que ela não tinha como comprovar ou refutar suas ideias antecipadamente, a partir do diálogo com alguém.

Convém destacar que a escolha do foco narrativo funciona como um recurso que pode trazer diferentes interpretações ou significações ao texto, já que as especificidades de cada tipo de narrador trazem ângulos mais objetivos ou subjetivos que geram implicações para a narrativa. Dessa maneira, em *Clara dos Anjos*, a escolha por um narrador em terceira pessoa é responsável por conferir a ideia de um ar mais impessoal à narração da história, já as histórias narradas em primeira pessoa costumam transmitir a ideia de subjetividade².

² Tendo em vista as possibilidades variadas trazidas pelos diferentes focos narrativos, é interessante mencionar o texto "Guarde Segredo", de 1991, escrito por Esmeralda Ribeiro, que dialoga com o texto de Barreto, ao mostrar o assassinato de Cassi Jones por uma das moças com quem se relacionava e a qual narra o ocorrido através de uma carta. Tal texto se torna mais interessante por apresentar um ponto de vista diferente sobre as histórias de sedução de Cassi, a perspectiva da vítima.

Contudo, no romance em questão, o fato de não ser Clara a narradora e de se ter um narrador onisciente permite o conhecimento do pensamento também de outros personagens, como do próprio Cassi, o que gera a impressão de contato com os fatos de uma forma mais global.

Deve-se sublinhar também que o uso do discurso indireto livre é especialmente relevante pois, nem sempre Clara demonstra seus sentimentos, ou às vezes o faz de maneira indefinida, mas através da técnica narrativa pode-se ter acesso ao processo mental pelo qual fabrica seus pensamentos, as motivações para as ações exteriores, como na seguinte passagem, correspondente ao momento em que a protagonista pensa em secretamente realizar um aborto:

Ele fugira, e ela ficara com o filho a gerar-se no ventre, para a sua vergonha e para tortura de seus pais. Imediatamente, o seu pensamento se encaminhou para o "remédio" que devia "desmanchá-lo", antes que lhe descobrissem a falta. Tinha medo e tinha remorsos. Tinha medo de morrer e tinha remorsos de "assassinar" assim, friamente, um inocente. Mas... era preciso. (BARRETO, 2005, p. 167)

No trecho, se observa a mescla na narração com as articulações do pensamento da moça. Apesar de o narrador se pronunciar em terceira pessoa ("ela ficara"), é possível distinguir as opiniões e reações da protagonista diante da difícil situação pela qual passava ("era preciso"). Assim, no romance é possível observar a alternância entre a neutralidade obtida através do narrador em terceira pessoa e a proximidade obtida pela onisciência do narrador e seu acesso irrestrito à mente dos personagens.

Reforça-se então que o discurso indireto livre: "É um estilo empregado para narrar sempre a intimidade (lembranças, sentimentos, sensações, ideias) *de dentro*, isto é, para aproximar o máximo possível o leitor e o personagem." (LLOSA, 2015, p.239) Desse modo, o uso de tal forma de discurso citado alcança a aproximação em relação ao personagem, dando a proporção exata de suas dúvidas e estados mentais.

Relativamente ao fato de que Clara não expunha seus sentimentos e apresentava quase sempre um comportamento bem reservado, tal característica pode ser exemplificada por um momento ocorrido no dia de seu aniversário, quando deixa transparecer sua contrariedade por Cassi não ter chegado ainda à festa. Percebendo isso, uma amiga intervém com o conselho de que ela tome cuidado, pois o rapaz não seria de confiança. Clara, no entanto, se dirige para a sala de jantar disfarçando a vontade de chorar com o pretexto de beber água. Depois, sua amiga Etelvina aparece e Clara não chora nem faz qualquer tipo de comentário a respeito de sua expectativa quanto a Cassi. Depois da festa, quando seus pais tomam a decisão de afastar

Cassi do convívio da casa, ela ouve a conversa e chora no quarto escondida, sem fazer barulho.

No decorrer da narrativa, os momentos de choro de Clara são predominantemente silenciosos e ela se isola para deixar as lágrimas fluírem. Apesar de o choro das mulheres não ser tão condenado pela sociedade quanto o dos homens, pois sua natureza era vista como sensível, chorar em público poderia trazer a implicação de ter de explicar o motivo pelo qual chorava, ou seja, as questões relativas ao namorado, Cassi. Exceto no momento final, quando o namoro já havia sido revelado e ela está grávida, ela extravasa publicamente seu choro e indignação através da fala.

No romance de Lima, a explicação para o silêncio da personagem pode ser buscada como sendo um reflexo da sociedade patriarcal, em que as mulheres não tinham poder, nem espaço e oportunidade para se expressarem. Dessa forma, esse silêncio poderia ser visto não como uma escolha da personagem, mas como uma demonstração do cerceamento à fala feminina imposto na sociedade.

Em conformidade com Perrot (2005, p.10),

o silêncio era ao mesmo tempo disciplina do mundo, das famílias e dos corpos, regra política, social, familiar – as paredes da casa abafam os gritos das mulheres-, pessoal. (...) O pudor é a sua virtude, o silêncio, sua honra, a ponto de se tornar uma segunda natureza.

Por meio da citação da autora, é possível entender que o silêncio abrangia todos os âmbitos da vida feminina e a valorização social dele poderia ser considerada como um mecanismo regulamentar, já que o silêncio estaria atrelado à honra da mulher. A colocação da estudiosa sobre os gritos das mulheres também permite lembrar que o espaço doméstico pode se constituir como um ambiente muitas vezes violento, em que as agressões físicas ou psicológicas seriam usadas para controlar e punir aquelas que de alguma forma não se encaixavam nas regras. Nesse contexto, as paredes funcionariam como marcas do isolamento, da opressão e da censura.

Não só sua comunicação na oralidade, mas também a expressão da escrita feminina sofreu opressão. Pode-se apontar os casos em que, para tornarem seus textos públicos, as escritoras tiveram de usar pseudônimos, pois como lembra Duarte (1997, p.90):

Havia como que uma "censura no ar", uma oposição implícita contra a mulher que escrevesse. Daí muitas optarem por fazê-lo de forma camuflada, usando apenas as primeiras letras do nome usando apenas as primeiras letras do nome, como Nísia Floresta, por exemplo, a pioneira do feminismo no Brasil e autora de *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens* (de 1832), que assinou parte de sua obra como N.F.; N.F.B.A.; ou B.A.

Ou seja, a reprovação, mesmo velada, se fazia valer de forma imperativa, já que como consequência dava origem à criação de estratégias como a citada por parte daquelas que tentavam driblar o machismo do mercado editorial, por serem comuns o silenciamento, as críticas negativas realizadas de forma injusta e o boicote à carreira de escritoras. Tais posturas eram sustentadas pela crença de que não era apropriado à mulher expor suas ideias publicamente, pelo preconceito da inferioridade do intelecto feminino e de era preciso que ela se dedicasse unicamente aos afazeres domésticos, ao casamento e à maternidade.

Vale lembrar que as dificuldades sofridas por essas profissionais das letras atravessam os períodos históricos, como pode ser atestado pelo fato de que somente em 1977 a primeira mulher a se tornar componente da Academia Brasileira de Letras foi eleita, a cearense Rachel de Queiroz.

Em se tratando do início do século XX, a falta de voz se manifesta nos mais diversos espaços de convivência, mas no caso das mulheres, que tinham o espaço de deslocamento restrito, estava presente especialmente no ambiente doméstico. Em *Clara dos Anjos*, o isolamento e silêncio pode ser comprovado pelo fato de mãe e filha não dialogarem com frequência: “Querida a filha sempre junto a si, mas quase não conversava com ela, não a elucidava sobre as coisas da vida, sobre os seus deveres de mulher e de moça.” (BARRETO, 2005, p.122) Nem mesmo com a mãe, com quem tinha convivência constante, havia um espaço para conversas. Tal situação de afastamento se repetia também com o pai dela e fazia com que não houvesse esclarecimento das possíveis dúvidas ou um encaminhamento, ou até mesmo que a forma de pensar da filha fosse conhecida, a fim de melhor orientá-la.

Acrescente-se ainda que embora os pais se desvelassem em cuidados com a filha, há que se considerar a presença de uma hierarquia familiar posta de uma maneira que levava a ações autoritárias, muitas vezes influenciadas pelas determinações comportamentais do período. No decorrer do enredo, é perceptível que havia uma preocupação da mãe para que a filha não se “perdesse”, mas a ação para evitar que isso acontecesse só se concretizava na forma de vigilância, que não se tornou tão efetiva, já que a moça acabou se envolvendo às escondidas com Cassi. Tampouco a proibição de não sair sozinha, pois foi seduzida em casa.

Pode-se dizer que as deficiências na comunicação e a dificuldade de absorverem e avaliarem criticamente os fatos provenientes do mundo exterior são características do núcleo familiar de Clara: “Lima Barreto, em *Clara dos Anjos*, cria, pouco a pouco, um mundo novelesco no qual as pessoas estão completamente isoladas entre si, fechadas ao contato exterior, incapazes de se comunicarem ou alheadas a tudo e a todos.” (TEIXEIRA, 1980, p. 48) De fato, no núcleo familiar de Clara, os integrantes não saem muito de casa, a fim de

frequentar outros espaços e ampliar suas perspectivas. Em relação à comunicação com Clara, algumas vezes as decisões são impostas de forma unilateral, sem discussão com ela.

Sua mãe, Engrácia, era trabalhadora, porém sua personalidade era marcada pela falta de atitude, de iniciativa, por sua acomodação mental, inclusive para as demandas corriqueiras do trabalho doméstico. Joaquim determinava o que ela deveria comprar, apesar de ser ela que cozinhava.

Entregava tudo ao marido, que, a bem dizer, era quem dirigia a casa. Rol de compras a fazer na venda do "Seu" Nascimento, diariamente, e também o de legumes e verduras, quem os organizava era o marido, especificando tudo por escrito e deixando o dinheiro para o quitandeiro, todas as manhãs, quando ia para o trabalho. (BARRETO, 2005, p74)

Essa postura de dependência era transmitida à Clara e reforçada pelo fato de ter que ficar isolada. Por outro lado, vale ressaltar que o isolamento de Joaquim era decisão sua, dado que poderia sair para onde quisesse e conversar com quem bem entendesse, como fazia por exemplo, ao frequentar a venda de Seu Nascimento. Diferentemente do que ocorria com as mulheres, para as quais não havia outra opção a não ser o recolhimento doméstico.

Naquela sociedade opressiva, até as mulheres mais altivas, como Dona Margarida, têm sua atuação limitada, apesar de tentarem alterar sua condição de alguma forma. Como exemplo de sua limitação pode-se citar o momento em que ela acompanha Clara e, de forma firme, a ajuda a enfrentar a mãe de Cassi, porém elas não obtêm sucesso ao reivindicar o casamento dos dois jovens. Já a mãe de Cassi consegue um pouco mais de sucesso em suas demandas, pois possui ao seu lado o poder econômico e *status*. Vale ponderar, porém, que ela precisa recorrer a terceiros (masculinos) para resolver seus problemas e, portanto, dependeria da aceitação deles às causas dela, podendo indicar que os homens são avalistas, que filtram aquilo que as mulheres podem ou não obter. Quando o filho se põe em situações complicadas com a polícia, mesmo que o marido decida não intervir, ela recorre aos seus contatos influentes para salvá-lo da punição. Disso infere-se que o poder financeiro também é um fator determinante para que a mulher consiga alcançar seus objetivos ou ter suas opiniões levadas em consideração.

Assim sendo, todas estão em situação de desvantagem, pois necessitam do filtro masculino que decide se suas reivindicações serão atendidas e as condições sociais que são exigidas para isso. Como afirma Beauvoir (1970, p.168), “as alavancas de comando do mundo nunca estiveram nas mãos das mulheres”. Isto é, não têm poder de decisão nem espaço para representatividade através da qual poderia se fazer ouvida, a fim de proporcionar a percepção

do desequilíbrio social e a tomada de atitude para suprir as deficiências causadas pela desigualdade.

Enfim, é possível afirmar que o comportamento da protagonista tenha origem em um conjunto de fatores, como a superproteção de seus pais, a sua personalidade indolente e acomodada, mas também na opressão que recai sobre ela como mulher. Contudo, como será abordado no tópico a seguir, também é preciso destacar que naquele contexto, juntamente ao gênero, a cor da pele era um elemento causador de opressão para as pessoas negras.

4.3 Clara e sua cor

No decorrer do texto de Lima Barreto, as referências à cor da pele de Clara dos Anjos são variadas, por vezes é classificada como “parda”, “mulata”, “negrinha”. Contudo, todas as variações denotam a cor escura de sua pele e o romance deixa patente a discriminação sofrida pela personagem em consequência dessa sua característica física. Para Schwarcz (2017), em suas obras o autor faz uso dessas expressões, que muitas vezes são evitadas no cotidiano por serem pejorativas, com o objetivo de chocar o leitor e afirma que “Lima traz para o primeiro plano de sua produção essa linguagem das cores; uma forma brasileira de classificação, um léxico social repleto de hierarquias.” (SCHWARCZ, 2017 p. 417) Assim, esses termos direcionam o olhar de quem lê, constituindo uma estratégia para chamar a atenção não só para as múltiplas cores existentes no país, mas principalmente para o racismo que persistia em manter as desigualdades sociais.

Faz-se conveniente enfatizar que naquele contexto, a Abolição e a ascensão social de algumas pessoas negras constituíram alguns dos argumentos para a criação do mito da democracia racial, que pretendia dissimular as injustiças sofridas pela população negra, por meio da ideia de que o racismo já não existia no Brasil. Como explica Florestan Fernandes, esse pensamento se baseava na ideia de que: “O ‘negro’ teve a oportunidade de ser livre, se não conseguiu igualar-se ao ‘branco’, o problema era dele- não do ‘branco’.” (FERNANDES, 1972, p.29)

Contudo, conforme esclarece o sociólogo, após a Abolição não houve uma democratização da renda. Isto é, as oportunidades de mobilidade social não se expandiram e ao negro, embora livre, ficou reservado o papel subalterno, fazendo com que permanecesse vinculado às classes desfavorecidas e levando à manutenção de uma ordem social de privilégio aos brancos.

Tendo isso em vista, observa-se que como mulher negra, Clara se vê perpassada por questões discriminatórias relativas à sua condição, acresce a isso a sua condição financeira, que no Brasil está relacionada em grande parte ao fato de sua cor de pele ser escura. Como afirma Ribeiro (2017, p.71): “...raça, gênero, classe e sexualidade se entrecruzam gerando formas diferentes de experienciar opressões, pois, sendo estruturais, não existe ‘preferência de luta’.” A afirmação da estudiosa se relaciona à interseccionalidade, cujo conceito foi proposto pelo feminismo negro. A ideia é norteadada pelo entendimento de que na sociedade os critérios que promovem marginalização estão interligados e fazem parte de um amplo sistema de dominação. Então, é importante lembrar que todos esses fatores têm implicações uns sobre os outros, ou seja, não há hierarquia entre eles, e por isso todos têm importância quando se estudam formas de combater a hierarquização do poder ou a falta de visibilidade dos grupos dominados.

Entre os grupos que são a minoria no acesso ao poder, como os negros, a discriminação ocorre em diversos âmbitos e altera as relações sociais como um todo. Como fica expresso no romance, a diferença de cor de pele interferia nas relações pessoais e amorosas, por exemplo: “Uma dúvida lhe veio; ele era branco; e ela, mulata. Mas que tinha isso? Havia tantos casos... Lembra-se de alguns...” (BARRETO, 2005, p. 78) Apesar de Clara lembrar-se de alguns casos, o próprio fato de ela precisar cogitar sobre a viabilidade desse relacionamento, tendo como critério a cor da pele, pode indicar o preconceito existente quanto a isso.

A sociedade da época não tinha negras e mulatas em boa consideração, devido ao estereótipo de sensualidade relacionado a elas, uma imagem construída desde o período colonial, com a coisificação de seus corpos, através da escravização, prostituição e exploração sexual de mulheres negras. Segundo Nascimento (1978, p. 61), “as mulheres negras brasileiras herdaram o que se constitui um estigma: ser objeto de prazer dos colonizadores.” A imagem de mulata sensual, que persiste até hoje, pode ser encontrada no livro de Barreto que, através de um comentário sobre o juízo que os frequentadores de bordéis faziam sobre as mulheres negras ou de cor escura e seu comportamento sexual, põe em evidência como essa ideia as deixava à mercê de sedutores:

As emolientes modinhas e as suas adequadas reações mentais ao áspero proceder da mãe tiraram-lhe muito da firmeza de caráter e de vontade que podia ter, tornando-a uma alma amolecida, capaz de render-se às lábias de um qualquer perverso, mais ou menos ousado, farsante e ignorante, que tivesse a animá-lo o conceito que os bordelengos fazem das raparigas de sua cor. (BARRETO, 2005, p. 76)

No trecho a seguir, Clara, grávida, tenta fazer com que a família de Cassi Jones intervenha a favor de seu casamento. Nesse momento, Salustiana manifesta seu preconceito racial explicitamente, ao interagir com a jovem: “Dona Salustiana ficou lívida; a intervenção da mulatinha a exasperou. Olhou-a cheia de malvez e indignação, demorando o olhar propositadamente. Por fim, expectorou:

- Que é que você diz, sua negra?” (BARRETO, 2005, p.171)

Vale atentar para o uso do verbo expectorar, que indica liberar algo preso no peito, secreção comumente vista como repulsiva ou que provoca nojo, como o escarro, o que no texto seria representado pelo preconceito e sentimento de superioridade expelido pela senhora.

Sobre as peculiaridades do racismo brasileiro da época, Skidmore (1976, p.55) expõe que:

A cor da pele, a textura do cabelo, e outros sinais físicos visíveis determinavam a categoria racial em que a pessoa era posta por aqueles que ficava conhecendo. A reação do observador podia ser também influenciada pela aparente riqueza ou provável *status* social da pessoa julgada, então, pelas suas roupas e pelos seus amigos. Donde o cínico adágio brasileiro: “dinheiro branqueia” – se bem que isso, na prática, só se aplicasse a mulatos disfarçados.

Por isso, apesar de ser uma mulata “disfarçada”, pois tinha o cabelo liso e a pele um pouco mais clara, o que esteticamente a distanciava do fenótipo negro, Clara apresentava um componente que dificultava sua ascensão, era pobre e como aponta o historiador, a posse do dinheiro era um dos quesitos para a integração na sociedade.

Contudo, mesmo quando ocorria essa inclusão, ela estava limitada a alguns espaços e situações, pois o julgamento negativo quanto às pessoas de pele negra prevalecia de uma forma abrangente e restringia seus direitos.

Sobre a ação das autoridades a respeito de casos como os de Clara, é importante observar a relação entre a cor das ofendidas por violência e assédio sexual e o resultado dos processos movidos por elas na Justiça. Esteves (1989) analisou 88 processos que se passaram entre os anos iniciais do século XX e os dados de sua pesquisa mostram que enquanto 56,3% dos casos em que as moças eram pretas, eram julgados improcedentes, a porcentagem caía para 33,3% quando eram brancas.

Tais resultados evidenciam mais uma vertente da insegurança das mulheres não-brancas, pois sinalizam o fato de não serem amparadas pelas autoridades da mesma forma que as brancas, as quais, não se pode deixar de reforçar, também se encontravam em situação de vulnerabilidade pelo assédio sofrido. Logo, não se trata de menosprezar o sofrimento das

mulheres brancas, mas de assinalar que as não-brancas tinham um tratamento diferenciado por aqueles que deveriam proteger a todos sem distinção.

Acerca dos dados obtidos com a pesquisa, Esteves avalia: “Quanto mais distantes da elite em termos de ‘cor’, mais as moças pobres deveriam sentir-se discriminadas e marginalizadas pela Justiça, mais difícil seria provar sua honestidade e, conseqüentemente, a culpa do acusado.” (ESTEVES, 1989, p. 111) Cabe frisar que as moças, que eram as vítimas, tinham que provar sua honestidade, que consistia em ter comportamento irreprovável, não frequentar lugares “viciados”, estar sempre acompanhada ao sair e não estar na rua à noite.

Na cena de humilhação de Clara, Salustiana se serve de sua pretensa origem para demarcar a diferença social: “-Casado com gente dessa laia... Qual!... Que diria meu avô, Lord Jones, que foi cônsul da Inglaterra em Santa Catarina - que diria ele, se visse tal vergonha? Qual!” Vale chamar a atenção para a ausência de solidariedade de Salustiana em relação à situação de Clara. A mãe de Cassi Jones enxerga as diferenças de classe e cor como superiores àquilo que tem em comum com Clara, o fato de ser mulher: “Burguesas, são solidárias dos burgueses e não das mulheres proletárias; brancas, dos homens brancos e não das mulheres negras.” (BEAUVOIR, 1970, p.13) Juntamente às desigualdades de classe e cor, o estímulo da competitividade entre as mulheres poderia ser colocado como influenciador para a falta de engajamento feminino. Acerca das interações femininas, bell hooks observa que

como mulheres, fomos socializadas pelo pensamento patriarcal para enxergar a nós mesmas como pessoas inferiores aos homens, para nos ver, sempre e somente, competindo umas com as outras pela aprovação patriarcal, para olhar umas às outras com inveja, medo e ódio. O pensamento sexista nos fez julgar sem compaixão e punir duramente umas às outras. (HOOKS, 2018, p.22-23)

A falta de apoio e hostilidade são resultantes desse pensamento, segundo o qual as mulheres não podem ser amigas entre si. Acrescenta-se a isso o fato de que os comportamentos femininos são julgados a partir do ponto de vista de uma sociedade misógina, cujos princípios são absorvidos pelas mulheres desde sua infância, o que faz com que muitas mulheres minimizem certas violências sofridas pelas outras ou até mesmo as culpabilizem por essa situação, como se pode constatar no romance pela postura de Salustiana, que mistura indiferença e desprezo, frente à gravidez de Clara e à situação das outras moças anteriormente seduzidas por seu filho.

Diante dessa situação, a protagonista reconhece que tanto a classe social quanto a cor eram elementos que dificultavam o alcance de seus objetivos pelo preconceito relacionado a

eles, colocando-a na situação de alvo dos que querem prejudicá-la. A solução apontada pelo romance seria o fortalecimento moral das mulheres nessas circunstâncias, com uma educação que as instrumentalizasse para lidar com os problemas resultantes da discriminação, indicando a necessidade de revisão dos valores da sociedade:

O que era preciso, tanto a ela como às suas iguais, era educar o caráter, revestir-se de vontade, como possuía essa varonil Dona Margarida, para se defender de Cassis e semelhantes, e bater-se contra todos os que se opusessem, por este ou aquele modo, contra a elevação dela, social e moralmente. Nada a fazia inferior às outras, senão o conceito geral e a covardia com que elas o admitiam...(BARRETO, 2005, p.175)

Nesse processo de mudança, D. Margarida seria exemplo de coragem por lutar por seu espaço, mesmo com as limitações que existiam na época. Ao contrário da covardia de quem admitia que existisse um conceito geral que colocava meninas como Clara como inferiores.

É preciso ter em vista que muitas das relações de dominação se relacionam com o uso do poder simbólico e que este, segundo Bourdieu (1989, p.7-8): “é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem.” Em relação à dominação masculina, essa cumplicidade é obtida através de mecanismos, como o uso de ideologias que, transmitidas pelos mais variados meios de propagação, reforcem a naturalização da diferença entre os sexos como fator de diferenciação social.

Dessa maneira, o pensamento do sociólogo se encaminha para a constatação de que o poder simbólico é capaz de atuar sobre a realidade, moldando-a de determinada forma, através dos sistemas simbólicos, tais como a língua, os mitos, a ciência. Esses elementos “contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a ‘domesticação dos dominados’.” (BOURDIEU, 1989, p.11) Observa-se que há a difusão de informações e de uma visão de mundo que são manipuladas com o objetivo de perpassar o poder das classes dominantes e leva ao convencimento das classes dominadas acerca da suposta inevitabilidade de sua posição social inferior.

O mito do Eterno Feminino ou as interdições sofridas pelas mulheres fazem parte de estratégias formuladas e perpassadas para garantir a manutenção da hierarquização sem que haja questionamento, pois são transmitidos através de violência simbólica e produzem o resultado de que o dominado não enxerga as fronteiras que o oprimem como questionáveis, mas como naturais.

Portanto, o alerta para a existência dessas opressões se faz necessário para que seja possível detectá-las e combater a forma como se perpetuam. De forma geral, no romance, a

condição feminina é exposta através de situações em que se notam as relações desiguais entre os gêneros e a limitação imposta às mulheres. A forma como a protagonista lidava com o corpo, a falta de voz, a discriminação quanto à cor, estavam ligadas diretamente às condutas impostas pela sociedade e Lima Barreto expressa essas situações de forma crítica e leva à reflexão sobre os mecanismos de subordinação das mulheres. Principalmente ao se considerar a frase proferida por Clara que encerra a obra, que ao perceber que não terá seu desejo de casar-se atendido: “- Nós não somos nada nesta vida.” (BARRETO, 2005, p. 173), a protagonista salienta a situação de invisibilidade e a sensação de impotência ao lidar com as injustiças. Contudo, conforme é apontado pelo autor por meio do exemplo de Dona Margarida, havia alguns instrumentos para tentar melhorar a situação das mulheres.

Diante da existência de diversos perfis femininos no romance, cada um com suas especificidades, é importante ressaltar a importância do exemplo da personagem não no sentido de fazer com que todas sigam os mesmos caminhos, mas como um alerta para que a sociedade possa combater as injustiças que limitam as ações femininas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lima Barreto é um dos autores brasileiros mais associados ao tema da denúncia social. De fato, quando o trabalho de pesquisa sobre *Clara dos Anjos* foi iniciado, constatou-se que o autor traz temas que são muito pertinentes para a compreensão do país e da identidade cultural, tais como o racismo e as desigualdades sociais, inclusive as de gênero. Assim, viu-se que a abordagem deste trabalho deveria se encaminhar para responder à interrogação de como Lima Barreto transpõe esses elementos para a sua ficção. Diante disso, essa dissertação se propôs a realizar a leitura do romance tendo como norte a análise dos elementos identitários e de como as personagens femininas se configuram.

No desenvolvimento do trabalho mostrou-se necessário realizar um levantamento bibliográfico direcionado para a seleção de obras da fortuna crítica sobre Lima Barreto, sobre os Estudos Culturais e sobre o feminismo. A partir dessa busca, se pôde constatar a amplitude de assuntos relacionados ao tema e as especificidades do projeto literário de Lima. Por isso uma das dificuldades foi a delimitação das fronteiras e seleção de quais assuntos eram essenciais para atingir os objetivos aqui determinados e em função das características do trabalho de dissertação. Dessa forma, algumas abordagens podem ser mais exploradas em uma ocasião posterior, como por exemplo, os pontos de encontro entre a visão sobre a Arte contida no projeto literário de Lima Barreto e a apresentada pelos Estudos Culturais, entre outros assuntos.

No primeiro capítulo, foi feita uma apresentação do contexto histórico, caracterizado pela grande mobilização do Brasil no sentido de se tornar um país “civilizado”, porém essa busca foi marcada pelo aprofundamento de desigualdades através da perseguição às manifestações culturais dos mais pobres. Para entender como Lima se portava diante de tais assuntos, foi feito um levantamento que incluiu, além da leitura de sua biografia, a busca por suas crônicas e demais textos em que se dispunha a expor seus pensamentos, como o *Diário Íntimo* e “O destino da literatura”, leituras que proporcionaram o conhecimento não só de sua trajetória de vida como de sua carreira.

Assim, entendeu-se que o autor possuía um projeto literário que passava por um entendimento específico da arte literária e que, por sua vez, se mostrava bastante influenciado pelas leituras que realizou. Acreditava que a literatura poderia auxiliar no estabelecimento da fraternidade entre os seres humanos, pois ela seria capaz de “concorrer para o estabelecimento de uma harmonia entre eles, orientada para um ideal imenso em que se soldem as almas, aparentemente mais diferentes, reveladas, porém, por ela, como semelhantes no sofrimento da

imensa dor de serem humanos.” (BARRETO, 1956d, p. 62) Fazer literatura se colocava para ele como um modo de militância, a partir da qual esse ideal de sociedade poderia ser alcançado. A partir dessa constatação, foi possível perceber seu trabalho de denúncia das desigualdades como parte da conscientização necessária para minimizá-las, através do senso crítico sempre impresso em seus textos.

No segundo capítulo, a obra aqui enfocada foi apresentada, abordando-se também um pouco do processo de sua produção, já que a referida obra passou por 3 versões, que apesar de diferirem em gênero (dois romances e um conto) tinham em comum a temática do preconceito contra a mulher negra. Para o entendimento da obra de Lima e de suas influências, a fortuna crítica se fez essencial, permitindo detectar entre os temas presentes a identidade cultural. Assim, a análise se baseou na presença desses elementos. Nesta pesquisa, o conceito de identidade foi abordado pela perspectiva de que se dá com influência do social, conforme na obra de Cuche (1999) e de que se estabelece por meio das diferenças, como exposto nos estudos expostos em *Identidade e diferença*, de Silva (2000).

Assim, notando com clareza a interferência das relações de poder na identidade, foi possível analisar no contexto da *Belle époque* a tentativa de estabelecer um modelo europeu, entretanto a análise das manifestações culturais e comportamentos expostos na obra possibilitou perceber que a identidade apresentada por Lima apresentava outros tipos de manifestações, como a modinha, o “jeitinho”, a figura do malandro, que se concretizavam como elementos que divergiam das determinações oficiais de identidade. A partir disso, percebeu-se com o estudo de Osman Lins sobre o espaço romanesco e o conceito de espaço social, como o subúrbio se configura como mais que um cenário, mas um indicador das experiências e relações de seus habitantes e por extensão, das especificidades e contradições da identidade brasileira.

Quanto à identidade feminina, no último capítulo, demonstrou-se que *Clara dos Anjos* se apresenta como uma denúncia à educação repressora e limitadora das mulheres na época e à situação das mulheres negras, que sofriam os estigmas relacionados à cor. O modelo de feminilidade vigente, retratado por Lima, impunha preceitos que muitas vezes iam de encontro às expectativas e possibilidades das mulheres. Tais regras limitavam-nas em todos os âmbitos, por meio de interditos, por exemplo em relação ao desempenho de um trabalho fora de casa e da liberdade de ir e vir, bem como através do cerceamento de sua expressão.

Nessa trajetória de estudos, detectou-se no romance a presença de questões como o casamento, a virgindade, a violência, bem como as diferenças de classe e cor que se interligam às questões de gênero. A investigação de tais questões permitiu um maior

aprofundamento na interpretação do comportamento da protagonista e das demais mulheres em associação aos modelos postos. Em relação a Dona Margarida, que é colocada como exemplo, apesar das limitações apresentadas a todas as mulheres, apresenta um perfil mais ativo, em oposição a Clara e Engrácia. Já Salustiana, incorpora preceitos de classe e cor para Clara.

Nessa abordagem foi importante compreender, com o auxílio dos estudos feministas, como se processou a configuração de um padrão cultural patriarcal, responsável por definir uma visão essencialista e desfavorável das mulheres e com base nisso, destinar a elas lugares subalternos na sociedade. A percepção de que tal modelo, que se utilizava de respaldo científico e de autoridades de diversos âmbitos, como o religioso e jurídico, trata-se de um meio de perpetuação da dominação masculina se mostrou importante para a compreensão da situação das personagens femininas e de seus comportamentos.

Então, a investigação sobre a representação da identidade realizada por Lima evidenciou a ocorrência na sociedade de uma série de preconceitos e a tentativa de padronização dos comportamentos da população. Diante disso, o questionamento dos modelos por Lima, torna nítido o processo de marginalização das classes menos favorecidas e o descompasso entre os parâmetros de identidade idealizados e a realidade.

Por fim, um aspecto vislumbrado durante os estudos aqui realizados poderia ser destacado: as ambiguidades de Lima Barreto. Alguns exemplos dessa característica do autor foram apontados no decorrer do trabalho, por exemplo, o fato de ele ser contra o feminismo, apesar de defender as mulheres e ainda de ele por vezes transparecer ou compartilhar de certos pontos de vista defendidos na época e que não correspondem à realidade, como em relação ao pensamento das mulheres.

É de suma importância ressaltar que ao se trazer à tona tais observações, longe de minimizar o valor de sua obra, o intuito dessa dissertação foi, apesar da admiração que Lima instiga por várias de suas posturas, muitas vezes à frente de seu tempo, procurar realizar uma leitura não-idealizada do autor, atentando para a sua humanidade, no sentido de que a contradição faz parte do ser humano.

Lima estava imerso em um contexto histórico e social repleto de contradições, como as desigualdades econômicas e o bovarismo da elite. E sobre o bovarismo, pode ser apontada mais uma amostra da contradição do autor, que embora fosse crítico, reconhecia essa característica em si mesmo ao tratar de sua relação com a família, pois se via com um modo de pensar e agir tão diferente dos seus parentes que isso os distanciava: “A minha vida de família tem sido uma atroz desgraça. Entre eu e ela há tanta dessemelhança, tanta cisão, que

eu não sei como adaptar-me. Será o meu ‘bovarismo?’” (BARRETO, 1956b, p. 91) Além disso, também se pode interpretar seu bovarismo como um indicador de sua insatisfação diante da realidade vivida por ele.

Por outro lado, essa postura de admitir os próprios enganos seria prova de sua capacidade crítica, que constituiria seu diferencial como escritor. Tal crítica às vezes se manifestava excessivamente contra ele mesmo: “Mulato, desorganizado, incompreensível e incompreendido, era a única coisa que me encheria de satisfação, ser inteligente, muito e muito!” (BARRETO, 1956b, p.135) Contudo, Lima, que se achava desorganizado, fez ele mesmo o inventário de todos os livros e artigos de sua biblioteca pessoal. Além disso, prova de sua inteligência estava na sua capacidade de ir além do que se convencionava na época, realizando sua própria leitura dos fatos, manifestando sua originalidade artística.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Jane Soares de. *Mulher e educação: a paixão pelo possível*. São Paulo: Editora UNESP, 1998.
- ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jaqueline. *O que é feminismo?* São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985.
- AMADO, Jorge. Lima Barreto escriptor popular. *A manhã*, Rio de Janeiro, 2 jul.1935, p.3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/116408/10802>. Acesso em: 31 ago. 2018.
- AMARAL JUNIOR, Amadeu. Vida e morte de Lima Barreto. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 06/08/1938. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/003581/23546>. Acesso em: 3 ago. 2018.
- BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964.
- BARBOSA, Lúvia. *O jeitinho brasileiro*. Rio de Janeiro: Campus, 1992.
- BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- BARRETO, Lima. A minha candidatura. *Careta*, Rio de Janeiro, p.33, num. 686, ano XIV, 13 de ago. 1921. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=083712>. Acesso em: 2 ago. 2020.
- BARRETO, Lima. *Bagatelas*. Rio de Janeiro : Empresa de Romances Populares, 1923.
- BARRETO, Lima. “Clara dos Anjos”. In: *Histórias e sonhos*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956a.
- BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Scipione, 2005.
- BARRETO, Lima. *Diário Íntimo: memórias*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956b.
- BARRETO, Lima. *Feiras e mafuás: artigos e crônicas*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956c.
- BARRETO, Lima. *Floreal*. Rio de Janeiro, Ano 1, nº1 . out.1907, p.4. Disponível em: <http://labelleuerj.com.br/acervo-digital/?id=59>. Acesso em: 4 set. 2020.
- BARRETO, Lima. “O destino da literatura”. In: Barreto, Lima. *Impressões de leitura: crítica*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956d. p.51-69.
- BARRETO, Lima. *Marginália: artigos e crônicas*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956e.
- BARRETO, Lima. *Sátiras e outras subversões*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2016.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: a experiência vivida*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: fatos e mitos*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BOLSANELLO, Maria Augusta. Darwinismo social, eugenia e racismo "científico": sua repercussão na sociedade e na educação brasileira. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 12, p. 153-165, 1996.

BOURDIEU, Pierre. Sobre o poder simbólico. In: BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2012. p.8-16.

BOTOSO, Altamir. Opressores e oprimidos: uma leitura do romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. *Revista de Letras da Universidade Católica de Brasília*, Brasília, DF, v. 6, n ½, p.49-66, dez. 2013. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RL/article/view/3807>. Acesso em: 4 set.2020.

BRASIL. Lei nº 581 de 04 de setembro de 1850. *Estabelece medidas para a repressão do tráfico de africanos neste Imperio*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM581.htm. Acesso em: 5 de set.2020.

BRASIL. Lei nº 3071, de 1º de janeiro de 1916. Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1910-1919/lei-3071-1-janeiro-1916-397989-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 11 nov. 2020.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do 'sexo'. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.p.152-172.

CABRAL, André Luiz de Lima. *Clara dos Anjos: a marca de discursos excluídos em Lima Barreto*. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1962. v. 2.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade: a era da informação*. São Paulo: Paz e Terra, 2000. Vol. 2.

CHALHOUB, Sidney. Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da *belle époque*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2001.

COSTA, Emilia Viotti da. *Da monarquia à república: momentos decisivos*. 7. ed. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1999.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: Edusc, 1999.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006.

DUARTE, Constância Lima. O cânone literário e a autoria feminina. In: AGUIAR, Neuma (org.). *Gênero e ciências humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997. p.85-94.

ESTEVES, Martha. *Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FERNANDES, Florestan. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.

FERREIRA, Luciana da Costa. Os percursos literários do leitor Lima Barreto. *Revista Garrafa*, Rio de Janeiro, v.9, n.26, p.1-13, 2011.

FERRETTI, Sérgio Figueiredo. *Repensando o sincretismo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; São Luís: FAPEMA, 1995.

FERRETI, Sérgio Figueiredo. Sincretismo e hibridismo na cultura popular. *Revista Pós Ciências Sociais*, Maranhão, v. 11, n. 21, 2014. p.15-34. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/2867>. Acesso em: 10 out. 2020.

FONSECA, Cláudia. Ser mulher, mãe e pobre. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto: 1997. p.510-553.

FONTES, Hermes. Typos em romance. *Correio Paulistano*, 19/051920, p.1. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/090972_07/1417. Acesso em: 30 ago. 2018.

GAMA, Maria Sandra da. *Entre mulheres e fronteiras, um escritor: lugares do feminino na obra de Lima Barreto (1902-1922)*. 2015. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

GERMANO, Idilva Maria Pinto. Os Brasis de Euclides da Cunha e Lima Barreto. *Revista de Letras*, v. 1, n. 17, 1995.

GRIECO, Agrippino. Vida literária: Lima Barreto- Comemoração do Centro de Cultura Brasileira. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 22 jul. 1923. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/110523_02/13264. Acesso em: 31 ago.2018.

GUIMARÃES, E. Lima Barreto. *A Cigarra*, Rio de Janeiro, 15/11/1922. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/003085/5506>. Acesso em: 31 ago.2018.

HAHNER, June E. *Pobreza e política: os pobres urbanos no Brasil-1870-1970*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1993.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000. p.103- 133.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Prólogo. In: BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956. p.9-19.

HOOKS, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

LIMA Barreto. *Diário Nacional: A democracia em marcha*, São Paulo, 1 nov. 1927. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/213829/770>. Acesso em: 31 ago. 2018.

LIMA Barreto. *O Pharol*, Rio de Janeiro, 04 de nov. de 1922. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/258822/39402>. Acesso em: 31 ago. 2018.

LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.

LLOSA, Mario Vargas. *A orgia perpétua: Flaubert e Madame Bovary*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

MARTINS, Ana Paula Antunes. O Sujeito “nas ondas” do Feminismo e o lugar do corpo na contemporaneidade. *Revista Café com Sociologia*, Alagoas, v.4, n. 1, p. 231-245, 2015.

MURICY, Andrade. Alencar. *Festa: Mensário de Pensamento e Arte*, Rio de Janeiro, 01 de dez. de 1927, p.3. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/docreader/164526/45> > Acesso em 30 de ago. de 2018.

NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro: Processo de um racismo mascarado*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978.

NEEDEL, Jeffrey D. *Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século do século*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1993.

OAKLEY, R.J. *Lima Barreto e o destino da literatura*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

PAULA JR, Josias de. Lima Barreto: Crítica literária e marginalidade social. In: XV CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 2017, Rio de Janeiro. *Anais eletrônicos do XV Congresso Internacional da ABRALIC*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2017. p.211-220. Disponível em: http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2017_1522165732.pdf. Acesso em: 02 de out. 2018.

PEIXOTO, Jarbas. Lima Barreto e Cruz e Souza. *Ilustração Brasileira*, Rio de Janeiro. Dez. 1925. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/107468/10020>. Acesso em: 31 ago. 2018.

PEREIRA, Elvya Ribeiro. Lima Barreto: um olhar deslocando-se. *Revista Léngua & Meia*, Feira de Santana, v.1,n.1, p.224- 236, 2002.

PEREIRA, Marcos Paulo Torres. Lima Barreto e o outro lado do espírito de modernidade: a vingança dos derrotados. *Letras Escreve*, Macapá, v.5, n.2, p.16-28, 2015.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: Edusc, 2005.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O Imaginário da cidade: visões literárias do urbano; Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. RS: UFRGS: 2002.

PESSOA, Reynaldo Xavier Carneiro, A ideia republicana no Brasil através de documentos: textos para seminários. São Paulo: Alfa-Omega, 1973.

PRADO, Antônio Arnoni. *Lima Barreto: o crítico e a crise*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

PRADO, Antônio Arnoni. *Lima Barreto*. Seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios. São Paulo: Abril Educação, 1980. (Literatura comentada).

PUBLICAÇÕES. *O Brasil*, Rio de Janeiro, 21 de fev. de 1923. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/028002/2169>. Acesso em: 03 ago. 2018.

PUBLICAÇÕES. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 24 de fev. de 1923. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/178691_05/12382. Acesso em: 02 ago. 2018.

RESENDE, Beatriz. Lima Barreto e a República. *Revista USP*, n.3, p. 89-94, 1989.

RESENDE, Beatriz. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Editora UNICAMP, 1993.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: evolução e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

RIBEIRO, Djamila. Para além da biologia: Beauvoir e a refutação do sexismo biológico. *Sapere Aude*, v.4, n.7, 2013.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

SAYERS, Raymond S. *O negro na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1958.

SCHEFFEL, Marcos Vinícius. *Estações de passagem da ficção de Lima Barreto*. São Paulo: Annablume, 2012.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Lima Barreto: triste visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SCOOT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p.49-80.

SEVCENKO, Nicolau. *A revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*. São Paulo: Cosac Naif, 2010.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SILVA, Pedro Santos da. *Afonso Henriques de Lima Barreto e o mito da identidade nacional*. 2007.162 f. Dissertação de mestrado (Mestrado em Literatura e Crítica Literária) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000. p.72-102.

SILVEIRA, Cristiane da. Entre a história e a literatura: a identidade nacional em Lima Barreto. *História: Questões e Debates*. Curitiba: UFPR, v. 44, n.1, p.115-146, 2006.

SKIDMORE, Thomas. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: DEL PRIORE, Mary. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 1997. p.362-400.

SOARES, José Wellington Dias. *Lima Barreto: Entre a ficção e a história*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.

Summario da imprensa. *Diario de Pernambuco*, Recife, 12 de set. de 1923. http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/9972. Acesso em: 05 ago. 2018.

Revista Souza Cruz. *A Noite*, Rio de Janeiro, 06 de abr. de 1923, p.2. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/348970_02/8904. Acesso em: 03 ago. 2018.

TATIT, Luís. *O século da canção*. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.

TEIXEIRA, Vera Regina. "Clara dos Anjos" de Lima Barreto: biópsia de uma sociedade. *Luso-Brazilian Review*. [s.l.], vol.17,nº 1, 1980, p. 41-50. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3513375>. Acesso em: 13 nov. 2020.

UMA manifestação a Lima Barreto. *A noite*, Rio de Janeiro, 14 de maio de 1920. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/348970_02/658. Acesso em 31 de ago. de 2018.

VASCONCELLOS, Eliane. A mulher na obra de Lima Barreto. In: *Travessia*, Santa Catarina, n.25, p.70-79, 1992a.

VASCONCELLOS, Eliane. Lima Barreto: misógino ou feminista? Uma leitura de suas crônicas. In: CANDIDO, Antonio (org.). *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Ed. Unicamp; Rio de Janeiro: FCRB, 1992b. p. 255-269.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000. p.7-72.

ZOLIN, Lúcia Osana. “Crítica feminista”. *In*: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (org.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009. p.217- 242.